



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/ CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA

MARIA ROSIANA SANTOS DE OLIVEIRA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABERES TRADICIONAIS: O ATO DE PARTEJAR NO
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PÁ DE 1970-1990.

ABAETETUBA/PARÁ

2019



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/ CAMETÁ
FACULDADE DE HISTÓRIA

MARIA ROSIANA SANTOS DE OLIVEIRA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABERES TRADICIONAIS: O ATO DE PARTEJAR NO
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA DE 1970-1990.

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à
Faculdade de História – FACTHO/UFPA- do Campus
Universitário do Tocantins-Cametá como um dos pré-
requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em
História, sob a orientação da profª. Drª. Benedita Celeste de
Moraes Pinto.

ABAETETUBA/PA

2019

MARIA ROSIANA SANTOS DE OLIVEIRA

HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABERES TRADICIONAIS: O ATO DE PARTEJAR NO
MUNICIPIO DE ABAETETUBA/PÁ DE 1970-1990.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof^a. MSC. Maria de Fátima Rodrigues Nunes
Avaliadora

Prof^a. MSC. Meurygreece Caldas Farias
Avaliadora

Abaetetuba/Pará

2019

“A história Humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz”.

Ferreira Gullar

Dedico esse trabalho a meus pais que são minha razão maior de existir, Lázaro Freitas e Dulcineia Cardoso;

Ao meu filho em especial por ser a minha força inspiradora para seguir em frente, Fábio Rafael;

Ao meu esposo, companheiro e amigo de todas as horas, Fábio Costa e as minhas queridas irmãs e irmão.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, sacrificando seu tempo e me apoiando direta ou indiretamente para obtenção deste sonho. Não foi nada fácil, mas o sacrifício passado valeu a pena.

Agradeço primeiramente a Deus, sem ele não poderia estar terminando este trabalho, é minha força superior a quem confio.

Agradeço aos meus pais por nunca desistirem de mim e se fazerem presentes ao meu lado, me ensinando qual o melhor caminho a seguir, repassando força e coragem sempre.

Agradeço ao meu filho que é minha força de inspiração para seguir em frente, a pesar de pequeno, sempre me compreendeu quando estava distante ou ocupada com as atividades acadêmicas, não podendo lhe dar atenção, várias vezes ele se mostrou uma criança forte me incentivando com coragem e firmeza.

Agradeço ao meu esposo, por estar sempre ao meu lado, me repassando confiança e apoio em todos os momentos da minha jornada.

Agradeço ao meu irmão e irmãs que me deram apoio incondicional em todos os momentos que precisei.

Agradeço a todas as parteiras, benzedeiras, puxadeiras e parturientes que abriram a porta das suas casas e com humildade compartilharam seus saberes, o qual foi fundamental para que esse trabalho pudesse acontecer, Agradeço também as demais pessoas que compartilharam informações valiosas comigo.

Agradeço a minha orientadora Benedita Celeste de Moraes Pinto, que abraçou meu projeto sem ao menos me conhecer, dedicando-se comigo arduamente no desenvolvimento deste trabalho, pelas noites e dias incansáveis que ela passou, pelas horas e horas de leitura destinadas a minha pesquisa, és uma mulher cheia de virtudes, guerreira e amiga, minha eterna gratidão, por tudo.

Agradeço aos meus queridos professores da faculdade de história, pelo compartilhamento de seus conhecimentos, que foram essências para minha vida profissional e pessoal.

Agradeço aos meus amigos e amigas de faculdade que estiveram ao meu lado nestes quatro anos desafiadores, dos quais vivemos momentos inesquecíveis. A minha querida amiga Bruna uma irmã que a faculdade me deu, me ajudando nos momentos alegres e difíceis da minha jornada, sempre meiga e carinhosa para comigo, obrigada por fazer parte da minha vida.

RESUMO

O presente estudo visa analisar através da oralidade os papéis sociais de parteiras tradicionais na cidade de Abaetetuba/ Pará, no período de 1970 a 1990, verificando que relevâncias exercem entre sua clientela, que contribuem para o reconhecimento e valorização de traços culturais e saberes tradicionais manipulados por estas mulheres. Da mesma forma, refletir a respeito dos papéis sociais de parteiras tradicionais, suas formas de fazer partos domiciliares, no intuito de compreender as práticas e cuidados por elas desenvolvidos, verificando como ocorrem os saberes e as práticas das mulheres parteiras diante dos avanços da medicina oficial, que se impõe sobre as técnicas tradicionais de partejar. Metodologicamente, a pesquisa se constituiu mediante o diálogo com estudos de autores, que auxiliaram teórica-metodicamente nas formulações das nossas análises, dentre os quais destaca-se: PINTO (2010, 2012, 2002), THOMPSON (2002), FLEISCHER (2011), MARY DEL PRIORY (1999), BARROSO (2009), SANTOS (2011), entre outros. Além da pesquisa de campo, mediante entrevistas realizadas com as parteiras e parturientes, cujas memórias e trajetórias de vida propiciaram conhecer o contexto histórico que vivenciaram, bem como os diferentes papeis sociais que desempenharam para com a população que, através dos seus saberes cuidavam, de todos sem distinção. Dados da pesquisa mostraram que na cidade de Abaetetuba, as práticas tradicionais ainda são de grande importância para a população, no entanto, as parteiras não são reconhecidas pelo trabalho de partejar, mas sim pelas habilidades de puxações; feitura de remédios a base de ervas medicinais e benzeções, que continuam realizando nesta cidade. Práticas pelas quais se tornam muito respeitadas pelas pessoas que atendem, mas infelizmente, não pelo poder público, que mostra desvalorização pelo trabalho das mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Parteiras Tradicionais, Memórias e Saberes em Abaetetuba/Pará.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	09
CAPITULO I	
A ARTE DE PARTEJAR EM ABAETETUBA, ULTRAPASSANDO AS BARREIRAS E RECONSTITUINDO SABERES.....	20
1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DO PARTEJO EM ABAETETUBA/ PARÁ.....	21
1.2 O PARTO DOMICILIAR E SUA IMPORTÂNCIA PARA A POPULAÇÃO ABAETETUBENSE.....	32
1.3 A INFLUENCIA EXERCIDA PELA RELIGIÃO NAS PRÁTICAS TRADICIONAIS.....	37
1.4 OS PARTOS DOMICILIARES.....	39
1.5 OS SABERES TRADICIONAIS SE RECONSTITUINDO EM FACE DA MEDICINA FORMAL.....	43
CAPITULO II	
AS EXPERIENTES: PARTEIRAS TRADICIONAIS SINÔNIMO DE AMOR AO PRÓXIMO.....	51
2.1 HISTÓRIAS QUE ENCANTAM: PARTEIRAS TRADICIONAIS DE ABAETETUBA /PARÁ.....	52.
2.2 O ATO DE PUXAR: CONFORTO PARA AS MÃES LUZ PARA OS BEBÊS...	60
2.3 OS CUIDADOS DA PARTEIRA PARA COM OS BEBÊS E PARTURIENTES.....	69
2.4 A SERVIÇO DO AMOR: PARTEJO PELAS MÃOS DAS IRMÃS XAVERIANAS.....	75
CAPITULO III	
PELA MEMÓRIA DE QUEM VIVE A HISTÓRIA PERMANECE: SABERES TRADICIONAIS FRENTE ÀS POLITICAS PÚBLICAS.....	84
3.1 O SABER FORMAL E SEUS ESTEREÓTIPOS FRENTE AS PRÁTICAS TRADICIONAIS.....	85
3.2 O TRABALHO DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS FRENTE AS POLÍTICAS PÚBLICAS.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA.....	106
BIBLIOGRAFIA.....	108

CONSIDERAÇÕES INICIAIS E CAMINHOS DA PESQUISA

O presente estudo visa analisar através da oralidade os papéis sociais de parteiras tradicionais na cidade de Abaetetuba/ Pará, no período de 1970 a 1990, verificando que relevâncias exercem entre sua clientela, que contribuem para o reconhecimento e valorização de traços culturais e saberes tradicionais manipulados por estas mulheres. Da mesma forma, refletir a respeito dos papéis sociais de parteiras tradicionais, suas formas de fazer partos domiciliares, no intuito de compreender as práticas e cuidados por elas desenvolvidos, verificando como ocorrem os saberes e as práticas das mulheres parteiras diante dos avanços da medicina oficial, que se impõe sobre as técnicas tradicionais de partejar.

Por muito tempo as mulheres foram silenciadas pela historiografia, assim como vários grupos que também foram esquecidos, elas foram postas a margem da história como se não possuíssem uma. Com a virada antropológica década de 70-80 esses grupos começaram a vir à tona, ou seja, novos temas e abordagens que antes não eram trabalhados ou discutidos começaram a ser debatidos e a história das mulheres passou a ser estudada com mais ênfase por alguns historiadores e pesquisadores (SANTOS, Irineia, 2010). Contudo, necessita-se ainda de mais estudos e escritos sobre essas abordagens, para que assim possa-se evitar o esquecimento desses grupos, evidenciando de fato a importância e as contribuições que cada um deles teve na história, possibilitando que sejam lembrados e relembrados, a fim de conscientizar a todos que eles sempre estiveram presentes cada um com seu modo de vida, com sua cultura, com sua identidade, esperando para que sua voz ecoasse em todos os cantos, mostrando que eles fizeram e continuam fazendo a diferença na vida de muitas pessoas (PINTO 2010).

Nesse sentido, referências no ato de partejar, as mulheres parteiras sempre se fizeram presentes na vida da população brasileira, em um determinado momento, espaço de tempo, não há uma família que nunca tenha recorrido aos saberes dessas mulheres (PINTO 2010). Apesar das transformações ocorridas ao longo do tempo, e dos grandes avanços tecnológicos, as práticas tradicionais ainda se constituem de fundamental importância em vários lugares desse Brasil, e em Abaetetuba/Pará não é diferente, essas práticas se

constituem ainda de grande ajuda para grande parte da população, que conhece a força que esses saberes possuem.

Assim estudar a história das parteiras na cidade de Abaetetuba/Pará, permite-me entender não somente o grupo em questão, mas também suas contribuições no âmbito social cultural para com a comunidade, enfim a nossa história, onde mesmo sem registros escritos essas mulheres foram e são capazes de construir e reconstruir sua história, suas experiências de vida, por meio da oralidade, permitindo que se compreenda o presente das mesmas, através das lembranças e vivências passadas na busca de valores e concepções acerca do que somos.

Segundo a autora Mary Del Priore (1999) é preciso haver uma relação entre antropologia e história para que se possa compreender o processo histórico e análise das percepções dos atores históricos, obtendo um novo olhar sobre os grupos sociais que de fato contribuíram para com a sociedade (DEL PRIORE, 1999).

Scott 2011 evidencia que as mulheres sempre estiveram presentes participantes da história, precisando apenas mobiliza-las, para que assim suas vozes pudessem ecoar.

O movimento das mulheres pressupôs a existência das mulheres como uma categoria social separada, definível, cujos membros necessitam de apenas ser mobilizados. A história das mulheres confirmou assim a realidade da categoria “mulheres”, sua existência anterior ao movimento contemporâneo, suas necessidades inerentes, seus interesses e suas características, dando-lhe uma história (SCOTT, Joan, 2011 p.86)

Estudar as histórias de parteiras, suas práticas e saberes como temática permitiu-me adentrar em um universo do qual eu pouco conhecia. Porém, do qual eu faço parte, pois minha mãe sempre me contou as histórias de como minhas irmãs e eu havíamos nascido, o que me causava inquietações para conhecer a parteira que me ajudou a vim ao mundo, já que minha mãe teve sete filhos, dos quais cinco filhas nasceram auxiliadas pelas mãos de parteiras tradicionais. Por isso eu ficava a imaginar se a parteira que me ajudou a nascer ainda era viva, e como seria, uma vez que eu somente ouvia falar dela através das conversas com minha mãe, outra questão que despertou meu interesse pelo tema, foi que eu vivenciei na minha família a prática do partejo tradicional, através da minha avó materna que exercia essa prática de partejar, da qual me lembro de ter presenciado um parto realizado por ela quando ainda era pequena, no entanto, ela pouco exercia essa prática, pois não queria aceitar que tinha esse dom e somente realizava em caso de urgência. Ligados também a esses saberes, meus avós paternos exerciam a prática de benzer, na qual eram muito requisitados por várias pessoas, eu mesma, pequena acompanhava minha avó nas casas das pessoas da qual ela iria benzer. Daí o interesse para estudar as histórias e práticas destas mulheres na cidade de

Abaetetuba, já que se constitui também parte da história da minha família e devido não se ter praticamente nada escrito a respeito desses saberes e pouco se falar a respeito dos mesmos decidi ainda mais, pesquisar sobre esse tema, assim como, a respeito dos tipos de relações que as mesmas possuíam e possuem para com a sua clientela e com a sociedade a partir de suas atuações, bem como, a importância que representam para as parturientes, que dependiam dessas parteiras para realização dos partos.

Daí a relevância de se escrever este trabalho, uma forma de contribuir para que os habitantes de Abaetetuba possam perceber e reconhecer o valor e a importância que as práticas e saberes tradicionais de mulheres parteiras tiveram e continuam tendo neste Município, principalmente, por parte do poder público, no sentido de promover políticas públicas, que atendam as mesmas e as valorizem com respeito e direito que elas merecem. Uma vez que, segundo Jim Sharpe (1992), estudar os grupos que por muito tempo se mantiveram no anonimato se torna de grande relevância, trazer essas memórias vistas de baixo é proporcionar que elas ganhem maior visibilidade:

Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos, por evidências inexploradas (SHARPE, Jim 1992, p. 62).

Dessa forma, objetivo deste trabalho é analisar através da oralidade os papéis sociais de parteiras tradicionais na cidade de Abaetetuba/ Pará, no período de 1970 a 1990, verificando que relevâncias exercem entre sua clientela, que contribuem para o reconhecimento e valorização de traços culturais e saberes tradicionais manipulados por estas mulheres. Mostrando, assim, o significado do saber fazer dessas mulheres guerreiras e corajosas que apesar do tempo resistem com seus saberes. Tenta-se, portanto, problematizar através de entrevistas com as parteiras e parturientes valores do parto, bem como esses partos domiciliares eram realizados, uma vez que, essas práticas tradicionais ainda se constituem de fundamental importância nessa região, onde o saber formal é atuante. Dessa forma, através da oralidade, que se constitui fonte primordial deste estudo, vislumbra-se compreender o trabalho desenvolvido pelas parteiras, suas trajetórias de vida, o contexto histórico que elas vivenciaram, bem como os diferentes papéis sociais desempenhados pelas mesmas para com a população, que através dos seus saberes, cuidavam de todos sem distinção.

Para tanto, metodologicamente, este trabalho se constituiu mediante o diálogo com estudos de autores, que auxiliaram teórica-metodicamente nas formulações das análises da sua tessitura, dentre os quais destaca-se: PINTO (2010, 2012, 2002), THOMPSON (2002), FLEISCHER (2006), MARY DEL PRIORY (1999), BARROSO (2009), SANTOS (2011), entre outros. No mesmo sentido, foi realizada a pesquisa de campo, mediante entrevistas realizadas com as parteiras, sua clientela e parentes. Pude observar no decorrer da pesquisa que a prática de partejo tradicional vem se reestruturando no município de Abaetetuba, contudo, pouco ainda se tem registrado a respeito do mesmo, não havendo, portanto, valorização e reconhecimento das parteiras, principalmente pelo poder público, que de certa forma ignora essas práticas. E que, infelizmente, se observa a falta de incentivos e políticas que atendam as parteiras por parte dos governantes, que faz com que essas práticas tornassem-se na maioria das vezes esquecidas pela população. Por outro lado, conforme afirma Pinto, essas práticas ainda são muito utilizadas, principalmente em regiões longínquas em que a medicina formal não chega (PINTO, 2010).

Tais análises reforçam a importância deste estudo cuja temática aborda histórias e saberes de mulheres parteiras, visto que a visibilidade dos seus feitos ajuda no reconhecimento e na valorização e afirmação da sua identidade, além de preencher lacunas deixadas pela historiografia tendo como foco histórias de vida, experiências, saberes de mulheres parteiras tradicionais, que tanto fizeram pela sua gente na região.

Na concepção de Pinto, no campo tecnicista os homens são os que mais aparecem na historiografia, como se fossem superiores as mulheres, no entanto, isso se deve devido falta de escritos a respeito das histórias das mulheres, dos seus saberes, das suas práticas, que ficavam somente na memória, as quais não foram dadas a devida importância. No entanto, essas mulheres sempre estiveram presentes em todos os lugares, realizando suas práticas em prol da população, daí as parteiras serem consideradas as primeiras médicas a atuar no Brasil, com um conhecimento tradicional repassado através de gerações, conseguiam salvar vidas, através dos remédios caseiros, a base de ervas naturais, realizavam o partejo domiciliar, que se estendia em todos os lugares onde eram chamadas, puxavam e benziam, retirando do enfermo os males a que estavam submetidos, através da força da natureza e das divindades a quem elas acreditavam serem seus guias, essas mulheres possuíam toda uma simbologia, baseada no sobrenatural, mágico. Portanto, os saberes tradicionais se constituíam e ainda constituem de suma importância principalmente em regiões onde ainda não chegam as políticas públicas (PINTO, 2012)

Com a introdução da medicina formal na cidade, as práticas de partejo domiciliar passaram a sofrer interferência das mesmas, nesse sentido a falta de incentivos por parte dos governantes para com as parteiras, tornou-se fator preponderante, onde se acentua a desvalorização das mesmas e de seus ofícios tradicionais sendo na maioria das vezes tratadas como ignorantes e vistas com maus olhos pela medicina formal (PEREIRA, 2011).

No Brasil colonial, as práticas tradicionais eram os principais meios de cura e ajuda à população já que a medicina formal ainda não era perceptível, segundo o autor Sousa (2015), a chamada medicina popular era a que chegava a todas as partes da região tornando-se reconhecidas por toda a comunidade, que a pesar de serem muitas vezes taxados como bruxos, feiticeiros os saberes populares tornaram-se bastante desenvolvidos por volta do século XVIII, sendo que, através da memória estes saberes foram preservados e repassados de geração a geração pelos agentes históricos, pois as parteiras, benzedeiras, curandeiras são construtores de conhecimentos históricos, portanto, devem ser protagonistas de sua história, lembrados e relembrados todos os dias por toda a ajuda prestada a população e por vários ensinamentos repassados até hoje a várias comunidades, desde as mais distantes onde a tecnologia não chega até mesmo nas cidades em meio a medicina formal, na qual se tem evidenciado a resistência dos saberes populares (SOUSA, 2015).

As parteiras na cidade de Abaetetuba/Pará sempre estiveram ajudando a população, em todos os cantos da cidade, ilhas e estradas, se mantendo aptas, capazes. Pelo fato de não haver hospitais especializados no período, e as locomoções até a capital ou cidades vizinhas serem muito complicadas, até mesmo no próprio município, as parteiras encontravam dificuldades para realização de suas práticas, por isso se deslocavam quase sempre a pé ou de canoas pequenas, quando tinham que prestar ajuda nas ilhas, enfrentando maresias, chuva, sol e até fome. Pois, eram vistas como o socorro da população, principalmente, das mais carentes, que dependiam do saber das mesmas, e mesmo diante das dificuldades enfrentavam firmemente os problemas.

É importante ressaltar que, apesar da existência de uma clínica particular na cidade, havia mulheres de famílias com o poder aquisitivo maiores que também recorriam as parteiras, pela confiança que as mesmas repassavam, pela cumplicidade e respeito, da qual podiam contar com essa amiga de todas as horas.

As parteiras sempre realizaram seus trabalhos a base do amor por servir ao próximo, assim como as irmãs Xaverianas¹ que também vieram somar na cidade na arte de partejar que compartilhavam das mesmas dificuldades enfrentadas pelas parteiras tradicionais, essas irmãs missionárias de Maria vinham da Itália não somente para o Brasil, como também para outros países como Grandes Lagos da África, no objetivo de desenvolver trabalhos sociais com as populações necessitadas e levar palavra de amor e paz, vivendo em missão de ajudar, dedicadas em projetos pastorais, catequéticos, caritativas, de saúde entre outros, mantendo-se fieis ao amor de Jesus. Nesse sentido, as parturientes se sentiam acolhidas pelo fato das parteiras sempre estarem ao lado, acompanhando desde o início da gravidez até o parto e pós-parto, existindo uma cumplicidade entre ambas, baseada em laços fraternal, que se entrelaçava em solidariedade, de doar tempo para ajudar, ao lado das parturientes se mantinham sempre atuantes, e quando não tinham recursos na maioria dos casos dividiam seu próprio alimento com elas. Quando da possibilidade de cobrar pelo partejo, as parturientes que possuísem uma boa condição pagavam uma pequena taxa, para ajudar com as despesas, mas na grande maioria das vezes, não cobravam nada por suas práticas, pois diziam que se era um dom, elas deviam ajudar sem pretender-se receber nada em troca (PINTO 2010).

Durante a pesquisa um fator que me chamou muita atenção, que duas parteiras entrevistadas informaram, é que além de realizar o parto, elas também ficavam com as crianças nascidas, uma vez que eram deixadas pelas parturientes que não tinham condições de cria-las. Desta forma, essas crianças eram doadas ou criadas pela parteira, como dona Clotilde, uma parteira que mesmo sem condições exerceu o papel de mãe dessas crianças.

Segundo Silva, as práticas tradicionais estão presentes em várias regiões desse Brasil, no qual as parteiras se constituem de suma importância, principalmente nas regiões norte e nordeste,

No Brasil, anualmente, inúmeros são os partos domiciliares, desses a maioria são assistidos por parteiras tradicionais, que se fazem presentes em todas as regiões do país, mas com uma tendência muito forte na região Norte e Nordeste do Brasil onde essa tradição é mais forte [...] as parteiras são responsáveis por 450 mil partos todos os anos, trazendo ao mundo 18% das crianças nascidas no Brasil. São 45 mil mulheres só na região Norte e Nordeste (SILVA, Andrea, 2017, p. 9).

¹ As irmãs Xaverianas fazem parte de uma congregação religiosa de missionários que tem como finalidade o anúncio da Boa Notícia do Reino de Deus aos que não conhecem Jesus. Fazem opção pelos pobres, fracos, o marginalizados da sociedade, vítimas da opressão e da injustiça. Seu fundador desta congregação é São Guido Maria Conforti, um bispo italiano que, sendo impossibilitado de realizar seu sonho de ser missionário, fundou um instituto que leva o nome de São Francisco Xavier, grande jesuíta do século XVI (rquidiocesecampinas.com/location/comunidade-xaverianos/).

Na área rural as parteiras são ainda o único meio de ajuda da população, onde continuam fortes e resistentes, sendo que nessas regiões as práticas tradicionais são realizadas com frequência. Pinto afirma que nessas áreas a comunidade respeita e valoriza o trabalho dessas mulheres (PINTO, 2002).

No intuito de analisar o desenvolvimento das práticas tradicionais e de como ocorrem os saberes das mulheres parteiras, diante dos avanços da medicina formal que se opõem sobre as técnicas tradicionais de partejar, propus o recorte temporal que vai da década de 70 a 90, tendo visto que esse período compreende uma época da qual as parteiras eram as únicas a realizar os partos, haja vista também que não havia hospitais nesse período e que, portanto, o saber formal ainda não se fazia perceptível, porém já na metade da década de 80 é quando se inicia as práticas tecnicistas, o parto tradicional vai perdendo espaço o que ganha maior proporção no final da década de 90, quando os trabalhos de partejar pelas mãos das parteiras vão se reestruturando e a puxação passa a ser utilizada como a principal prática a ser realizada junto da benzeção.

Contudo, conforme afirma Moema, Diana e Silvéria, a medicina formal tende a contribuir para que as práticas tradicionais, sejam desvalorizadas e dessa forma esquecidas, assim tentam tornar os saberes populares ilegítimos (Moema, Diana e Silvéria, 2009).

Entender a atuação das parteiras se faz necessário, a relação das mesmas com a comunidade onde atuam, no qual seus saberes ainda se constituem essenciais, principalmente nas comunidades ribeirinhas, repassados através de ajudas desenvolvidas pelas mesmas nessas áreas, promovendo reconhecimento e a valorização dessas mulheres, além da grande aproximação com a população local, que acreditam no poder da experiência tradicional, buscando a solução dos seus problemas nessas sábias mulheres (PINTO, 2010).

Impõe-se a necessidade de documentar a experiência vivida como possibilidade de abrir caminhos novos. Outras interpretações de identidades femininas somente virão à luz na medida em que experiências vividas em diferentes conjunturas do passado forem gradativamente documentadas, a fim de que possa emergir não apenas a história da dominação mas sobretudo os papéis informais as improvisações a resistência das mulheres (DIAS, 1995, p.374, apud, PINTO, 2012, p.).

Em Pernambuco as práticas tradicionais são bastante evidenciadas, por meio de projetos que vem sendo desenvolvidos para atender as parteiras na região como o do Grupo Curumim e Cais do Porto, da mesma forma no Amapá, por meio de organizações as parteiras tomam frente para lutar por seus direitos, isso permite a elas maior reconhecimento e

valorização, por parte da população, enquanto que, para o Ministério do trabalho as práticas das parteiras como profissão acabam não sendo reconhecidas (PINTO, 2010).

Todavia, para que esta pesquisa pudesse ser realizada a oralidade torna-se fonte essencial do trabalho de forma que pelos relatos com as parturientes e parteiras o trabalho ganhou proporções grandiosas. No decorrer da pesquisa de campo, foi realizada também entrevista formal com dois médicos obstetras da cidade em estudo, no intuito de analisar a visão dos mesmos para com as práticas tradicionais, técnicos de saúde e secretários também, para que se pudesse ter uma análise do ponto de vista dos mesmos no ato de partejar, uma vez que se constituem detentores do saber formal do qual se tem um embate em relação as práticas tradicionais. Nesse sentido, segundo Thompson, trabalhar com a oralidade permitiu-me evidenciar múltiplas pessoas quem não possuíam visibilidade por suas técnicas tradicionais, nesse caso específico as parteiras, através das suas histórias de vida, através das suas falas foi possível evidenciar memórias que estão guardadas esperando para serem postas, compartilhadas, neste sentido os personagens passam a serem sujeitos de suas histórias (THOMPSON, 1992).

Ao trabalhar com a memória tem-se a preocupação de se estabelecer a coletividade ou individualidade, dessa forma as parteiras dotadas de conhecimentos tem muito a nos ensinar com seus saberes que ajudaram e ajudam ainda tantas comunidades, exercendo muitas vezes o papel de mães das crianças que eram deixadas após o parto em suas mãos, portanto problematizar a importância que as mesmas exercem na vida das mulheres, bem como suas trajetórias de vida e atuação frente às políticas públicas torna-se necessário, como se pode evidenciar no trabalho de Delgado, a memória relacionada com o tempo de forma que os sujeitos históricos são sempre partes desse processo, dos quais os espaços estão sempre constituídos de informações (DELGADO, 2003, <https://moodle.ufsc.br>)

Graças a memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado, ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança (POULETE, 1992, p.54-5, apud, DELGADO, 2003 p.14).

Desse modo, a constituição do presente estudo só foi possível graças o diálogo com autores que me ajudaram metodologicamente e teoricamente na compreensão do que se pretendia analisar, pois era de interesse primeiramente trabalhar a temática da pesquisa de forma ampla no município de Abaetetuba, que compreendesse as estradas, as ilhas e cidade, no entanto por conta do tempo, e por já haver grandes trabalhos mostrando o saber tradicional na área rural e ilhas, ressalto aqui trabalhos da autora B. Celeste M. Pinto, principalmente o

livro **“Filhas da Mata”: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantins** (2010) foi essencial para que eu pudesse entender como ocorriam tais práticas, o modo de atuação das parteiras no baixo Tocantins, suas lutas, o embate travado pela medicina formal, a oralidade como fonte importante em uma pesquisa, entre outros.

O trabalho **Nas veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados Amazônia (2004)** também da autora B.C.M. Pinto, me permitiu entender a respeito dos diferentes papéis que as mulheres parteiras desempenharam e/ou desempenham nas regiões quilombolas bem como as dificuldades por elas enfrentadas, na quais é perceptível um embate entre a medicina formal e tradicional. Da mesma forma, também destaco o trabalho de Barroso **“Os saberes de parteiras Tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas Rurais”** (2009), através do qual pude ter uma visão ampla do significado do parto para cada pessoa, bem como o poder que essas práticas tem na região do Amapá, que levou a criação de programas de parteiras em parceria com o Ministério da Saúde sendo que foi importante para que se buscasse a valorização das mesmas. Contudo, e diante desses e outros trabalhos grandiosos que saltam aos olhos do leitor me propus a trabalhar o tema sobre as práticas e saberes tradicionais na cidade de Abaetetuba/Pará, para que também possa ser evidenciado as práticas e os saberes dessas mulheres e a busca pela valorização das mesmas nessa localidade.

Nesse sentido, para desenvolver o presente estudo foram realizadas entrevistas com, cinco parteiras da cidade de Abaetetuba/Pará, que possuem idade entre 50 a 81 anos, sendo que cada uma possui uma forma de atuação, são mulheres católicas, mães de santo, e irmãs Xaverianas, das quais apenas três continuam atuantes com seus saberes, mostrando que as práticas tradicionais estão resistindo. Além das parteiras, também foram realizadas entrevistas com parturientes da cidade que tiveram seus filhos com parteiras ou que precisaram dos saberes das parteiras. A seguir evidencia-se informações a respeito das parteiras entrevistadas:

Clotilde Lobato da Silva, de 75 anos, viúva, mãe de santo, parteira tradicional e puxadeira, atualmente se encontra aposentada por idade, e segue exercendo em sua casa a prática da puxação, participou do curso de capacitação de parteiras, no entanto desenvolveu seu primeiro trabalho aos 14 anos de idade, e desde desse dia diz que não parou mais, e que se tivesse oportunidade de fazer partos nos hospitais, iria salvar muitas vidas, não teve nenhum filho biológico, contudo criou mais de 30 crianças deixadas em suas mãos, com amor e carinho e muita responsabilidade.

A Parteira dona Maria da consolação Carvalho de Araújo de 68 anos de idade, viúva, mãe de Santo, exerceu seu ofício de partejar com 24 anos, formou-se em técnica de enfermagem e atualmente atua como puxadeira e benzedeira, receber auxílio doença do governo pelas várias cirurgias que se submetida, é mãe de dois filhos, e diz que para atuar tem que ter o dom, realiza os procedimentos em sua casa e pede primeiramente permissão aos seus guias e a Deus para qualquer trabalho que irá realizar.

Outra parteira da cidade de Abaetetuba é Dona Euladia Pereira de 74 anos de idade, que iniciou sua prática aos 15 anos através dos ensinamentos de seus pais, é aposentada por idade, embora não atue mais no partejo continua exercendo o ofício de puxadeira e benzedeira no seu lar ou onde é chamada a ir, é adepta do catolicismo, porém tem seus guias protetores que lhe ajudam.

Dona Rosenil Santos Silva de 53 anos, também exerceu o partejo desde os 14 ou 15 anos, depois realizou curso de técnica de enfermagem, atuou em hospitais da capital e da cidade, porém não mais prosseguiu a arte de partejar, tanto a domicílio quanto nos hospitais, é solteira e atua apenas como enfermeira domiciliar, aplicando injetáveis, soro e fazendo curativos na casa.

A parteira e Irmã Antonietta Negreto de 81, Católica, irmã Xaveriana, dedicou-se desde cedo a prática do bem, deixando de atuar no partejo em 1984, quando a partir do surgimento do hospital na cidade de Abaetetuba a mesma ficou auxiliando as mulheres em consultas do pré-natal e de crianças no hospital das Irmãs, além de desenvolver projetos como da pastoral do menor e da família, voltado para ajudar a população carente da região, atualmente se encontra aposentada por idade e servindo a Deus como parte de sua missão.

Todas as parteiras entrevistadas mostraram-se ter um carinho e amor imenso por tudo o que fizeram e fazem pela população, me cederam parte do seu tempo em entrevista informais, que ocasionou neste trabalho, diante da qual são postos seus saberes na dádiva do conhecimento e responsabilidade que as mesmas possuem, gerando respeito e carinho por todos que das parteiras necessitaram. Conhecimentos que se traduzem no bem, na sabedoria, na fé, no dom divino, do mágico que surge de um poder sobrenatural de fazer o bem a todos sem distinção. Portanto como não falar da importância dessas parteiras que doaram seu tempo, sua vida na prática de salvar vidas.

O presente trabalho está constituído em três Capítulos. O primeiro Capítulo, *“A Arte de Partejar em Abaetetuba/Pará, Ultrapassando Barreiras e Reconstituindo Saberes”*, faz uma abordagem acerca da história do partejo em Abaetetuba/Pará, bem como em outras regiões, analisando como os saberes tradicionais se perpetuaram mesmo diante das práticas formais

na cidade, mostrando a importância que os mesmos representaram e/ou representam para a população.

No segundo capítulo, “*As Experientes: Parteiras Tradicionais sinônimo de Amor ao Próximo*” procurou-se evidenciar a trajetória de vida das parteiras na cidade de Abaetetuba, inclui-se nesse grupo também as irmãs xaverianas, trazendo análises de vida, luta, determinação e resistência dessas mulheres, o modo de saber fazer, as técnicas por elas utilizadas, e o cuidado que as mesmas possuíam para com a mãe e o bebê, antes, durante e depois do parto, bem como, as dificuldades que enfrentavam durante seus ofícios.

O terceiro capítulo, “*Pela Memória de quem Vive a História Permanece: Saberes Tradicionais Frente as Políticas Públicas*”, realiza análises a respeito da visão dos saberes formais e informais, as práticas tradicionais, os preconceitos e os discursos médicos para com o trabalho das parteiras na tentativa de sobreposição desses saberes. Busca-se compreender nesse capítulo como as parteiras se encontram frente as políticas públicas, e se há projetos que atendam essas parteiras na cidade, neste sentido se há valorização do ofício de partejar e reconhecimento deste ofício pelo poder público, bem como seus questionamentos a respeito desse saber formal, no sentido de entender os impactos que esse saber causou ou/ causa sobre as práticas tradicionais, buscando-se assim o reconhecimento, a valorização e a luta contra o esquecimento dos saberes tradicionais na cidade.

CAPITULO I

A ARTE DE PARTEJAR EM ABAETETUBA, ULTRAPASSANDO AS BARREIRAS E RECONSTITUINDO SABERES.

1.1- UMA BREVE HISTÓRIA DO PARTEJO NA CIDADE DE ABAETETUBA / PARÁ

O ato de partejar tradicional no Brasil vem de longos séculos, desde o período da colonização. Em Abaetetuba essa pratica não é diferente, o partejo tradicional data de décadas, que pelas mãos de experientes parteiras centenas de vida vieram ao mundo.

Abaetetuba localizada no nordeste paraense distante 101 5 km da capital (Belém) no baixo Tocantins, fundada em 1724 segundo alguns populares por Francisco de Azevedo Monteiro, é pertencente à microrregião de Cametá e possuidora de uma população de aproximadamente 153 380 habitantes, o que faz dela a 7ª cidade mais populosa do estado do Pará. Abaetetuba fica próxima de municípios vizinhos, como Igarapé-Miri, Mojú e Barcarena.

Nas imagens a seguir podemos observar no mapa a localização do município de Abaetetuba, bem como os municípios vizinhos e seus bairros.



Fonte: <http://cod.ibge.gov.br>.

PINTO (2010), FARIAS (2013), SOARES (2017) entre outros, para designar a forma intelectual, moderna, avançada de formação acadêmica aprendida na universidade, que passa a se constituir no campo do saber como detentoras de todo conhecimento, as práticas tradicionais vão se resignificando e os partos antes realizados no convívio domiciliar passaram a ser em sua maioria realizada por esta nova forma de saber que tenta subjugar qualquer outro tipo de prática contrária a sua atuação, Segundo as autoras Barbosa CM, Dias MD, Silva MSS et al (2013).

Estimasse que existam mais de 60 mil parteiras em atuação no Brasil, sendo que 45 mil atuam nas regiões Norte e Nordeste. Elas são responsáveis pela realização de 450 mil partos todos os anos, e o mérito dessas profissionais aumenta se considerarmos que, normalmente, atuam em áreas do país onde quase não há assistência médica (CM, Dias MD, Silva MSS et al, 2013, pág 2).

Os partos tradicionais eram realizados pelas mãos de parteiras, que dotadas de experiência prestavam socorro a toda população, desde áreas mais próximas até as mais distantes, mulheres de saber incomparável que prestavam socorro a todos e na maioria das vezes sem cobrar nada, não medindo esforços para ajudar quem precisasse (PINTO 2008).

Segundo Sousa (2015) durante o período colonial a medicina tradicional era a único meio de cura que existia, pois foi com o advento da família real no Brasil, no período imperial que o desenvolvimento da medicina formal começou a surgir. No início do império no Brasil, não existiam médicos especialistas como na Europa, dessa forma as práticas de cura aconteciam a partir da experiência de pessoas que apesar de não obterem estudo, obtinham muitos conhecimentos provindos de um dom divino, cujo mesmo era transmitido através de gerações.

Essas pessoas eram em sua maioria negros livres, escravos e os chamados barbeiros, que ajudavam a aliviar as dores e promoviam a cura da população, muitos produtos a base de ervas, plantas medicinais assim conhecidos, eram consumidos, onde se obtinham um resultado excelente. Como as regiões eram distantes a medicina informal ganhava cada vez mais proporções, porém era necessária uma aprovação dada pelo Capitão Mor para que tais práticas fossem realizadas (PINTO, 2010), começa a haver uma intervenção a partir desse momento da modernização, contudo como eram regiões de longa distância em que a medicina formal não alcançava as práticas tradicionais diferentemente da primeira citada, atingiam desde comunidades próximas até as mais longínquas prevaleciam assim com maior intensidade como exemplifica o autor Sousa (2015),

Dotados de uma formação deficiente, os chamados doutores itinerários exerciam suas artes de curar por toda a colônia, a pé ou a cavalo levando seus saberes as

mais longínquas regiões. [...] O uso de ervas e raízes nativas, utilizadas na cura de várias doenças que até hoje são reconhecidas pela medicina, surtia mais efeito do que os utilizados pela medicina formal (SOUSA, 2015 p 2,3).

Portanto, as benzedeiras, parteiras, curandeiras e outros conhecedores das práticas popular tornavam-se reconhecidos pela população, pois aplicavam seus saberes em favor da mesma não importando quem fosse. Homens e mulheres, onde em meio as recordações relembram suas experiências através da memória e por meio desta, experiências são preservadas, dessa forma pode salientar que os donos (as) desses saberes são construtores de conhecimento histórico devendo ser protagonistas de suas histórias, pois sempre foram os principais recursos de comunidades em um período que a medicina formal não era perceptível e não alcançava a todos.

Diversas comunidades no Brasil, principalmente em regiões de difícil acesso como ilhas, estradas, ramais, sertões, pantanais, enfim na cidade também, as práticas tradicionais eram ou/são frequentes, as vozes que teimavam/temem em silenciar ecoam como um sopro de socorro, as parteiras com seus saberes ajudavam e ajudam a todos que buscam por elas, pelos seus ofícios. De acordo com Barbosa Cm, Md, Silva Mss et al, as práticas de partejar continuam presentes no município de Casserengue, Estado da Paraíba, onde a confiança permanece nas mãos das parteiras, que respeitam cada parturiente, suas opiniões, seu corpo, isso permite que a cultura seja valorizada, pautadas na segurança transmitida pelas conhecedoras da prática do bem (BARBOSA CM, MD, SILVA MSS et al, 2013).

Assim era ou/ é o trabalho das parteiras tradicionais, exercendo grande importância para as comunidades, atuando ajudar as pessoas necessitadas, sendo um dom divino essas mulheres fortes e corajosas não cobravam nada na maioria das vezes estando sempre dispostas a ajudar a qualquer hora, realizando com dedicação e amor seu ofício, o que mostra a solidariedade existente e a força que essas mulheres possuem na preservação da identidade do lugar onde atuam (PINTO, 2002).

As parteiras eram requisitadas com muita frequência uma vez que eram as médicas tradicionais em virtude da ausência da medicina formal, eram elas que realizavam o pré-natal das parturientes, as puxações, faziam e ensinavam as pessoas a fazer os remédios caseiros os quais promoviam a cura da população. Mulheres, providas de conhecimento e difusoras de um saber próprio que, suas especificidades são difíceis de serem aceitas e compreendidas pela medicina formal, é algo que vai além do que se pode imaginar um saber mágico e preciso que ainda hoje se mantém atuante, não só em comunidades em que a medicina formal não alcança como na qual a tecnologia já predomina, e nesse sentido na

cidade em estudo. Vários são os conceitos atribuídos às parteiras como afirma as autoras Melo, Muller e Gayoso (2013)

Assistente, curiosa, parteira do mato, cachimbeira, fazedora de emergência, são os termos utilizados pelas parteiras para se referirem à sua prática de “pegar menino”. Essas mulheres, que tiram seu sustento de outras ocupações, comungam da mesma realidade sociocultural das mulheres assistidas e costumam considerar seu ofício de parteira como mais uma de suas atribuições; algo que fazem por solidariedade e para suprir uma necessidade da comunidade onde vivem (MELO, MULLER E GAYOSO, 2013, pág 4)

Percebemos qual tão é importante o trabalho das parteiras procuradas em todo momento por mulheres que precisam de ajuda, acompanhamento durante a gestação no qual depositam sua confiança nas mãos abençoadas das mesmas.

Em Melgaço no Marajó, Segundo Fleischer (2006) as práticas tradicionais, o ofício de partejar, se constitui algo natural, onde as parteiras continuam a atuar, no entanto, cursos foram promovidos no intuito de que cada parteira lembrasse sua trajetória na arte do partejo, bem como troca de informações servindo de ajuda a quem desejasse/ deseja aprender, seria uma maneira de instruir quem já possuía experiência, nesse sentido, a assimilação das técnicas de partejar estava sendo postas às parteiras, por meio dos cursos. As ONGS em parceria com a Universidade foram as provedoras do curso, no qual ofereciam Kits para o parto, e experiência para as mulheres que não tinham, além de uma remuneração. Para as parteiras seria uma espécie de reconhecimento por seus saberes, todavia, o curso não determina a identidade de cada parteira, são seus saberes e práticas, relacionados na experiência no modo de saber fazer que marcam a trajetória e valorização de cada uma.

Com o advento da medicina formal as práticas tradicionais foram se reconfigurando, sendo as parturientes a procurar com mais frequência os serviços de parto nos hospitais públicos, isso fez com que os saberes tradicionais fossem sendo pouco visibilizados porém não esquecidos, o que faz com que as parteiras ainda sejam procuradas para realizações de seus ofícios.

Nessa forma de compreender o trabalho das parteiras a oralidade se torna imprescindível, uma vez que ao trabalhar com memória, permite que se mantenha a história das parteiras viva, pois sendo uma história do tempo presente como afirma Pinto (2012)

A história oral tem sido útil, cúmplice e necessária na reconstituição de saberes, experiências, improvisações e lutas cotidianas vividas no âmbito de uma cultura onde a oralidade predomina (PINTO 2012, p 3)

Manter vivo esses saberes é tornar essas práticas cada vez mais evidentes, proporcionando reconhecimento e protagonizando-as como agentes de suas histórias, repassados de geração a geração esses saberes se entrelaçam tornando-se tão importantes na preservação da própria identidade da comunidade atuante, como pode ser perceptível na fala do autor Silveira (2007)

O trabalho com as fontes orais possibilitou trazer a história tantos como sujeitos e/ou testemunhos aqueles que, de certa forma foram excluídos e colocados no anonimato, sem direito à memória (SILVEIRA, 2007, pag 4).

É grande a importância que a história oral proporciona para que novas abordagens fossem discutidas, o que antes não seria possível por conta da historiografia tradicional, podendo agora ser enfatizados (re)discutidos para que assim possa ser preservada a história dos muitos que prestaram em suas comunidades assistência humana. Nesse sentido, as parteiras como grupos sociais que foram silenciadas por muito tempo, precisam ser valorizadas, mantendo seus saberes transmitidos e reconhecidos por todos, como bem enfatiza Jim Sharpe, a história não somente é feita de grandes homens, e sim de trabalhadores (as), de negros, de mulheres, enfim de vários grupos que através de suas histórias mesmo sem registros escritos foram capazes de reconstruir sua identidade por meio da oralidade, permitindo assim entendermos suas trajetórias de vida na busca dos valores e concepções acerca do que somos (JIM SHARPE, 1992).

As parteiras sempre se mantiveram presentes em todas as partes do Brasil, em Pernambuco, não foram diferentes, o saber fazer envolve todo um processo cultural do qual as parteiras tradicionais fazem parte, contudo elas enfrentam dificuldades em suas atuações, dessa forma os autores MELO, MULLER, GAYOSO (2013), destacam o reconhecimento dos saberes e práticas das parteiras por meio de um Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco, visando por meio das dificuldades das mesmas, discutir soluções capazes de valoriza-las. Nesse sentido, o trabalho das parteiras ganha maior visibilidade, uma vez que seus saberes se constituem de grande importância para a população que depende ainda dessa prática, assumindo responsabilidade junto das mesmas, e além de desempenharem outras atividades, elas exercem um grande poder sobrenatural que emerge em manter vivos os saberes preservando assim a vida. Seguindo essa mesma percepção Eduardo Queiroga (2013), reitera que a vida da parteira está entrelaçada de bondade, pela generosidade que carregam e compartilham, fazendo das suas práticas um campo rico, com um vasto leque de conhecimentos a disposição da população, nesse sentido assim como

Muller, Gayoso e Morim (2013), busca-se compreender os valores e a diversidade existente das parteiras que se mantêm imbuídas de simplicidade, humildade, porém com um poder admirável, portanto é enaltecido trabalhos como desses autores que exprimem o valor que essas mulheres expressam, representando a visibilidade das mesmas para que muitos passem a reconhecer o que acreditam não mais existir.

A oralidade torna-se assim uma fonte de grande relevância na construção de uma memória consciente do passado sob a luz do presente, de forma que uma comunidade ou indivíduo possa revisitar suas lembranças na perspectiva do reconhecimento, da valorização de sua cultura, através do diálogo as falas se tornam conhecimentos históricos valiosíssimos, do qual a sociedade toda poderá compreender melhor sua origem (THOMPSON, 1992).

Assim o saber tradicional no município de Abaetetuba (zona urbana) vem se reestruturando, pois não se fala tanto nas parteiras como antes, nem mesmo há trabalhos que a evidenciem na cidade, o que as tornam de certa maneira invisibilizadas, entretanto, o que se sabe sobre elas, ocorre por meio de relatos de parturientes que recebem e receberam assistências das mesmas, é uma riquíssima cultura, ainda mais quando se reestrutura a cada dia, por isso é necessário evidenciar o trabalho dessas mulheres destemidas. No entanto, as práticas tradicionais continuam a ajudar a comunidade na cidade através de outras atividades, e em outras proporções não mais no parto propriamente dito, são saberes que ultrapassam o tempo e que resistem, dom divino que as parteiras carregam com sigilo desde que nascem e que ninguém pode apagar. Saberes que através da memória percorrem um longo trajeto, “fazendo uma penosa viagem do pretérito para o presente em nome da cumplicidade, da confiança e da necessidade de se sentir vivo, capaz e sábio” (PINTO 2013 p.3).

Faz-se necessário entender o trabalho dessas mulheres que sempre permaneceram atuantes em várias regiões do Brasil, para que assim seja possível entender também a relação existente entre elas e as comunidades onde atuam. Sendo de suma importância em todos os lugares a figura das parteiras repassa confiança e segurança a todos ao seu redor, principalmente em lugares longínquos onde o saber destas é o único recurso que a população dispõe (PINTO, 2010),

Ainda hoje, a presença dessas mulheres nos povoados rurais é indispensável. Entre os seus, são vistas como médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de aliviar, com unguentos, banhos, chás de ervas e rezas, as dores e os males da população que não conta com outro recurso [...] Ao exercerem suas funções pautadas numa relação de afetividade e proximidade, acabam desempenhando importantes papéis no atendimento à saúde tanto de mulheres e crianças, como de toda uma população carente de áreas distantes e inacessíveis, onde a medicina oficial não chega (PINTO 2010, p.105-106).

Portanto trabalhar com a memória das parteiras e parturientes, permite entender as múltiplas facetas de todo um conjunto de valores e saberes que ultrapassam gerações na constituição da identidade e da cultura de uma determinada comunidade, onde por meio da memória individual pode se obter um conhecimento coletivo desta comunidade, uma vez que a memória é seletiva, proporcionando um vasto conhecimento que através do relato de um indivíduo, da sua história de vida, experiências históricas se tornam conhecida (MOREIRA, Raimundo: sd).

Nesse sentido, a oralidade se perpassa entre as sociedades para que assim seja preservada suas histórias, o que mostra que a oralidade é tão importante quanto a escrita, e tão quanto o valor científico, ela tem uma metodologia, que recupera não somente a identidade mas também os valores que se tem em um grupo. A oralidade traz étnica, respeito, valorização, pois não é um simples fato de contar, vai muito além, ela perpassa todo um percurso cheio de significados, é uma fonte de valor inestimável (PINTO, 2010).

A memória é de fato de grande interesse para minha pesquisa, pois além de ser uma fonte de saber é um fenômeno histórico, onde o historiador pode se debruçar, na busca de compreender seu passado e a sua própria vida, onde essa memória não fica estagnada, pelo contrário, ela se transforma de um lugar ao outro, na perspectiva de se entender as múltiplas relações que ocorreram e/ou ocorrem no tempo, lugar, espaço. Assim a memória e a oralidade caminham juntas (BURKE, 2000).

Mesmo os que trabalham com períodos anteriores têm alguma coisa a aprender com o movimento da história oral, pois precisam estar conscientes dos testemunhos e tradições embutidos em muitos registros históricos. [...] As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade. (BURKE, p. 72/73, apud MOREIRA, p.3).

A oralidade se constitui uma fonte extraordinária importantíssima na transmissão e predomínio dos saberes tradicionais, pois é por meio das experiências repassadas por gerações que eles se mantém, nas incansáveis formas de saber fazer, das quais as parteiras, as benzedeiras transmitem para seu povo. São saberes que ao longo de séculos se mantêm vivos na memória dessas mulheres, nesse sentido a oralidade vai além, permitindo que um grupo, uma comunidade se fortaleça em torno de sua identidade, permeando um laço forte de união e perseverança pelo que acreditam, ligados a força da natureza, dos gestos, das orações (FARIAS, 2013).

Não estando preocupada apenas com fatos significantes, mas sim com todos os tipos de eventos dos quais a sociedade vive em diferentes espaços, a oralidade se constitui em depoimentos vivos que podem ser revisitados pelas narrações de diferentes pessoas, no

entanto que compartilham ou compartilharam um determinado momento (THOMPSON, 1992). Neste sentido a oralidade ganha força haja vista que, permite ecoar vozes antes desconhecidas, vozes estas, que ganham notoriedade e valorização, podendo ser empregada em diferentes áreas de conhecimento (PINTO 2010).

A história oral propicia visibilidade dos menos favorecidos, permitindo que eles sejam protagonistas, isso alarga o campo de ação dando maiores condições para que não só as futuras gerações possam conhecer sobre sua história, como também nós mesmos, gerando um sentimento mútuo e verdadeiro do que realmente somos, como cita Farias (2013),

A história oral, como todas as metodologias, fundam e ordenam estruturas de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as decorrências de cada um deles para a pesquisa, as eventuais probabilidades de transcrição de depoimentos, seus benefícios e desvantagens, os diversos jeitos de o pesquisador relacionar-se com seus entrevistados e os alcances disso sobre seu trabalho-trabalhando como ponte entre teoria e prática[...] A história oral ao direcionar para a oralidade, procura destacar e focalizar sua análise nas visões e versões que são constituídas no mais denso conhecimento dos diversos atores (FARIAS, 2013, p. 59).

Nesse sentido, trabalhar com a história oral é constituir múltiplas ideias permeadas de informações e conhecimentos internos e externos que prevalecem na memória, esperando o momento oportuno para que seja solicitada e preencha as lacunas que se quer compreender, nesse sentido, para que um determinado grupo seja mantido a luz de sua história, como enfatiza (Candau, 2001, apud Farias 2013, p.60) “A memória ao mesmo tempo em que nos modela é também por nós modelada”.

Esses saberes no município em estudo se detiveram deste muito tempo, os partos eram realizados nas casas das próprias parteiras ou na maioria das vezes nas casas das próprias parturientes, as parteiras realizavam todo o acompanhamento das mulheres desde os primeiros dias de gestação, percorrendo o trabalho de acompanhamento antes do parto, nascimento e acompanhamento no período pós o parto. No entanto, alguns partos no período analisado eram realizados no centro médico de nossa senhora da conceição, conhecido como hospital das irmãs pela população local, o qual abriu suas portas atendendo pessoas de todas as partes das ilhas, estradas e cidade na década de 70 e atuando para trabalho de parto até a metade da década de 80, todavia este não era um hospital como se deve imaginar, mas continha um espaço grande, com algumas camas que servia para o atendimento, contava com a supervisão das irmãs xaverianas, que vieram no período citado com o objetivo de ajudar a população local (Dados obtidos através da entrevista realizada com a irmã Antonieta Negretto, 07/12/18).

Durante as décadas de 70 e início da década de 80 não havia ainda o hospital de urgência e emergência na cidade de Abaetetuba, apenas a SESP (Serviço especial de Saúde Pública) construída no ano de 1957 atuava na localidade, o qual era conhecido no início do seu atendimento pelos nomes de SESP, FUNDAÇÃO SESP, FUNASA e SESP como é chamado até hoje pela população. No entanto, atualmente a SESP recebeu o nome de Unidade Básica de Saúde Doutor Roberto Contente, que atendia crianças para vacinação e alguns procedimentos básicos no seu prédio. As parteiras eram a segurança na questão da saúde, no período em estudo, e mesmo com a decorrência da construção do hospital Santa Rosa, ano mais tarde, precisamente em 1983, a população continuou recorrendo as parteiras, onde depositavam toda sua confiança e respeito, pelos muitos trabalhos de partejo prestados as parturientes e pelos conhecimentos que essas sábias mulheres repassavam a população.

Imagem 3: Unidade de Saúde Doutor Roberto Contente, antigo SESP, Abaetetuba/ PA.



Fonte: Google. Com

Nesse mesmo período, segundo o relato da parteira Maria da Consolação, havia no município uma clínica particular que também realizava trabalhos de parto, chamada clínica do doutor Everaldo, a mesma era composta por alguns médicos atuantes que contavam com auxílio de técnicas de enfermagem, que além de auxiliar os médicos, algumas realizavam os

partos sozinhas quando da ausência dos mesmos. Entretanto, algumas técnicas também eram parteiras experientes, pois atendiam em suas residências ou na casa das parturientes, quando não estavam em serviço na clínica. Entre elas pode se citar: dona Maria da Consolação, dona Maroquinha e dona Zita Margalho, as duas últimas já falecidas, eram parteiras de confiança que atuavam com os médicos. Segundo dona Maria da Consolação elas passavam por um teste para poderem atuar na clínica, este teste mostraria o grau de experiência e prática que as auxiliares deveriam ter para o trabalho.

Quando eles não estavam que chegava as parturientes, quem fazia os partos era as técnicas de enfermagem [...] mas não era todas as técnicas que faziam parto, entende? Tinha outras enfermeiras que não faziam parto, no caso do doutor Everaldo, era só as parteiras experientes, como a dona Zita, dona Maroquinha e eu que fazia esse trabalho (Dona Maria da Consolação 68 anos 06/01/19 moradora do bairro da Aviação, Abaetetuba).

Segundo o relato de dona Consolação as parteiras eram as principais auxiliares e atuantes no ofício de partejo, e na clínica exerceriam a função de medicas quando da ausência dos médicos formais. Sem dúvidas, nas palavras de dona Consolação, não seria um curso que a designaria a elas o ofício de se tornar parteira, visto que, conforme dizem que partejar é um dom que nasceu com ela.

Podemos observar que o partejo tradicional na cidade de Abaetetuba se manteve desde muitas décadas e que apesar de diferentes ambientes as parteiras eram primordiais nessa ação, prestativas e experientes ajudavam quem precisava sempre.

1.2- O PARTO DOMICILIAR E A IMPORTÂNCIA DAS PARTEIRAS NA VIDA DAS PARTURIENTES

O parto domiciliar foi por décadas o socorro para muitas mulheres na cidade e continua sendo, principalmente na zona rural e ilhas onde a medicina formal não alcança, a figura da parteira se constitui de suma importância nessas comunidades, muito procuradas por suas experiências não mediam esforços em ajudar quem precisasse.

Mulheres de experiências inestimáveis, por suas mãos traziam ao mundo centenas de crianças, onde se tornavam parte da vida das parturientes, por vivenciarem com as mesmas todas as fases do parto, donas de um saber que ultrapassa o tempo em favor das comunidades em que atuam, a autora SANTOS & BANDEIRA (2007), abordam a

importância de se pesquisar sobre as parteiras em favor de se compreender suas histórias e saberes, para que seja promovido o reconhecimento e valorização das mesmas.

A assistência prestada pelas parteiras é bastante evidenciada na fala de Jacques Barbaut, ao enfatizar que,

Desde sempre, as mulheres em trabalho de parto têm sido ajudadas por outras mulheres – quer venham do seu ambiente mais próximo (parentes, vizinhas ou amigas), quer sejam reconhecidas pela sua experiência ou competência (parteiras escolhidas ou eleitas pela comunidade, que transmitiam oralmente o seu saber, de geração em geração, às vezes de mãe para filha). A profissão de parteira é seguramente um dos dons mais velhos do mundo (BARBAUT, Jacques 1990:141, apud SANTOS, Silveria & Bandeira 2007 pág 1)

Através da análise de Barbaut fica perceptível que as parteiras são mulheres de grande sabedoria, por isso, as parturientes enxergam nas mesmas, confiança e respeito o que permite que essas sabedoras tradicionais sejam muito requisitadas não só pelas mulheres a quem prestam auxílio durante o parto, como por toda a comunidade em geral.

Na cidade de Abaetetuba/Pará os saber formal tece suas críticas sobre o trabalho tradicional, tratando como ilegítimo qualquer pratica que não tenha formação acadêmica, nesse sentido vale ressaltar que embora seja um saber não reconhecido pelo setor público de saúde, as parteiras diferentemente dos médicos ditos modernos, se configuram agentes portadoras de grandes conhecimentos, não carecendo de ensino superior para que possam atuar. Mott (1999) exemplifica muito bem essa relação de saber quando enfatiza que durante as primeiras metades do século XIX, os médicos que se formavam nem se quer realizavam práticas de partejo, uma vez que não exerciam aulas práticas, sendo assim seus conhecimentos ficavam apenas no campo da teoria, ao contrário das parteiras que conheciam o corpo feminino completo sem nunca terem tido aulas teóricas, pois suas especificidades provinham de um campo maior de conhecimento, o divino.

Contudo, o saber formal não se constitui tão eficiente como às práticas tradicionais, uma vez que vem pecando muito no modo de saber fazer, sendo criticado também, pois os médicos existentes em sua maioria não ligam a mínima para o sofrimento do paciente, uma vez que se o paciente chega doente em um determinado hospital ele deve esperar horas por um atendimento, e quando é atendido recebe um péssimo atendimento, o médico nem ao menos olha para a cara dos pacientes, como se quisesse se livrar logo do mesmo, porém se a consulta for paga a situação muda, pois o que prevalece é o dinheiro. As parteiras não tinham distinção de atendimento, tratavam todos com afeto, não era o dinheiro que determinava e sim o dom na missão de salvar e ajudar a população. Na cidade em estudo, os médicos se acham no direito de intervir na vida do paciente, constituindo-se únicos donos

do saber, pois para eles o paciente é tido como parte integrante do sistema condicionado ao saber tecnicista, podendo se constatar uma relação de superioridade, que tenta subjugar a forma de saber fazer tradicional, o qual discrimina as mulheres que vivem desse saber, acusando-as pelas mortes e abortos de crianças e parturientes ao longo de séculos. (Santos, 2016). Ainda é bastante comum na cidade de Abaetetuba o olhar negativo sobreposto da medicina formal sobre as práticas populares, na qual não aceitam que ainda existam tais práticas, que segundo eles é totalmente errado recorrer a elas.

Para os profissionais formais o parto tradicional não pode mais ocorrer na cidade, segundo os próprios, se constitui crime as parteiras exercerem tal prática, pois elas não são qualificadas para atuar, sem contar que embora existam as puxações, está se constitui em um método totalmente errado, que pode matar o feto. Esses discursos são muito frequentes, porém não verdadeiros, pois as parteiras sempre se mantiveram aptas a realizar qualquer trabalho. São críticas de desprezo evidenciado na cidade pelos profissionais da saúde, uma vez que temem em perder espaço para as parteiras. Todavia existem pessoas, sobretudo parturientes que dizem que a atuação das parteiras nos hospitais seria imprescindível, viabilizaria os partos e traria mais aconchego e segurança para elas, diferentemente do que existe nos hospitais, já que os partos são realizados sem relação de cumplicidade como ocorria com as parteiras (SACARRO, 2009).

Embora não reconhecidos os sabres tradicionais vão se firmando dia após dia, embora o avanço da medicina a qual tornasse a partir da assistência ao parto objeto de intensa medicalização, transformando o cenário de nascimento em um ambiente desconhecido para as mulheres e mais conveniente e asséptico para os profissionais da saúde. Diante desse embate entre a medicina formal e o saber tradicional, o saber popular permanece se mantendo acessíveis principalmente para a população carente, com as puxações, as benzeções, e o uso das ervas medicinais (PINTO 2010).

Nesse sentido, no município em que se procedeu a pesquisa, as práticas tradicionais despertam interesse de quem necessita de ajuda, sendo saber empírico é de grande valor, embora venha enfrentando críticas sobre sua legitimação, ele se reestrutura a cada dia em face da ciência moderna. O cuidado que as parteiras desenvolvem para com os outros é o mesmo que ela sente para com ela, dedicação, responsabilidade é o que elas carregam consigo mesmas (SANTOS, SILVERIA & BANDEIRA, 2007).

O ofício de parteira tem o sentido de missão de vida, decorrente o dom de que são portadoras, dom este descoberto diante do inesperado, de uma demanda concreta, e que se desenvolve pela própria experiência, a serviço da coletividade, muitas

vezes sem nenhuma estrutura de apoio do sistema oficial de saúde. Valores de solidariedade, servir e cuidar do próximo com a prática profissional sem conflitos de valores. Possui caráter de humano e social, enfatizado por elementos de natureza afetiva tais como amor, caridade, bondade, solidariedade. (SANTOS, SILVERIA & BANDEIRA, 2007 pag 5).

Del Priore (1999) faz uma relação entre antropologia e história, para que assim possa-se compreender o processo histórico e análise das percepções dos atores históricos, permitindo um novo olhar aos grupos sociais que de fato contribuíram para com a sociedade, dessa forma, analisar o trabalho das parteiras, tendo a base antropológica como uma linguagem de parentesco, no qual cada família tem suas concepções, seus tabus e que estudar a história de vida das parteiras permite-se entender não somente o grupo das mesmas, mas suas contribuições para com a história (DEL PRIORE, 1999),

As parteiras tem grande valor nas ilhas, lugares mais distantes onde elas possuem maior visibilidade, enquanto que na cidade em estudo esse fator não ocorreu nas mesmas proporções, uma vez que as práticas se reestruturaram e não é mais repassado os saberes tradicionais para as novas gerações como antes, dessa forma algumas pessoas da cidade enxergam essas práticas como ultrapassadas, do passado, embora outros, continuem a recorrer aos métodos tradicionais como remédios caseiros, puxações, benzeções sempre que necessário, o que mostra que as práticas tradicionais não acabaram e que continuam atuantes mesmo com o conhecimento formal.

Segundo Pinto (2010), o saber fazer das parteiras, sua capacidade de atuação nas comunidades mostra a responsabilidade que elas carregam, pois é um ofício que envolve muita experiência, paciência e amor, ajudando a vim ao mundo vidas e salvando não somente os bebês, mas também as mães, daí a solidariedade que enlaça essas mulheres em um propósito, o de ajudar. Portanto, vale ressaltar o conceito de cultura na produção de valores, que carregam suas próprias historicidades, permitindo-se que enxergar a história como construção, de suma importância para se discutir sobre o ato de partejar, nesse sentido como representações estruturais de significados culturais de uma dada sociedade (SHALIN, Marshal 2006).

São saberes adquiridos com suas mães, avós, tias enfim pelo convívio familiar, onde se começa acompanhando as mesmas durante o parto, auxiliando alguma parturiente ou ajudando a realizar o parto de alguém da família o que mostra que algumas parteiras já nascem com um dom divino, como fala dona Clotide, 75 anos, conhecida com o nome carinhoso de dona Coló:

Ha minha filha, eu comecei a ser parteira com 15 anos de idade, tava com minha tia na casa dela, aí deu dor nela e não tinha como buscar ajuda, ela pediu pra eu

ajudar ela, ai eu disse que não sabia fazer parto, ela disse pra eu fazer o que ela dizia [...] Fui fazendo o que ela dizia, e consegui fazer o parto, com a graça de Deus, foi ai que minha tia percebeu que eu tinha o dom, disso eu não parei mais de fazer partos (Dona Coló, 25/10/2018, moradora do bairro de São Lourenço em Abaetetuba).

Percebe-se que as parteiras aprenderam no cotidiano familiar a arte de partejar, que apesar de informal, esse saber tem um significado importantíssimo tanto para as parturientes como para as próprias parteiras. Como pode ser observado na fala de Escobal; Gonzales; Harter; et al (2013):

O parto é considerado um divisor de águas na vida da mulher, carregado de significados construídos e reconstruídos, a partir da singularidade e cultura da parturiente que transforma o cotidiano da mulher. Esse processo é um evento histórico no qual a arte de parir ocorria no domicílio da mulher, que geralmente era acompanhada por uma parteira de sua confiança. Nesse cenário, a mulher expressava livremente seus sentimentos e anseios em um ambiente caloroso no seio familiar (ESCOBAL, GONZALES, HÄRTER, MATOS, SOARES, 2013 p.871, apud SANTOS, Luciana 2015 p. 71).

Entender a atuação das parteiras se faz necessário e na citação acima fica evidente a importância do parto domiciliar tanto na vida da parturiente como da própria parteira, mostrando a confiança existente entre as duas, pois o dom de partejar é algo grandioso, trazer uma vida pelas mãos de outra vida é mágico, daí a relação desse saber com o sobrenatural, com o divino, saber que através da experiência cotidiana e do grande conhecimento que as parteiras possuem se torna grandioso, Conforme Pinto (2008) deixa bem claro a simbologia representada por essas mulheres de mãos abençoadas.

A amizade existente entre as parteiras e parturientes se torna muito grande, um laço de afeto e reconhecimento que vai além do partejo propriamente dito, uma forma de socorro no qual as parturientes podiam contar em qualquer hora, como podemos evidenciar na fala da parturiente dona Maria de Fátima:

As parteiras minha filha era nosso socorro, não tinha tanto recurso e elas atendia agente em qualquer hora, elas não cobravam nada, [...] ajudavam com prazer, eu nunca que precisei de ir pra hospital, tive seis filhos, tudo pela mão das parteiras nasceram tudo bem e tão tudo criado. Elas eram nossas médicas ajudavam a gente até o fim da dieta [...] Hoje em dia minha filha, as mulheres ficam penando né, com dor nesses hospitais, as coisas tão muito diferente é tanta complicação [...] (Maria de Fátima, 61 anos, moradora do bairro da Francilândia em Abaetetuba 04/02/2019).

O parto era realizado algumas vezes na casa da própria parturiente quando estas não conseguiam chegar à casa das parteiras, pois muitas das parteiras atendiam em suas casas. Entretanto, quando eram chamadas para realizar seu ofício largavam tudo o que estavam fazendo e partiam em busca da parturiente que estava a esperar pela sua ajuda. Na maioria das vezes as parturientes já haviam mantido contato desde os primeiros dias de gravidez com

as parteiras, onde por meio da puxação e remédios caseiros essas sábias compartilhavam da vida das mães, mantendo-se atuantes e parceiras até o momento do nascimento e acompanhamento do bebê e da parturiente, as parteiras cuidavam para que tudo ocorresse bem e para que as parturientes obtivessem um parto seguro e tranquilo no meio do ceio familiar.

Donas de uma essência única e invejável com um saber inestimável, as parteiras possuem uma grande fé, e que colocam em prática em todos os momentos de seu trabalho, usando de orações ao que acreditam ser seus guias e pedindo permissão a eles para poderem realizar seus ofícios. O partejo tradicional se reconfigura, sendo assim, as parteiras não perderam sua tradição, buscando sempre preservar sua cultura por gerações. É o caso da parteira dona Maria da Consolação que diz que antes de iniciar qualquer trabalho pede permissão aos seus guias como explica:

Quando se faz um parto da parturiente, você recebe muita doença de dentro da mulher, quem se livra mesmo é só quem tem o dom, porque tem parto mesmo complicado, muitas estão “baudiando”, entende? Quer dizer que na hora do parto, você vai ficar ali diferente com ela, tudo que vem de doença de dentro dela você recebe, tem que está bem protegida para não receber tanta doença. [...] Tudo eu peço permissão de Deus, só com as dicas dos meus caboclos eu não faço nada, eu preciso dele [...] Tem pessoas que xingam, eu uso permissão, tenho remédios do Exu, rezo pra Deus e peço permissão a Exu para usar os remédios dele (Maria da Consolação 68 anos 06/01/2019 moradora do bairro da Aviação Abaetetuba).

Através do relato de dona Consolação podemos perceber que manter a fé é importantíssimo, haja vista que há toda uma simbologia que envolve seu trabalho e uma mistura de elementos religiosos de denominações diferentes como: do catolicismo e de matrizes afro-brasileira, que se misturam ocorrendo o sincretismo, com uma só finalidade, de ajudar pela crença dessas mulheres que buscam no que creem auxílio e proteção.

Todas as parteiras entrevistadas dizem que é um dom que receberam de nascença e que elas estão predestinadas a socorrer quem precise de ajuda, seja quem for e a qualquer hora, assim dizem não haver tempo bom ou ruim sempre estão postas a ajudar, o que explica a grande aproximação que há entre a comunidade e as mesmas (PINTO, 2010). Dona Coló 75 anos, parteira muito experiente, atuante desde seus 15 anos de idade, nos conta que chegavam pessoas de todos os lugares em sua casa pedindo ajuda, nos seus relatos, diz ter atendido muitas mulheres em estado grave e que já haviam passado pelas mãos de outras parteiras, porém mais jovens e iniciantes, segundo ela muitas mulheres chegavam sangrando e tarde da noite, sentindo muitas dores,

Quando eu dava batiam em casa, dona Coló, dona Coló! E já era tarde da noite, meu marido ia atender, e me chamava [...] olha tem mulher com dor aí, te apreça! Eu ficava sempre de prontidão porque era muita mulher que vinha me procurar aí já ficava de vigilância até porque tinha muito caso que. Eu tinha que ir na casa da mulher fazer o parto, mas não ficava preocupada não, eu já sabia como fazer nessas horas. (Dona Coló 75anos 25/10/18)

As parteiras já estavam preparadas para atuarem em qualquer horário, sempre a disposição de ajudar, bastava chamar que elas corriam com seus poucos equipamentos básicos de trabalho, os quais eram indispensáveis para salvar vidas, “aparar menino” como elas chamavam.

1.3 A INFLUÊNCIA EXERCIDA PELA RELIGIÃO NAS PRÁTICAS TRADICIONAIS

A vida das parteiras encontra-se marcadas pelo dom que dizem ser repassados de mãe para filha, de avó para neta por gerações, são dons que se fazem presentes em todos os atos praticados por elas. A religiosidade constitui-se de intensa força movida pelas parteiras, benzedeadas e puxadeiras, durante suas práticas, na qual se valem de rezas, orações e “simpatias” (que nesse sentido se expressa por rituais para prevenir ou curar um mal-estar ou uma doença de alguém que se encontra enfermo).

Essas práticas religiosas eram e são realizadas no intuito de ajudar a população, principalmente as mulheres na hora do parto, as parteiras se pegavam com seus santos, seus orixás, seus guias, para que pudessem lhes auxiliar em todos os momentos, principalmente nas horas de dificuldade. Uma das orações muito frequentes realizadas pelas parteiras é a oração de Santa Margarida, como deixou escapar a parteira Clotilde em uma das conversas realizadas essa oração, é feita para que haja deslocação da placenta pós o parto quando esta não quer soltar, no entanto ela disse que não podia revelar suas outras orações, sendo segredo dela. Dona Clotilde se denomina mãe de santo, porém diz que o dom que ela possui foi dado por Deus e que ele se faz presente em todos os campos religiosos (VIANA, 2013).

Quase todas as entrevistadas dizem existir uma força sobrenatural que age onde ninguém pode ver, porém que pode ser sentido por elas, principalmente as bezendeiras, que são muito procuradas pela população de forma geral, atendendo crianças, idosos, jovens, de ambos os sexos, elas atuam na retirada de quebranto, ou de mau-olhado lançado quando as pessoas se admiram ou sentem inveja da outra. Dona Maria da Consolação que atua como benzedeira também, diz que não é bom sair em jejum da casa, pois existem pessoas que tem

um olhar “doido” (forte), e que lançado sobre quem se encontra em jejum pode até matar, isso ocorre também em crianças que causam admiração das pessoas e muitas vezes sem querer provocam quebranto deixando as mesmas sem apetite, com diarreia e vômito, o que provoca a fraqueza das mesmas e quando não retirado o quebranto a criança também pode vir a falecer.

As benzedeiras agem imediatamente, com suas rezas e galho de ervas como a arruda, para retirar o quebranto. As parteiras, benzedeiras e puxadeiras dizem que nasceram com o dom de curar desde de pequenas e que quando se nasce com ele tem que servir caso contrário a pessoa sofre as consequências da não aceitação. Neste sentido temos o caso da parteira, puxadeira e benzedeira Maria da Consolação que disse que não ter aceito de início o dom, e por isso sofreu muito com males advindos da não aceitação de servir, não só passou por cirurgias como também perdeu vários dentes, segundo ela a partir do momento que aceitou servir ao seu desígnio, e aceitar suas entidades sua vida mudou, e os males não apareceram mais, no entanto ela diz que seus caboclos a quem presta suas orações, não permitem que ela corte e ela tem que respeitar, pois presta respeito a eles, pedindo permissão para tudo que vai fazer, como exemplifica Soares (2017)

Nesse mundo de símbolos e magias tudo pode ser motivo para explicar toda a bagunça em que a pessoa se encontra espiritualmente, onde a doença pode ser apenas uma maneira de explicar as relações de respeito e admiração pelo trabalho da benzedeira, na qual a cura se traduz em uma grande rede de explicação para se entender as relações do que é natural e do que é sobrenatural (SOARES, Gedeão, 2017,p.54).

Assim como dona Maria da Consolação dona Euladia também possui seus guias, os quais também lhe auxiliam em suas práticas. Todas as acreditam em uma essência que interliga o mágico ao saber fazer das mesmas.

É importante ressaltar que as parturientes que passaram pelas mãos dessas mulheres são de diferentes denominações religiosas, evangélicas, católicas, Candomblé, da Umbanda, contudo não tinham nenhum preconceito com religião das parteiras ou vice versa, ao contrário depositavam a fé no que acreditavam crer e na força da parteira que lhes socorriam a qualquer momento.

Fica perceptível, que a simbologia representada entre o cuidado das parteiras, benzedeiras e puxadeiras para com sua clientela é muito grande, regadas pela luz da natureza e do divino, pautadas na fé pelo que é sagrado (Deus), que se constitui como a maior força, capaz de mudar tudo, na qual se constata que é nessa força que as parteiras ganham coragem

para enfrentar todos os desafios que aparecer em suas mãos (BARBOSA, CM, DIAS, MD, SILVA MSS et al 2013).

Como pode ser observado tanto as parteiras como as benzedadeiras e puxadeiras tinham a missão de salvar vidas, isso fazia delas grandes sabias e experientes em suas localidades a favor do bem e da cura, trazendo consigo uma missão, colocada em prática a favor do outro. Conforme afirma dona Eulália, “sem o dom dado por Deus não podemos fazer nada, ele foi passado da minha mãe pra mim, com isso ajudo muito pessoas” (Dona Eulália 74 anos, 30/10/18 parteira, puxadeira e benzedeira moradora do bairro da Francilândia, Abaetetuba).

1.4 OS PARTOS DOMICILIARES

Os partos domiciliares como o próprio nome já diz era realizado nas casas das parturientes ou nas casas das parteiras que tinham acomodações próprias para este tipo de procedimento. Muitas mulheres optavam por terem em suas próprias casas e quando era chegado o momento que as dores do parto apertavam elas mandavam chamar imediatamente as parteiras que vinham em socorro da gestante, porém outras grávidas ao sentirem as primeiras dores, pediam ao companheiro ou a mãe, pai que levassem até a casa da parteira para realização do parto, na maioria das vezes já estava tudo combinado com a parteira, que só ficava aguardando o momento chegar para trazer uma nova vida ao mundo.

Vale ressaltar que na cidade em estudo havia o centro médico Nossa Senhora da Conceição, que também era muito procurado pelas grávidas para realização do parto como já havia comentado anteriormente, algumas parteiras juntamente com as irmãs exerciam esse procedimento. Todavia havia parturientes que tinham mais recursos e procuravam a clínica do doutor Everaldo para terem seus filhos. No entanto, há de salientar que não eram todas as mulheres que tinham recurso que optavam por ter filho em clínica particular, pois muitas delas procuravam as parteiras para realização do parto, o que demonstra que havia muita confiança nas mãos poderosas dessas mulheres sábias.

A parteira dona Coló afirmou em entrevista, que mulheres de todas as idades e classe social a procuravam para terem bebê, e que mandavam buscá-la em qualquer hora para por em prática seu ofício,

Quando eu dava vinham me buscar, dona Coló! pra senhora ir na casa de tal mulher que tá com dor, e eu só arrumava minhas coisas e ia, as vezes era longe, mas ia mesmo assim. Tinha nesse tempo muitas casas de programa (bordel), aí muita menina engravidava e quando chegava a hora da criança nascer mandavam me chamar [...] Eu fiz parto de mulheres de condição boa, que tinha dinheiro, e que confiava no meu trabalho [...] Fiz muito parto minha filha que perdi até a conta, sei que foi mais de mil (Dona Coló 75 anos 25/10/2018).

Através do relato de dona Coló podemos observar o quanto a população acreditava e confiava no trabalho das parteiras, do saber tradicional e que apesar da clínica particular as parteiras não deixaram de exercer seus ofícios, uma vez que nem todas as mulheres obtinham recursos financeiros para pagar pelo parto, e já existia um laço de amizade muito forte das parturientes para com as parteiras que na maioria das vezes não cobravam nenhuma remuneração para tal procedimento, portanto a visibilidade dada as parteiras no período proposto era de grande relevância, no qual a população acreditava na força dessas guerreiras.

Para realização dos seus ofícios, as parteiras, na maioria das vezes, encontravam serias dificuldades, pois como muitas mulheres eram carentes, não dispendo de nenhum recurso, ao chegarem na casa para realizar o parto encontravam as parturientes em precárias condições muitas das vezes não dispendo nem de roupinhas e fraldas (“crueiro”) como era chamado para o bebê, nesses casos a parteira tinha que se virar, pegar pedaços de pano ou retalhos de lençóis para enrolar o bebê. A situação se agravava ainda mais, quando a parteira tinha que ficar na casa da parturiente para cuidar do resguardo do bebê e da mãe, pois ela compartilhava da mesma situação da família, que do pouco que possuía dividiam com a mesma, eram noites mal dormidas que a parteira enfrentava, já que o local não era tão cômodo elas tinham que se ajeitar de qualquer jeito em um cantinho da casa. O trabalho dessas mulheres não era fácil, todavia era realizado com muito amor e afeto, baseado na cumplicidade e solidariedade de servir ao próximo:

Tinha muita gente carente, que não tinha um pinga de açúcar pra fazer um pinga de café, um chá, alguma coisa pra fazer pra gente tomá, assim como a mulher “cuspia grosso”, eu cuspi, a situação era muito difícil (dona Coló 75 anos, parteira e puxadeira 25/10/2018).

Na cidade de Abaetetuba todas as parteiras entrevistadas, são mulheres simples, singelas e humildes que sempre lutaram pela preservação de seus saberes, e através de cada relato pude compreender um pouco do universo do partejo e da história de vida de cada uma, trajetórias diferentes que se cruzam no percurso de fazer o bem à população, as quais vão sendo reconstituídas a cada dia pelas lembranças guardadas e pelos saberes postos em prática, os gestos, os costumes, que a memória faz questão de busca-los no mais fundo que

esteja, e pela oralidade um campo vasto de conhecimento se abre permitindo-nos compreender os vários significados que os saberes têm na vida de quem exerce e de quem recebe o mesmo.

Conforme afirma Halbwachs, a memória é coletiva, ou seja, as lembranças de um indivíduo poderão ser expressas somente por ela, porém como todo esse indivíduo vem de um meio social coletivo, logo pressupõem-se que toda a memória é coletiva (HALBWACHS, 2006), permitindo que se conheça o passado e assim possa se recuperar a identidade de uma comunidade, no caso desta pesquisa, das parteiras e parturientes, como diz Henry Rousso,

Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do e permitir resistir á alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda a vida humana; em suma, ela constitui - eis uma banalidade - um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO,1998, p 94, 95 apud MOREIRA, Raimundo, sd, p 1).

Dessa forma, o universo que abarca as parteiras nos mostra que no cotidiano suas práticas são construídas, no qual se tem um amplo conhecimento, através de seus saberes, constituídos de grande representação no modo de cuidar, o qual envolve uma série de cuidados, cuidados estes do qual as parteiras possuem uma ampla experiência, que é vivenciada no seu dia a dia pela relação posta a favor de sua clientela.

As parteiras tradicionais exercem uma representação social muito grande para a população, principalmente as parturientes no qual conferem suas vidas e de seus bebês a elas, através de seus conhecimentos empíricos essas mulheres salvaram muitas vidas, e continuam ajudando a população no local em que atuam. Manter a vida, proteger, auxiliar nos remédios caseiros são os cuidados que as parteiras têm para com a sua clientela, buscando atender a todos com amor e respeito.

O partejo domiciliar envolve toda a família numa só relação de comum afeto, é um momento magico que a parturiente aguarda ansiosa pela chegada de seu filho, no seio da família encontra força e tranquilidade. Assim como, a confiança que emerge na parteira, fruto da dedicação que as mesmas possuem, envoltos numa simbologia de significados, comprometimento e solidariedade ao próximo, onde os saberes tradicionais com as formas de manipulação com as plantas medicinais são elementos usados pelas parteiras durante o partejo

Minha mãe fazia muito parto, aprendi com ela, [...] amarrava bem o umbigo, pegava a agua fria, agua morna, o umbigo que é o perigo, tinha o algodão, mestiolate, que era usado pra queimar o umbigo [...] tava tudo ali, separado mamona, amendas docê, vinho tinto puro, para dar o banho. Nunca nasceu nenhum

morto, porque tem um dom, que vem da mãe, do pai, da tia [...] eu benzo, puxo, endireito criança na barriga da mãe (Dona Euladia parteira, puxadeira e benzedeira, moradora do bairro da Francilândia, Abaetetuba 30/10/2018)

Percebemos o quanto esses saberes são valiosos não somente para as parturientes, como também, para a população em um todo, no uso das plantas medicinais tão importantes para manter a saúde das pessoas, na puxação e no auxílio durante o parto, são saberes que resistem em meio a um campo científico formal que tende a desconstruir essas práticas, por isso a busca pela valorização, através da história de vida de cada uma dessas fantásticas mulheres que colocavam sua vida a disposição de ajudar deve ser constante.

Dona Dulcineia, parturiente, mãe de sete filhos, conta que sempre que engravidava recorria as parteiras, pois tinham muita confiança no trabalho das mesmas:

Não tinha negócio de fazer pre natal, olha nesse tempo não tinha hospital, a gente tinha os filho da gente, a senhora vê a diferença? Antes era diferente, a gente tinha nossos filho com a ajuda das parteiras, elas cuidavam da gente, faziam o parto direitinho, não tinha esses problema que tem hoje, dava dor, já corria pra parteira, [...] dona Coló, me ajudou muito, ela tinha todo cuidado, a casa dela era grande, ela ajudava muita mulher a ter filho. Tive três filho pela mão da dona Coló, dois filho pela mão da outra parteira no “Camutim”, tive dois no hospital [...] mas na parteira tinha mas confiança (Dona Dulcineia, parturiente, 56 anos 06/02/2019).

Diante do relato, percebe-se a confiança que as parteiras repassam para sua clientela, o que permite que sejam procuradas sempre que necessário. Esta mulher, na condição de parturiente relatou que dos sete filhos somente dois nasceram no hospital. Contudo afirma que não teve o mesmo apoio que tinha com as parteiras, isto se deve ao fato de que as parteiras detinham o conhecimento mesmo sem terem estudo, não era necessário fazer o “toque” como os médicos formais chamam para designar se o colo do útero esta dilatado, e se a mulher pode ter ou não de parto normal, bastava as parteiras colocarem a mão na barriga da parturiente que ela já sabia se era ou não o momento do nascimento do bebê. As parteiras deixavam o parto ocorrer naturalmente, sem recorrerem aos cortes na região da vagina, fato que proporcionava maior recuperação das parturientes, não sacrificando tanto as parteiras.

1.5 OS SABERES TRADICIONAIS SE RECONSTITUINDO EM FACE DA MEDICINA FORMAL

A partir dos finais do século XIX e início do XX o Brasil passou a desenvolver áreas voltadas para medicina formal, a saúde pública passou a ser intensificada, as primeiras escolas de medicina começam a ser implantadas, a medicina tradicional começa a passar por um processo higienista, no qual as parteiras passaram a sofrer o controle da medicina formal, tendo que passar por exames para poderem por em prática seus saberes (PINTO, 2010).

Com a criação do ensino e da profissionalização da medicina, parteiras, curandeiras, benzedoras ou rezadeiras foram personagens alvos de campanhas difamatórias por parte dos médicos. Isso porque, além de serem pessoas, em sua maioria analfabetas, que vinham da camada mais pobre da população havia questão dos falsos curandeiros, os charlatões, provedores das falsas curas para a população, que contribuíam em levar o limbo aqueles que agiam de boa fé (PINTO, p 135).

Até os meados da década de 80 na cidade de Abaetetuba, o partejo domiciliar era praticamente o único meio de uma vida vir ao mundo, realizado pelas mãos da parteira. Esse modo de partejo permaneceu ainda até a metade e/ou finais da década de 90 onde novas práticas de partejar advindas com a medicina formal começaram a ter significativa repercussão na vida da população, passando por algumas transformações, que apesar das mesmas a chegada de uma nova vida continuou sendo algo marcante na vida da parturiente e da parteira. As quais vivenciavam junto com as parturientes um momento único na vida da mulher, que se tornava de cumplicidade, já que as parteiras também passavam pela mesma experiência da parturiente. As quais, também tinham seus filhos pelo modo tradicional, muitas das vezes, “aparados” por elas mesmas ou com a ajuda de outra pessoa. Dessa forma, serviam de inspiração e conforto nesse momento tão esperado pela parturiente.

A parteira foi e é capaz de vivenciar no parto todo processo de nascimento, pois seu ofício é doação e dedicação de seu tempo. Usando de sua sabedoria pois na observação ela sabe que a parturição é um evento “fisiológico”, “biológico”, “cultural” e “individual” da natureza da mulher. O parto vivenciado como um ritual de passagem na vida da mulher e da família. (SANTOS, Luciana, 2015 p.1).

As parteiras eram conhecidas também como médicas populares, tinham e ainda tem bastante habilidade em lidar com vários tipos de situações decorrentes do dia a dia, a qual era procurada por possuir a mesma classe social da maioria da população que atendia, isso permitia que seus atendimentos fossem de fácil acesso a todos por não ser cara e sim de

baixíssimo custo, e que na maioria das vezes era realizada de graça pelo simples fato, o de se colocar no lugar do outro, o que difere da medicina formal já que os médicos em sua maioria ganham pelo seu trabalho (PINTO 2010).

No período em que a medicina formal ainda não era consolidada, as práticas tradicionais tinham grande relevância para população da cidade em estudo, uma vez que os cuidados com a saúde provinham do saber popular, que se consolidava em torno da imagem da parteira, curandeira, benzedeira, as experientes como eram chamadas (PINTO 2010). Entretanto, com o advento da medicina formal as práticas tradicionais passaram por mudanças, em favor de políticas higienistas que foram colocadas em prática no intuito de promover a limpeza desses saberes como evidencia FLEISCHER (2006) “É tornar os partos mais limpos e com menos taxas de mortalidade tanto para mãe como para a criança”. Ao falar de mortalidade que se enfatiza nos partos tradicionais, há um grande equívoco, pois a medicina formal não é superior a tradicional, ao contrário, ela se constitui de grande valor, na qual milhares de vida foram possíveis de existir, inclusive da maioria dos médicos formais, que sentem-se superior, mas que todavia vieram ao mundo pelas mãos cansadas dos detentores do saber tradicional (PINTO 2010).

Não obstante, cursos de capacitação foram realizados com o intuito de promover novas maneiras de ensinar as parteiras como proceder ao seu ofício. Várias parteiras participaram desses cursos, porém não deixaram de proceder com suas práticas tradicionais, no entanto durante as entrevistas a parteira dona Coló argumentou que o curso teve muita importância para ela, na forma de como proceder, por exemplo, numa situação de alta complexidade, mas que o mesmo não iria ensinar a mesma a fazer o parto, pois para atuar como parteira a pessoa precisa ter um dom e que não seria um curso que iria mudar, dona Coló afirma que pegou muitos partos difíceis principalmente partos secos,

Aí quando a mulher ficava a distância das contração, agente colocava ela na posição, agora vejo falar que mulher tem filho na água, mas que já onde, ou ela já tá acostumada a ter filho ou já tá pronta a dilatação dela que não vai ter problema, por que não é assim não, uma ou outra que fulano teve filho em outro lugar, é muito difícil por mais que o parto seja rápido, bom ele sempre tem um problemazinho.[...] Eu peguei muito parto difícil, Deus o livre nem pensa e muito difícil, o parto seco a pessoa não tem nada de líquido, as vez não tem nem bolsa d' água, aí invés de sair aquele líquido pra ficar liso ali, ele sai tipo uma goma que prende a criança, tem que saber como fazer ali (Dona Coló 75 anos, moradora do bairro de São Lourenço Abaetetuba 25/10/2018).

Através do relato acima fica evidente o quanto era importante a figura da parteira e que apesar do entrave da medicina formal as mesmas continuaram a proceder com seus saberes, não se curvaram, apesar de que, muitas formas higienistas aplicadas pelo curso foram adotadas por algumas parteiras que buscaram adapta- lá ao seu meio para promover o

melhor a sua parturiente, evitando que complicações viessem a ocorrer (Pereira 2011). No entanto vale ressaltar que as políticas públicas evidenciavam promover uma limpeza das práticas tradicionais, por isso a oferta de cursos, todavia, pude perceber pelos relatos colhidos que na área em estudo os médicos mantiveram uma certa parceria com as parteiras, no quesito de informação, por esse quesito as parteiras procediam com os partos domiciliares, uma vez que a cada parto realizado elas tinha que informar levando os dados da criança e da mãe ao médico responsável pela SESPA, que era o órgão de saúde que existia no período, e da ocorrência de um eventual caso grave elas encaminhavam a parturiente também ao mesmo e tentavam realizar o parto lá, todavia se fosse um problema mais complexo que não pudesse ser sanado na cidade, a parturiente era encaminhada a capital com a parteira ao seu lado.

Dona Coló afirma ter acompanhado nove parturientes a capital e explica que apesar dessas exceções sempre procedeu com seu ofício de maneira correta, e que realizava com muita dedicação seu trabalho, até os casos mais difíceis, porém ela não deixa de ressaltar que o curso foi importante nessas horas,

O curso foi muito bom nem pense! Aprendi muita coisa, foi um ano e sete meses esse curso, eles deram a bolsa preta assim (gestos) com iniciais na frente sespa, eu não me lembro se era sespa parteira, ou se era só sespa, tava com o triangulo, tava cá mascara, tava com o avental, a toalha de enxugar a mão, as luva, i o termômetro, i tesoura para cortar as unhas da mulher grávida que agora não pode mais, quando a mulher sentisse dor era para elas tomarem banho[...] tinha que ensaboar a mão, e de lá enxugava os braços tudinho, colocava um pouco de talco para colocar a luva, pra fazer o primeiro exame como se a bolsa tava longe, pra romper ou se já tinha rompido tinha que saber. E lá eles passaram no vídio tudinho, como começava como terminava, foi muito bacana. Quando tinha problema nos mandava dizer eles, aí a gente ia lá levava, acompanhava, chegava lá entrava pra uma salinha deles, tinha a cama né, colocava ela em posição examinava tudinho, quando dava pra fazer lá a gente fazia, quando não dava eles mandavam pra Belém, eu viajei nove vezes de avião pra Belém, pra levar mulher assim, a parteira tinha que acompanhar (parteira dona Coló 75 anos 25/10/2018).

Nos finais do século XX, alguns programas de saúde pública, começam a ser desenvolvidos, com o intuito de melhorar os partos e ampliar assim o poder da medicina formal, isto é, os partos tradicionais deveriam passar por significativas mudanças em nome da medicina moderna. Nesse sentido, os partos domiciliares passaram a sofrer certa redução no seu atendimento, enquanto que os hospitalares tenderam a aumentar em número, esse processo de medicalização do parto pretendia reduzir a taxa de mortalidade de bebês e consequentemente das parturientes haja vista a alta taxa de mortalidade existente (PINTO, 2010).

Durante muito tempo as parteiras viveram silenciadas pela historiografia devido à falta de registro de seus ofícios, já que as mesmas não tinham estudo e portanto não escreviam o que realizavam, nesse sentido muitos desses conhecimentos mantiveram-se esquecidos, o que colaborou para que os médicos criassem serias calúnias contra as mesmas. Esse fato vem de longos anos em que essas práticas eram desconsideradas e vistas principalmente pela igreja católica como bruxaria, feitiçaria, onde as detentoras desse saber eram perseguidas e ditas como traidoras da fé Cristã (PASQUALIN, sd).

O saber que as feiticeiras possuíam era um saber tradicional, difícil de ser controlado pelo olhar erudito. Surgem então, mecanismos legítimos por essa ordem vigente – como a Inquisição- para coibir as práticas mágicas que não se enquadravam nos padrões estabelecidos pela igreja (PASQUALIN, Camila, sd, p. 4).

A pesar de todas as difamações ocorridas contra as parteiras, estas continuaram exercendo seus saberes e cada vez melhor, sempre em busca do bem e de ajudar alguém necessitado, elas nunca pararam ou se calaram diante das dificuldades ou de tais difamações. A segurança e responsabilidade depositada pela população faziam com que essas velhas parteiras tivessem maior proporção e reconhecimento pelo seu ofício, com seus saberes baseados no que vem da natureza, na cultura do seu povo, estes tinham maior significado para a população em relação ao saber formal baseado nos livros, uma vez que repassavam maior confiança para o povo (PINTO 2010).

Os saberes tradicionais foram se reestruturando cada vez mais em face da medicina formal, que de todas as formas tentava deslegitimar as práticas vindas através do conhecimento popular desde muitos séculos atrás, essencialmente importantes para a vida das populações locais (SOARES, 2013).

Em Abaetetuba zona urbana, tais saberes se consolidaram na cultura do povo, sendo de grande ajuda sempre estiveram presentes, em todas as partes, ajudando quem precisasse e na maioria das vezes sem cobrar nada como já havia mencionado anteriormente. Sendo de grande ajuda as parteiras não desistiram de suas atividades, sempre intervindo a favor do próximo, todavia apesar da interferência do saber formal no processo de partejar, este não deixou de ser um evento familiar, pois não é somente os médicos os únicos responsáveis pelo parto ou pela cura, as parteiras continuam atuantes embora em outras atividades do saber tradicional, como puxação, benzeção e nas curas através das plantas medicinais.

Todas as parteiras entrevistadas informaram que há ainda muita procura pelos seus saberes, e que continuam atuantes na zona urbana a serviço da população, muitas gestantes continuam a procura-las para puxação, e pedem conselhos das parteiras sobre como proceder

durante a gravidez, as mesmas mantêm um laço de amizade com as parteiras que permanece durante toda a gestação, que apesar do acompanhamento do pré-natal nos postos de saúde, a busca pelas parteiras ainda é inevitável. O saber tradicional permanece ainda nas benzeções realizadas pelas parteiras e benzedadeiras na quebra de mau olhado das crianças o (quebranto) como é chamado, e de olho gordo dos adultos, assim também as parteiras ensinam os remédios caseiros feitos com mistura de verônica, casca de caju, jucá, entre outros para mulheres na cura de infecções, chás caseiros a base de hortelã, para dentição para bebês, sem contar no trabalho de puxações em todas as partes do corpo de qualquer pessoa que sofreu um baque, rasgadura, ou atrofia dos nervos.

Dona Maria da Consolação explica que precisa de muita sabedoria para exercer tais atividades, pois em suas palavras “ela consegue enxergar o que o médico não pode ver”, e continua exercendo a qualquer hora seu ofício:

Muitas vezes chega gente aqui, tem gente que bate aqui até meia noite pra mim benzer, ninguém abre a porta meia noite pra benzer, mais eu abro. Vou benzer na casa dos outros, vou onde é preciso, se você for você não fica com o peso na consciência que aconteceu tal coisa por que você não fez o serviço, porque se você tá com uma missão, se Deus encaminhou na sua porta você tem que abrir, você é obrigada a abrir a porta entende? (Maria da Consolação 68 anos parteira, benzedeira e puxadeira 06/01/2019).

Assim como dona Maria, dona Coló 75 anos também relata que muitas mulheres a procuram para realizar o ato de puxação. Durante a entrevista ela reatou que apesar da medicina formal ter avançado, as práticas tradicionais não se perderam ao contrário do que muitas pessoas inclusive os próprios profissionais de saúde acham, ela se fortalece a cada dia, desta forma é que dona Coló diz que ainda realizaria partos domiciliares caso haja necessidade, pois seus saberes ainda permanecem, já que é um dom e ninguém pode tira-lo. Dona Coló muito sorridente afirma que é capaz de realizar partos e que se alguma grávida desejar ter o seu filho pelo método tradicional, ela está pronta para atender e que continua atuante realizando seu trabalho.

Quantas aparecerem gritando aqui, vão sai achando graça com o filho no outro dia (risos). [...] Com certeza, sou muito procurada vem gente aqui “pendurado” (muitas pessoas), vem do hospital duas ou três vezes, porque a criança tá atravessado, a criança tá encaixada na hora, passou um ventinho por ali (puxação) pronto, elas passam satisfeitas, bem. Dificil o dia que não tem duas ou três, duas ou três (Dona Clotilde 75 anos parteira, puxadeira 25/10/2018).

Dona Euládia informou durante a entrevista que é muito procurada para realização de seus ofícios, tanto homens como mulheres fazem constantes visitas em busca da prática de puxação, crianças também são levadas até ela com quebranto para benzer, ela contou ainda que muitas dessas pessoas nem a conhecem, porém são informados por outros que já

passaram pelas mãos dela e a recomendam, nesse sentido a experiência de dona Euladia e a confiança de seu trabalho faz com que ela seja muito requisitada,

Muita gente vem pra eu puxar, eles venho se informando, eu tenho meu dom, eu benzo eu puxo com a ventosa, puxo rasgadura, endireito criança, já não tem mas gente com esse dom, aí vem gente me procurar, mas eu não informo, é um que informa o outro, vem gente que nem me conhece (Dona Euladia 74 anos 30/10/2018)

Imagem 4: Euladia, parteira, puxadeira e benzedeira 74 anos.



Fonte Maria Rosiana Oliveira, Abaetetuba/Pá, 30/10/2018.

Diante de todos esses relatos podemos dizer que as parteiras são referência, exemplo de luta e sabedoria, que teve sua imagem negativada pela medicina formal a qual enxergava essas mulheres de forma pejorativa, sem conhecimento, inexperientes como eles as chamavam, com esse preconceito gerado em torno das mesmas. Políticas de higienização começaram a serem postas, para denegrir e limpar os saberes que as mesmas possuíam essa imagem criada contribuiu para que ao longo dos anos o ofício dessas sábias mulheres fossem pouco valorizado e reconhecido, interferindo desse modo na visibilidade que as parteiras pouco obtiveram.

Muitas das práticas realizadas pelas parteiras, benzedeiras puxadeiras, que eram tão valorizadas antigamente e repassadas por gerações, hoje em dia na cidade de Abaetetuba estão se reestruturando de forma que nem mesmo com o advento da medicina formal, e de grandes avanços tecnológicos esses saberes foram perdidos. Todavia podemos notar que as práticas tradicionais não ocorrem em grandes proporções como antes e que as novas gerações em sua maioria não tem conhecimento do que é uma parteira tradicional e de seu ofício, entretanto podemos afirmar com toda certeza que as práticas tradicionais continuam resistindo e persistindo e que há ainda uma grande e significativa procura por elas, onde uma parcela da sociedade ainda desfruta das puxações, das benzeções, dos chás caseiros, das ervas medicinais enfim de todo esse grandiosíssimo saber que tende a permanecer ajudando quem precisa, rompendo as barreiras ao longo do tempo, saber esse que faz até mesmo a medicina formal muitas das vezes ser posta em dúvida, já que esta última tem cometido tantos erros que os conhecimentos que atravessam gerações acabam se sobressaindo em relação a ela.

A parteira dona Coló colocou o seu saber tradicional em face do saber formal, provando que os saberes dados por Deus não se enganam, durante a conversa informal realizada, ela contou, um dentre vários acontecimentos, que ocorriam durante sua atuação, um desses acontecimentos é sobre uma moça que não sabia que estava grávida e que pede ajuda a dona Coló depois de já haver passado pela medicina formal:

Tia? vim pra senhora puxar minha barriga, eu não menstruei desde que tive meu primeiro filho, eu tó me achando estranha, não tó menstruando, eu já fiz teste de farmácia e não deu nada, o quê, que a senhora acha ? Eu disse: tu queres bater ultrassão? Ela disse assim pra mim: não eu vim primeiro aqui com a senhora, coloquei ela nesse banco velho (gestos), coloquei um pano, aí coloquei a mão na barriga dela, tu estas gestante, Ela disse: vou bate ultrassão, quantos meses a senhora acha que eu tó? Eu disse: tu tá com dois meses, foi embora bater ultrassão, aí bateu de lá ela veio, olhe tia, vó, tudo elas me chamam, eu não tó grávida, tá limpinho, não tem. Eu disse pra ela, então tu fica com teu que não e eu fico com o meu que sim, bora ver quem vai vencer. E esta piquena acabou com o dinheiro

fazendo exame, fazendo teste, até de sangue ela fez e não dava nada, não dava, não dava, tu tá, tu tá, tu tá, completou cinco meses, ela veio. Tiaaaa! Agora que senti arranhar aqui pra trás [...] há foi? Porque já tem unha, eu disse pra ela, meti a mão na barriga dela uma tamanha criança, olha a cabecinha (gestos), cinco meses, agora tu vai acreditar numa coisa dessa? Os exames tudinho, a ultrassão tudinho e nada deu, e eu dizendo que tava e os exames dizendo que não tava, gora quando tu ter, tu embrulha num pano e vai levar nesses lugares que tu fizeste, leva os exames tudinho[...]. Olhe ela teve a criança benzinho (Dona Clotilde (Coló), 75 anos, parteira e puxadeira, 25/10/2018).

Através do relato da parteira dona Coló, fica perceptível o quanto é importante o uso dos saberes tradicionais para vida da população na cidade de Abaetetuba, e que apesar da tentativa de desconstrução desses saberes por parte da medicina formal, os mesmos permanecem se ressignificando a cada dia em prol de ajudar o outro, o que carece de mais visibilidade por parte dos nossos governantes para que os mesmos tenham a valorização devida.

CAPITULO II

AS EXPERIENTES: PARTEIRAS TRADICIONAIS SINONIMO DE VIDA E AMOR AO PROXIMO

2.1-HISTÓRIAS QUE ENCANTAM: PARTEIRAS TRADICIONAIS DE ABAETETUBA/PÁ

Entender e compreender o universo dos saberes tradicional foi o que me motivou a pesquisar pelo tema das parteiras, certa de que muitas histórias elas tinham guardadas em suas lembranças e que por vezes deveriam ser rememoradas. O ofício das parteiras na cidade de Abaetetuba no baixo Tocantins, é envolto a um laço de fidelidade que envolve toda a comunidade e a vida de cada mulher da região, dessa forma trabalhar com as histórias das mesmas, a partir do relato delas, nos permite adentrar nesse universo que vai muito além do que imaginamos ser, é uma mistura de magia, amor, amizade, cumplicidade que se insere na cultura do povo local de forma significativa para quem já passou pelas mãos das parteiras, benzedeadas, puxadeiras e por quem ainda hoje continua acreditando no poder dos conhecimentos que as mesmas possuem.

Sendo assim podemos enfatizar que o universo de partejar envolve várias pessoas, homens, mulheres, crianças, enfim a comunidade de um modo geral, que confiam no trabalho dessas conhecedoras do bem, das “conselheiras do bom nascer, aparadoras de vidas” (PINTO 2010 p.137) assim se chamavam as pessoas que detinham esses saberes.

O agente da medicina popular é a mãe de família, o homem do povo, a avó e a parteira, em muitos locais. É a mãe de família quem socorre a criança, o adulto enfermo, o velho. Os procedimentos adotados são sempre inspirados nessas pessoas que, de geração em geração, vão aprendendo e transmitindo o seu saber medico (SOUZA, Ronaldi, sd, 2015, p. 05).

Os saberes tradicionais advindos dos conhecimentos dessas sabias pessoas influenciou no processo de constituição familiar, onde pela memória de cada entrevistada (o), as lembranças dessas práticas foram sendo rememoradas, e dessa maneira compreender as histórias das parteiras é dar visibilidade a elas, que tiveram e ainda tem um papel fundamental no processo dos saberes tradicionais, isto é da medicina popular, buscando entender nossa origem.

Por meio da virada antropológica década de 70, 80 foi possível, vários temas serem trabalhados, temas que antes não eram possíveis, passaram a ser discutidos, nesse sentido vale ressaltar aqui as parteiras. A antropologia contribuiu para que grupos que se mantinham no anonimato pela historiografia pudessem ser enfatizados, levando assim a compreensão dos seus variados aspectos culturais, sociais, suas crenças, hábitos, costumes, praticas, enfim a relação dos mesmos para com a sociedade e dessa forma a sua importância e relevância para com a mesma nas diversas temporalidades existentes (SCWARCZ, 2005).

Como ciência da alteridade e da diversidade, a antropologia permite transpor conceitos e fazer a reflexão incidir sobre nós mesmos. Noutras palavras, se a antropologia deve se debruçar sobre o que é considerado “nativamente” relevante, não pode deixar escapar a centralidade que a história ocupa em nosso pensamento: ela é parte fundamental das grandes narrativas sociais e da forma de nos auto-representar, costurando eventos (SCWARCZ, Lilia, 2005, p.135).

Por tanto, a relação entre a história e antropologia ajuda a compreender os processos históricos, partindo do presente as parteiras, as parturientes, o indivíduo em si, ao relatarem suas histórias de vida, vão reconstruindo sua trajetória, evidenciando aspectos relevantes a luz de suas ações.

Na cidade de Abaetetuba as histórias da maioria das parteiras vieram de um dom divino, dom esse que já nasce com a pessoa, e que se perpassava por gerações como já havia mencionado anteriormente, no entanto, outras pessoas adquiriam esse saber através da relação com a mãe ou com alguém da família. Porém segundo os relatos das mesmas ser parteira seria além de tudo uma missão que tem que ser seguida, para que todos que precisem possam ser ajudados, isso mostra a essência das práticas tradicionais: ajudar a socorre quem precise de atendimento (PINTO, 2010):

São mulheres que não se encontram nos bastidores da história, pelo contrário, sempre demonstraram, através de suas estratégias e das experiências de seus ancestrais, que foram sujeitos no processo histórico e neles executaram e executam papéis de destaque, quando se transformam em personagens capazes de construir tanto a história dos seus povoados como de sua própria existência (PINTO, 2010 p.6).

Das quatro parteiras entrevistadas, duas possuem curso técnico em enfermagem, dona Maria da Consolação e dona Rosenil, no entanto, dona Rosenil já atuava no partejo tradicional desde muito jovem seguindo os passos de sua mãe, somente depois já com 35 anos de idade foi que resolveu fazer o curso técnico, todavia ela conta que o ofício de partejar era muito cansativo, eram muitas mulheres que procuravam atendimento, mas que exercia com muito amor e nunca se negava a atender ninguém. Dona Rosenil relata que a partir do momento que fez o curso não deu mais continuidade ao partejo domiciliar, sua decisão partiu a partir do momento que fez seu estágio no hospital, no qual prestou acompanhamento com os médicos no serviço de obstetrícia, ao qual presenciou trabalhos de partos muito diferentes dos quais estava acostumada a realizar com sua mãe. Diante de uma realidade que a impactava, dona Rosenil resolveu não mais atuar na arte de partejar domiciliar e também não deu continuidade no hospitalar, ficando somente a auxiliar famílias em suas casas como técnica de saúde familiar, diante disso ela contou um pouco do que presenciou durante seus dias de estágio

Eu vi lá dentro do hospital, o parto normal muito diferente do da casa, é muito assim, ééé, eles massacram muito a mulher, não é como o na casa que deixa vim tudo natural, eles não, eles mete a mão pra limpar ali, pra tirar aquele sangue. Aí o doutor perguntou o que você achou? Eu disse, olha doutor em casa minha trabalha faz parto normal e eu já fiz também, mas não é assim. Ele disse, mas não pode, tem que fazer a limpeza para não infeccionar a mulher (Dona Rosenil 53 anos, parteira e técnica de enfermagem, moradora do bairro São Lourenço, 25/10/2018).

Diante do relato acima, podemos ter uma compreensão da diferença existente entre formas de partejo domiciliar e hospitalar, ficando perceptível que a diferença está na forma de realizar o parto, que para a medicina formal vista como única detentora dos conhecimentos os partos domiciliares se tornam ultrapassados, gerando preconceitos e discriminação desses saberes, como afirma as autoras Borges; Diana & Santos,

Entre essas lógicas, a do saber e do rigor científico é percebida como o mais poderoso modo de produção de não-existência, pois ela admite apenas a ciência hegemônica como critério de verdade, reduzindo à categoria de ignorante ou inculto tudo o que não é por ela legitimado (BORGES; LUCIA & SANTOS, 2009, p.376).

As parteiras são mulheres que exercerão forte liderança de saber, possuindo grande eficácia na saúde da população, representando um grande potencial de experiência e conhecimento que ultrapassava o saber formal, estas mulheres exerceram além de seu ofício de partejar e, promover a cura, o papel de conselheira, psicóloga, amiga que dava todo suporte emocional nas horas necessária (SALES, 2007).

A parteira dona Coló ao relatar um pouco de sua história, ficou emocionada diante das lembranças, dos acontecimentos que marcaram sua vida, contou que iniciou o ofício de partejar com 15 anos de idade, quando ajudou a realizar o parto de uma senhora que por sinal era também parteira, a qual ela chamava de sua comadre, ela conta que não sabia que tinha o dom para partejar, e que antes de exercer a pratica ajudava sua mãe com as tarefas do dia a dia, todavia sempre que as pessoas pediam para ela levar algo na casa de alguém, ficava analisando tudo o que ocorria, era muito curiosa e observadora o que só contribuiu para seus conhecimentos:

[...] O que eu faço pra criança nascer? Segure, não deixe cair, ai eu segurei pelo braço já tinha passado a cabeça, quando eu segurei que ele sentiu minha mão ela chorou, eu peguei arriei no lado, ela pegou veio devagarinho sentou meio de lado ai a placenta saiu, eu fiquei olhando, só que eu já tinha um pouquinho de experiência, porque minha irmã tinha filho com parteira e cada filho que ela tinha eu já estava crescendo, já tava ficando mocinha, e as hora vaga eu empurrava a cabeça ia buscar qualquer coisa, ai o olho corria ali, sabe? Eu já tava alertada. Agora venha de lá me dei essa caixa, lá tinha fio, tinha gaze naquele tempo era metiolate, dei pra ela, ela amarrou o umbigo e eu olhando, [...] ai tá ela acassalhou tudinho, acassalhou a criança, colocou os panos na rede, ajetei tudinho com ela, deu tudo certinho (Dona Clotilde Parteira e puxadeira 75 anos, 25/10/2018).

Foi a primeira atuação que dona Coló obteve com o partejo, depois desse fato ela não parou mais, segundo seus relatos, a SESPA sabendo do feito realizado e do seu potencial para partejar, enviou uma visitante, que era técnica e que coletava todos os dados dos nascimentos provenientes dos partos domiciliares como: o nome da parturiente, sexo da criança, dia de nascimento, horário do nascimento, nome da criança, nome da parteira enfim todas as informações possíveis em relação ao parto. Com todos os dados em mãos a visitante levava o mesmo até a SESPA e registrava o bebê, com isso havia um controle de todos os nascidos vivos e mortos na cidade, os cursos são formas de capacitar as parteiras nas políticas públicas higienistas, nos casos partos mais limpos e com menos taxas de mortalidade tanto da mãe como da criança, encaminhando pelas parteiras os casos complexos, como evidencia Fleischer (2006),

Tais autoridades supunham que participar dos cursos alcançavam estas a liderança capazes de mediar no campo da saúde à hospitalização do parto e no campo social uma evolução civilizatória dos pobres (FLEISCHER, Soraya, 2006, p. 4).

Segundo dona Coló quando a visitante não podia ir até o local de nascimento da criança, as parteiras eram as responsáveis por informar os dados à SESPA. Dona Coló foi a única das parteiras entrevistada que realizou o curso promovido pela Secretaria Estadual de Saúde Pública, recebendo certificado pelo mesmo. A história de todas as tradicionais parteiras era cercada de muito trabalho, tanto no ofício de partejar e puxação como nas atividades decorrentes do dia a dia, do qual algumas tinham que cuidar dos afazeres domésticos, trabalhar fora, e ainda partejar quando eram chamadas. No entanto elas nunca reclamaram de ajudar alguém, faziam sempre com amor, pois como diz a parteira e técnica de enfermagem Rosenil Silva de 53 anos filha da parteira Clotilde (dona Coló)

Eu aprendi a partejar com minha mãe, comecei com 14 anos ajudando ela, o primeiro parto que eu fiz, foi de uma muda e surda, e ela só fazia sinal para não deixar morrer as crianças. Quando chegava mulheres com dor minha mãe gritava e eu vinha ajudar ela. Tinha mulher que tinha filho de noite demanhã diziam: Olha dona Coló já tou pronta. Tinha mulher que se largava, se deixavam na hora do parto ai era complicado, mas graças a Deus dava tudo certo. Dá muito trabalho, fiquei fazendo parto até os meus 35 anos, aí fiz o curso de técnica de enfermagem, ai eu não dei mas continuidade (Rosenil 53 anos parteira e técnica de enfermagem 25/10/2018)

Durante a entrevista fatos narrados me surpreenderam, principalmente quando dona Rosenil afirmou que sua mãe é uma guerreira, pois tinham mulheres que tinham seus bebês e não queriam ficar com eles, dessa forma deixavam as mesmas com a sua mãe, a qual não as abandonava. Diante desse fato dona Rosenil assim como dona Coló, dizem que

principalmente as moças que trabalhavam nos bordéis da cidade se negavam em criar seus filhos e pediam para dona Coló ficar ou dar para outra família o bebê.

Imagem 5: Dona Clotilde (Coló) 75 anos, Parteira e puxadeira.



Fonte Maria Rosiana Oliveira, Abaetetuba/ Pá, 25/10/2018.

Diante desses acontecimentos que não eram poucos, dona Coló conta emocionada que criou 37 filhos fora que doou 48, pois haviam famílias que tinham condições e queriam criar essas crianças. Mesmo com poucos recursos dona Coló não se curvava ou se entregava aos problemas que apareciam, ao contrário lutava e se mostrava sempre forte a ponto de conseguir criar todas essas crianças como se tivessem saído do seu ventre. Isso fazia com que dona Coló fosse um exemplo a seus filhos, pois de fato é uma história que surpreende, sendo importante enfatizar que ela não teve nenhum filho biológico, e dedicou-se a cuidar

da maioria das crianças que lhe eram entregues, é um verdadeiro sinônimo de amor, de coragem, de luta, uma história de superação, que mostra a força da mulher que todos os dias realizava o partejo, cuidava da casa, das crianças com muito afeto. Todavia dona Coló informou que nunca recebeu ajuda dos governantes para criação das crianças, ela diz ter contato primeiramente com a ajuda de Deus e de sua família e que nunca desanimou, sua casa era grande onde recebia as parturientes, haviam três quartos com camas que era onde ela acomodava as mulheres para dar a luz, sendo que vinham de todos os lugares e ela as recebiam e acomodavam todas, a única coisa que a Secretaria de Saúde doava a ela, eram os kits de partejo (luvas, máscara, avental, tesoura) o que já se pode supor que seria para manter o processo de higienização

Uma vez fiz o parto de uma moça no bordel, ela disse que não queria a criança e que ia jogar fora, eu disse que ia levar, porque eu tinha feito o parto então era minha também. Eu levei pra casa, como era muito piquinininha e fraquinha porque a mãe não teve cuidado na gestação, ela morreu. Criei 37 crianças estão tudo vivo com a ajuda de Deus e fora os netos que ainda crio [...] recebi ajuda só de Deus e do meu marido da minha família que ajudaram muito. [...] São todos meus filho, eu criei, quando reúne tudo, pensa! É mãe pra cá, pra lá, são do meu coração (dona Clotilde 75 anos, 25/10/2018)

É muito emocionante a história de vida de cada uma das parteiras, pois aprendemos com elas tantas coisas e ao mesmo tempo percebemos a coragem que elas têm de enfrentar as dificuldades da vida. A parteira dona Maria da Consolação também tem uma história de vida que encanta qualquer pessoa que escuta ela contar, história de sofrimento e fé que fez com que ela chegasse ao seu ofício.

Dona consola tem uma história marcada pelo sofrimento de separação, pois não foi criada com seus pais, desde criança ela foi morar com uma prima de sua mãe na capital Belém do Pará, e passou toda sua infância cuidando de outra criança, pois ela cuidava da filha dela, e veio fugida para a cidade de Abaetetuba a procura de sua mãe. Pois apanhava muito dela, já na cidade depois de reencontrar sua mãe foi que teve conhecimento de seu dom, ela conta que no início não queria aceitar seu dom, ela não parava era sempre trabalhando em outras atividades, onde iniciou trabalhando em fábrica de palmito em Belém, foi pro Muaná, e depois transferida para a cidade de Abaetetuba como chefe de produção de palmito, e começou a fazer o curso de enfermagem em Belém o qual era o curso que ela almejava muito. Terminado o curso foi que ela voltou a cidade para trabalhar. Conseguiu uma vaga na clínica do doutor Everaldo que já existia na metade da década de 70 e início de 80, onde começou a atuar com 24 anos, realizando trabalhos de parto e depois auxiliando em trabalhos cirúrgicos.

Todavia dona Consola diz que já tinha o dom, porém não havia colocado em prática ainda, pois detestava o mesmo,

Eu já tinha o dom, ele nasce com agente, só não praticava, antigamente eu detestava, eu detestava, esse negócio de umbanda hum! [...] Eu mudei de opinião se sabe porque, adivinhe quantas cirurgias eu tenho? Eu tenho 14 cirurgias, tudo isso pra não exercer a missão, só não tenho a décima quinta porque o Consaga achou que já era demais. [...] Ou eu cedia pra missão ou ia embora me levavam até me matar, e cada cirurgia dessa eu ia lá no túmulo e vinha. Aí eu tive que escolher viu, porque isso vem de raiz, da minha vó da minha mãe, e a cada filho que ia aparecendo ela ia mandando retirar, aí como não fui criada com minha mãe, comigo foi diferente, eu penei muito até aceitar a minha missão (dona Maria da Consolação 68 anos, 06/01/2019).

Dona consola prosseguiu na clínica do doutor Everaldo atuando como técnica realizando serviços de parto, que segundo ela não era missão de todas e somente de algumas que já tinham experiência, depois de quase 10 anos de atuação, ela teve que deixar a clínica por motivos de saúde e porque deu a luz a seus dois filhos, não podendo deixa eles sozinhos, ela teve que parar de exercer suas atividades na clínica, porém continuou exercendo em sua residência e onde a chamavam para atuar, no entanto dona Consola decidiu não realizar mais o ofício de partejar, e deu prosseguimento apenas nas puxações e benzeções.

Esses relatos marcam trajetórias diferentes das parteiras, no entanto o ato de ajudar se torna essencialmente igualitário, como na fala de Pinto,

Se por um lado suas histórias de vida as revelam como mulheres respeitadas e valorizadas por outro apontam para a falta de reconhecimento, como pessoas prestadoras de serviço, sobretudo para as autoridades ligadas a saúde, para as quais vistas apenas como “curiosas”, “práticas” (PINTO, 2010, p. 128).

Outra história de vida é a de dona Eulália, que aprendeu com sua mãe o seu ofício, ela relembra que sua mãe era uma grande parteira e benzedeira, que se deslocava distancias para atender sua clientela. Segundo afirma, haviam pessoas que mandavam busca-la altas horas da noite, e ela nem questionava porque tinha que fazer seu dever, ela atendia nas estradas, nas ilhas próximas e na cidade. Dona Eulália teve seu aprendizado vindo de seus pais, pois ela conta que seu pai também tinha o dom e que, portanto os saberes que ela possui são provindos de sua família e de Deus.

Dona de uma grande fé, dona Eulália pede proteção de Deus em tudo o que faz, muito carismática mãe de três filhos todos pelas mãos de parteira, ela se manteve atuante nos serviços de partejo, benzeção e puxação, porém nunca se desligou das suas obrigações do lar, por conta de da chegada da tecnologia e da medicina formal, dona Eulália relata, que continuou seu ofício apenas nas puxações e benzeções onde é muito procurada.

O dom nasce com a gente, vem de Deus, eu aprendi com meu pai e minha mãe. Lembro tudinho dela puxando a barriga das mulher, “ajeitando” as criança. Não é estudado é de nascença, até o padre perguntou se eu posso ensinar, não senhor, não posso. Benzo, puxo, ajeito criança, graça a Deus vem muita gente procurar meu trabalho (Dona Euladia 74 anos, parteira, benzedeira e puxadeira 30/10/2018 Francilândia).

Diante dos relatos das parteiras e parturientes durante as entrevistas, as mesmas informaram que era cobrado um valor para realização do partejo, porém era um valor simbólico que não vinha ser exagerado, as entrevistadas não souberam informar o valor, no entanto informaram que dava para pagar. Vale ressaltar aqui que, mesmo as parturientes que não tinham condições de contribuir com as parteiras, as mesmas não se negavam a realizar o partejo, pelo contrário, realizavam com a mesma dedicação o seu ofício.

A parteira dona Coló relatou que na maioria das vezes que realizava seu trabalho não recebiam remuneração, pois a maioria das famílias era humilde e não tinham condições de pagar, haviam outros casos em que famílias davam as parteiras “serimbabos”(termo usado para designar a animais criados em quintais, como a galinha por exemplo), frutas, farinha entre outros agrados, (PINTO 2010) principalmente quando as parteiras prestavam socorriam parturientes nas ilhas e estradas, como pode ser evidenciado na fala de dona Coló:

Olha as vezes eu ganhava criação, as vezes eu ganhava da família quando era de roça açaí, que eles apanhavam traziam pra mim. Não que eu pedisse, que eles achavam que queriam me dá, eu aceitava, mas tinha aquelas famílias que era muito carente, aí eu gramava fome junto com elas. Mas olha de digo uma coisa, nunca deixei de ajudar ninguém por que era pobre eu também era e ainda sou (risos) (Dona Clotilde (Coló), parteira, puxadeira 24/02/2019).

A parteira Maria da Consolação (Consola) também mencionou a cobrança de um simbólico valor nos serviços que realizava, pois como já mencionei anteriormente dona Consola diz que seus orixás, precisam de velas e outros utensílios, portanto ela precisaria cobrar uma pequena taxa pelos seus serviços. O mesmo decorria da parteira Euládia, que cobrava também uma pequena taxa pelos trabalhos prestados, todavia a de se evidenciar que todas as parteiras como foi relatado anteriormente por dona Coló, não se negavam a socorrer qualquer pessoa que precisasse delas, evidentemente trabalhavam com muita dedicação e amor e somente cobravam algum valor, pelo fato de ser uma ajuda nas despesas da casa, vale lembrar aqui que as parteiras eram mulheres humildes também que deixavam suas tarefas do dia a dia em favor do próximo, portanto compartilhavam da mesma situação financeira das parturientes.

Em muitos casos as parteiras compartilhavam com as parturientes do que tinham, dona Coló informou que muitas das parturientes que vinham das casas de programa (boate

do Gigi) como já mencionei anteriormente não levavam nada quando dava a dor, somente a roupa do corpo, sendo assim dona Coló tinha que contribuir com tudo, desde os produtos de higiene, alimentação e até roupa para elas vestirem tendo em vista que a qual levavam muitas vezes não era mais utilizada, contudo no fim quando as parturientes deixavam a casa de dona Coló, ela ainda tinha que ficar com as crianças que eram deixadas pelas mães, diante disso dona Coló informou durante a entrevista que cobrava uma quantia das mesmas para ao menos comprar o leite para as crianças no início da vida.

Porque olha, elas descansavam, a roupa que elas traziam, muitas vezes elas vinham com a roupa do corpo, já tava suja, quando elas saiam eu dava minha roupa pra elas, dava calcinha, dava pano para se forrar, alimentação até a hora que tava indo, sabão, tudo quanto, e inda ia dá criança, e aí e eu. Eu falava vocês que pariram e então vocês vão me pagar, eu não tô nem cobrando o trabalho, só pra dá uma ajuda, porque num demora vai chegar outra denovo e aí, de noite tinha umas que ainda pedia pra mim se eu não tinha cigarro, olha foi muita luta, nem pense (Dona Clotilde (coló), parteira e puxadeira 24/02/2019).

O que falar diante de todos esses relatos? Foi algo que fiquei a pensar, tanta cumplicidade, gestos de carinho, atenção, que muitas pessoas desconhecem saber. Saberes que ainda persistem historicamente, culturalmente e politicamente, embora se modificando ao longo do tempo, tornando-se inesquecíveis nas lembranças das eternas sabias conhecedoras do verdadeiro amor o de ajudar o próximo.

2.2- A PUXAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA AS PARTURIENTES DURANTE O PROCESSO DE GRAVIDEZ

As parteiras são mulheres que expressam confiança e responsabilidade que diante das dificuldades jamais deixaram a “peteca” cair, sempre responsáveis pelo que fazem. Diante disso o partejo tradicional sempre foi marcado desde o início, pela cumplicidade das parturientes que buscavam pelo trabalho das parteiras assim que descobriam que estavam grávidas, dessa forma a puxação é um processo que faz parte do universo mágico que envolve a vida tanto das parturientes como das parteiras (PINTO, 2010).

Sendo um processo de suma importância para as parturientes, é por meio da puxação (termo usado para massagens abdominais, com intuito de ajeitar o feto, desocupar a placenta, organizar a barriga), que a parteira pode verificar como se encontra a criança, sua posição, isto é, se o mesmo está atravessado e/ou enterrado na “pente”, (nome pronunciado pelas parteiras para designar se o feto está muito baixo na região pélvica), fato que transcorre pelas

parturientes andarem muito de bicicleta, carregarem peso ou fazerem muitos esforços na lida do dia a dia. Através da puxação as parteiras conseguem ainda, identificar o sexo da criança, e o tempo de gestação, o que proporciona uma gravidez mais tranquila as parturientes (Fleischer 2006). Contudo, há de salientar que as parteiras ao evidenciarem algo de anormal, logo solicitavam que as parturientes procurassem manter repouso, indicavam em alguns casos remédios caseiros, e nos casos mais sérios comunicavam a SESPA a qual era o único sistema público de saúde na cidade de Abaetetuba na época em pesquisa, porém como a SESPA não contava com aparatos tecnológicos e médicos especializados para casos de complexidade maior, as parturientes com problemas graves eram enviadas para Capital com auxílio da parteira para que tudo ocorresse corretamente sem nenhuma complicação (Dona Rosenil 53anos, parteira 25/10/2018).

Baseados nas vivências cotidianas, o ato de puxar era o momento no qual as parturientes estreitavam ainda mais os laços com as parteiras, uma vez que não era somente quando se encontravam grávidas que as parturientes recorriam as parteiras, elas buscavam sempre por elas para saber se estavam grávidas ou tentar engravidar (FLEISCHER, Soraya, 2011). As puxações também eram realizadas em outras partes do corpo da mulher, que buscavam por melhor conforto diante de algum problema, vale ressaltar que essa pratica na cidade de Abaetetuba (área urbana) ainda é muito utilizada, várias parturientes entre outras pessoas procuram diariamente as parteiras, puxadeiras para obtenção de seus saberes.

É muito comum as parturientes buscarem pela puxação quando sentem alguma coisa, dor, ou se a criança não está mexendo como de costume, se ela está “melindrosa” (paradinha, calma, sem mexer muito), nesse caso as parteiras realizam massagens, toques na barriga da mãe para que a criança sinta - se aquecida e assim se agite, “esperte” (Dona Euladia parteira e puxadeira 74 anos 30/10/2018).

Muitas parturientes ao realizarem tarefas no dia a dia carregam peso, e assim fazem esforço, com isso o bebê desce muito para região do abdômen, ficando encaixado como explicam as parteiras, em outros casos o bebê vai todo para as “escadeiras” (região de trás, nas costas, coluna) dessa forma as dores são frequentes e as inquietações às parturientes são constantes que não conseguem sentir conforto, com isso as mesmas recorrem as parteiras que imediatamente ouve o que elas tem a dizer sempre por meio do diálogo, procurando saber o que estão sentindo, quanto tempo elas têm de gravidez, há quanto tempo que sentem as dores, com que intensidade essas dores acontecem, entre outras informações.

Essa puxação de barriga, pra mim puxar essa barriga eu examino toda ela, tudo, pergunto sua menstruação tudo, eu faço o sinal da cruz nela, e venho conversando aqui com quem está aqui dentro, entende? No que eu tô puxando, eu tô rezando, tô conversando com quem está aqui dentro, entende? Ele dá sinal, como é que ele tá, porque é que ele tá, entende? É assim que eu faço, eu sei tudinho, se está de pé, se tá de cabeça, se tá encostado com o bracinho. Eles teem o costume de vim pra cá pro encaixamento ele mete o cutuvelo aqui, a mãe aí, minha tenda tá dislocada, dói, é o cutuvelinho dele que está enterrado aqui. [...] Tem que ter o jeito de conversar pra ir tirando ele, pra ele ir saindo dali, pra fazer ele subir, pra dislocar ele dali (Dona Maria da Consolação parteira, puxadeira, benzedeira, 68 anos 06/01/2019).

Há também casos em que as parturientes, querem saber o sexo do bebê antes de realizarem a ultrassom, então buscam primeiramente o conhecimento das parteiras para somente depois recorrerem ao médico, isso ocorria principalmente quando não havia tecnologia, e as parteiras eram as únicas que podiam prestar essas informações, por tanto eram muito solicitadas há todo momento. As parteiras sempre acertavam o sexo do bebê, conseguiam fazer e/ou endireitar os bebês que estavam atravessados na barriga da mãe, até mesmo os que estavam de pé, ou seja, em posição contrária, as parteiras detinham através do seu dom o poder dado por Deus e com a ajuda de seus guias realizavam atos que aos olhos da medicina formal seria impossível de realizar (PINTO 2010).

Atualmente a puxação se faz presente na cidade em estudo, as parteiras ainda são muito solicitadas não somente pelas parturientes mais também por várias pessoas que procuram suas práticas, homens, crianças, idosos, adolescentes, enfim, que confiam nas mãos dessas mulheres, assim mesmo diante dos preconceitos criados pela medicina formal, as práticas tradicionais ainda permanecem no seio da sociedade com o intuito de ajudar as pessoas que nelas creem. No entanto, há de salientar que com o surgimento da tecnologia, os aparelhos de ultrassonografia, as práticas tradicionais sofreram certa redução na procura, mas não ocasionou o fim das mesmas, pois muitas pessoas ainda depositam confiança no trabalho das parteiras que mantiveram seus saberes reestruturados em face da medicina formal.

Dona Maria da Consolação 61 anos exerce seu ofício há muitos anos, a puxação segundo ela permite que a mãe crie um laço ainda maior com o seu filho, pois durante esse ato a parteira vai falando com o bebê e ele vai se ajeitando, voltando para o lugar, nesse momento o bebê sente-se mais quentinho pelo toque das mãos das parteiras e a mãe se tranquiliza ao sentir seu filho mexer dentro dela.

A puxação ajuda a ajeitar a criança, pra pôr na posição ereta, que é pé pra cima e cabecinha pra baixo, na pente, ajuda a criança a se criar na posição certa, entende? Se a criança está atravessada ou ta encostada, você tem como deslocar ela daqui e pôr na posição zinha, entende? Se a criança está acostumada naquele lugar, você tem o remedinho próprio para fazer, e mandar a parturiente passar, quer dizer que a

criança no que ela vai querer voltar pra aquela posição que ela tava, ela volta por que ela vai dar com o cheiro do remédio ela volta.

Mas tem que saber onde está a cabecinha dela, o pezinho dela pra você reverter ela, mas não é só dizer que vou puxar, tem que saber puxar, tem que ter o dom, você enxergar como tá lá dentro (Maria da Consolação 68 anos parteira, puxadeira e benzedeira 06/01/2019).

Diante do relato acima pode ser observado a importância que a puxação tem parturientes, onde esse processo é de grande ajuda durante a gravidez, o que mostra o cuidado prestado pelas parteiras, puxadeiras para com as parturientes. Os saberes tradicionais não podem ser aprendidos de uma hora para outra, é algo que nasce com a pessoa, vem de Deus, segundo dona Maria da consolação ela até poderia ensinar, dar aula, contudo “O que eu enxergo você não enxerga, entende? Eu posso lhe explicar tudinho, mas você não tá vendo como é que tá, o saber vem de um dom, e não dá pra ensinar, nasce com a gente” 06/01/2019.

Imagem 6: Dona Maria da Consolação (Consola) 68anos. Parteira, puxadeira e benzedeira.



Fonte, Maria Rosiana Oliveira, Abaetetuba/Pá 06/01/2019.

Nesse sentido, é que as parteiras são cheias de conhecimento, e que não precisam de tecnologia para identificar o sexo, ou algum problema que venha estar ocorrendo com o bebê. Tudo ocorria de maneira natural, onde as parturientes tinham uma gravidez tranquila, acompanhadas pelas parteiras, tinham a data de nascer o bebê, pois as parteiras identificavam o período de gravidez e conseguiam afirmar com precisão a data de nascimento do bebê. Contudo com a vinda da medicina formal e os novos aparatos tecnológicos, as práticas sofreram transformações, em que muitos problemas frequentes passaram a ocorrer, como por exemplo, as parturientes não tem uma data correta para o nascimento do seu filho, muitos exames passaram a ser cobrados, e o acompanhamento com os médicos realizados com maior frequência.

O ato de puxar envolve todo um processo de ajuda às parturientes, onde através de medicamentos caseiros, como banha da galinha, cera de Holanda, óleo de mamona, entre outros são utilizados nesse processo, como afirma SOARES, Gedeão,

A parteira se utiliza da puxação para diagnosticar possíveis distúrbios durante a gestação, uma pratica que favorece o seu trabalho na hora de fazer o parto, pois durante o acompanhamento da gestante, no desenrolar da gravidez, conhecendo as dificuldades que podem se apresentar durante o trabalho de parto, a parteira tem como saber se a grávida tem condições de ter a criança em casa ou se é necessário uma intervenção medica para garantir o bem estar da criança (SOARES, Gedeão, 2017 p. 48).

Fica evidente diante da citação a importância que a puxação desenvolve na vida de quem procura por essas práticas, em que mesmo após o parto as parteiras tendem a acompanhar as parturientes, sendo um ato assistencial, percorre desde que se descobre a gravidez, até o pós parto, com uma grande simbologia que representa. Antes não havia o procedimento técnico e as parteiras resolviam tudo, realizavam os acompanhamentos as parturientes, eram as medicas populares atuantes. Atualmente são tantas técnicas, mas alguns sem resultados positivos, pois não dão um diagnóstico correto, como na fala da parturiente Dulcineia:

Antes agente tinha as parteiras, hoje em dia se a pessoa não vai endireitar a criança, se fia em ultrassão, nem isso dá certo, a pessoa vai bater é mulher, quando chega as vezes nasce é homem, então nada dá certo, mas as parteiras agente não tinha negocio de fazer pré-natal olha esse tempo não tinha hospital , e agente tinha os filhos da gente, agente não era cortada, tinha direitinho, a senhora vê a diferença, por que? A sabedoria também da parteira, elas tocavam a mão na barriga da gente deixavam tudo direitinho, na hora de ter a criança nascia direitinho. (Parturiente Dulcineia Santos 06/02/19)

Durante a pesquisa pude perceber que as puxações são realizadas em determinado horário, podendo variar de acordo com o tipo de cada procedimento. Como as puxações se diferenciam de um caso para outro, com o horário também ocorre o mesmo, nesse caso as parteiras somente puxam as barrigas das parturientes no horário da manhã, pois segundo elas pela manhã, as parturientes encontram-se com a barriga vazia, dessa forma a parteira pode tocar o bebê melhor, analisando com facilidade sua posição, isso facilita a identificação de problemas e contribui para a melhora das parturientes. Diferentemente da benção que é realizada a qualquer hora, como afirma dona Maria da Consolação:

Muitas vezes, tem gente que bate aqui até meia noite pra mim benzer, ninguém abre a porta pra benzer ninguém meia noite, mas eu abro, vou benzer na casa dos outros[...] As puxações são demoradas, tem diferente tipo de puxação, há puxação de barriga já é outra coisa, tem gente que puxa barriga de mulher gestante qualquer hora, eu já não. De mulher gestante eu só puxo barriga de manhã, porque de manhã você está com estômago vazio, intestino vazio, aí dá pra você pegar a criança, ajeitar, se ela tá sentada dá tempo de você reverter ela, você reverte ela, se está atravessada também, entende? E pelo lado da tarde não, porque de manhã, pelo dia, você toma café com pão, merenda, almoço, fica com o estômago cheio, como é que vai virar, muitas vezes as gestantes chegam aqui cinco horas, seis horas, não dá, não tem como puxar [...] (Dona Maria da Consolação 68 anos)

O ato de puxar a barriga e benzer é a prática mais comum na cidade de Abaetetuba, embora a parteira dona Clotilde 75 anos, haver mencionado durante a entrevista que havia realizado um parto seis anos atrás, o que não é mais comum na cidade, haja visto que os hospitais e postos de saúde familiar tomaram grande repercussão, e os partejos tradicionais diferentemente do que ocorre nas ilhas e estradas mais distantes com maior proporção não mais ocorre na área urbana. A puxação é um momento de troca de informações, de conhecimento, no qual saberes são trocados, dados sobre a vida da parturiente, da comunidade, sensações, incomodações, dores, angustias, alegrias, emoções, dúvidas, enfim tudo o que advém da gravidez. Além disso, as parteiras informam as parturientes de como agir durante a gravidez, o cuidado durante o dia a dia, sua alimentação.

As parteiras através da puxação podem conhecer o corpo das parturientes, um pouco do seu universo, do seu dia a dia, Como afirma Pinto,

Aptas conhecedoras do corpo e da fisiologia feminina, através de um simples toque manual, no ventre da mulher, são capazes de diagnosticar em questão de segundos, o que a medicina com técnicas e instrumentos especializados demora mais tempo para detectar, como por exemplo, o início da gravidez, posição e sexo do feto, até o desfecho da gravidez, o parto (PINTO, 2010 p 273).

Todo desconforto ou qualquer coisa que as gestantes sentiam e/ou sentem era/é motivo para procurar a parteira, o que mostra que os laços se fortalecem entre as duas, diante disso as parteiras sempre atenciosas para com sua clientela ao realizar a puxação já sabem como proceder, pelo dom que possuem, sabem como a criança se encontra dentro do ventre da mãe, se a mulher tem passagem para ter normal, a quantidade de líquido na barriga, entre outras coisas. A parteira só de olhar para a parturiente já sabe se ela está fraca, com anemia, infecção, dessa forma já providenciam ajuda, ensinando para as mesmas os remédios caseiros advindos das plantas da terra, para obtenção dos chás, das “garrafadas”, dos banhos tudo que possa aliviar os problemas das parturientes (PINTO, 2010).

Quando a parteira era chamada para realizar a puxação de barriga na gestante, ela pede proteção aos seus guias ou santos a quem confiam, utiliza azeite, e vai massageando suavemente a barriga da mulher, através dos toques, a parteira já tem a visão de como a criança se encontra, a posição, se está bem, se está fraca, tudo a parteira pode detectar, até mesmo o tempo de gravidez. Geralmente a puxação de barriga demora entre uma hora a uma hora e meia segundo a parteira dona Maria da Consolação 68anos,

Primeiro porque antes de começar a puxar, vejo toda a condição da barriga, pergunto quando foi a sua última menstruação, se já foi no médico, se já bateu ultrassom, o que o médico disse. Porque muita vez vocês dão a data errada pro médico, de quando parou a menstruação, muitas vezes você pega a criança de encontro com a menstruação, se teve relação nos dia próximo da menstruação, aí pega de encontro, se manter relação naquela data. Aí dois, três dia depois a menstruação desce aí já pegou de encontro o feto já tá lá ou então parou hoje de manhã, manteve relação pega no termino da menstruação, o certo é deixar uma semana pra dá tempo de limpar o canal da mulher (Dona Maria da Consolação 06/01/2019).

O relato acima mostra a importância que as parteiras desenvolvem para com sua clientela, além dos grandes conhecimentos que a mesmas possuem, os quais são repassados para as mulheres que desejam e/ou não engravidar, isso permite entender o universo de saberes que cercam as parteiras. Todavia mesmo diante de todo esse saber, existem pessoas que ainda colocam em dúvida o trabalho das parteiras na cidade, isso decorre dos novos aparatos tecnológicos, porém o que não é capaz de abalar os saberes tradicionais, pois mesmo diante da formalidade a tradição se mantém forte, viva e capaz,

Eles vão mandar bater ultrassom pra lá, eles sabem o que é eles vem só pegar uma bombada, aí eles vem me experimentar. Olha ainda não mandei bater a ultrassom, vim puxar, a senhora sabe o que é? Olha que já, eu digo, eles fico surpreso. Outra vez vieram me buscar pra puxar a barriga da menina, já era de tadinha, tava anoitecendo, eu fui, cheguei lá, boa noite, ela disse entre, eles já tinha mandado bater, pra ver da minha boca, perguntei já mandou bater ultrassom? Não, aí fui puxar e disse o que era (Dona Euladia 74 anos 30/10/2018).

É surpreendente o quanto os conselhos repassados pelas parteiras são de grande ajuda, são leques de informações e conhecimentos que imergem dessas sabias mulheres não só na cidade como em outras localidades. Diante disso a valorização das parteiras ocorre pelas práticas que as mesmas utilizam no seu dia a dia, sendo de suma importância para a população e exercendo grandes contribuições para a melhoria de saúde de quem acredita no poder das mãos dessas mulheres. São leques de informações repassadas pelas parteiras, que perpassam gerações, baseados na memória e poder divino que as mesmas possuem, relacionados com a natureza e a força de seus guias.

As parteiras sempre foram muito requisitadas por sua clientela, as quais realizavam uma espécie de consulta, eram as auxiliares da população, sempre atentas e preocupadas, com a saúde tanto da mulher como da criança, a parteira dona Coló relata que ao puxar a barriga da gestante, já fazia as contas e informava de forma correta a data possível do parto para a parturiente, assim a mesma já deixava tudo acertado com a parteira para a realização do partejo. Embora não realize mais o serviço de partejo, dona Coló mencionou que ainda há muita procura por seus saberes, contudo na puxação pratica que ainda é predominante na cidade

Até hoje vem ainda vem gente pra eu tocar, pra eu saber se é homem se é mulher, éee eu faço as contas da tudinho como eu faço, até uma que é gerente do banpará veio aqui pra eu puxar. Um tempo desse ai atrás veio a filha do jurita (dono de loja) ela mora em Belém, ela tava grávida, já era o terceiro, já tinha perdido conta de dois, aí porque ela queria saber comigo o porquê que ela perdia! Olha! Primeira coisa vocês fazem porque o médico fala, tem que fazer o que o médico fala, é um erro muito grande! Você está com dois meses já não tem nem três meses, espera três meses pra fazer ultrassão, na ultrassão vai aquele negócio alí amassa, a criança tá gerando, dalí começa a vim o sangue, as veze até quebração de água, aí surge o aborto, aí deixa passar três meses tu manda bater [...] Não sobe escada, toma bastante liquido, não mantem relação, nos três meses aí sim. Olha, ela teve o filho benzinho e veio aqui me agradecer (Parteira dona Coló 24/02/2019).

As parturientes na cidade ainda continuam a recorrer as puxações, sempre que precisam, apesar de ser uma pratica discriminada pela medicina formal, a procura ainda se mantem, principalmente pelas mulheres que mantêm sua tradição viva, aconselhadas pela mãe, avó, tia, enfim por pessoas da família que também já passaram pelas mãos das parteiras. Vale ressaltar aqui como já havia mencionado anteriormente, que a puxação não é única e exclusiva das mulheres, homens também buscam por essa pratica na cidade de Abaetetuba, sendo constante a procura, para puxar um braço, uma perna, um pé machucado por alguma pratica irregular, principalmente jogo de bola, há também outras pessoas que recorrem as parteiras, puxadeiras para puxar rasgaduras, luxações entre outras.

Das quatro parteiras entrevistadas, apenas dona Rosenil não exerce mais a prática de puxação, as outras três parteiras continuam a realizar suas práticas, e afirmaram cobrar uma taxa pela prática, porém é um valor simbólico acessível a todos, pois segundo a parteira Eulália, os guias cobram dela, a defumação, o cigarro então elas têm que cobrar. A parteira Maria da Consolação afirma que, “a puxação, envolve toda uma técnica que somente quem tem o dom pode executar”, pois o médico diante de um indivíduo que sofreu uma luxação ou torção de nervos, solicitam logo o exame de raio X, engessam o local ou na maioria das vezes passam apenas medicação, não conseguem enxergar por dentro, como está o machucado, nesse sentido as parteiras, puxadeiras ao contrário ao tocar no machucado conseguem ter noção da extensão do mesmo, pelas massagens conseguem dissolver os nódulos, desmanchar as tensões e distorcer os nervos.

A parturiente Maria Rosete de 40 anos relatou que durante toda a gravidez das suas duas filhas sempre buscou ajuda para puxação de sua barriga, pois sentia maior conforto e tranquilidade de saber que a criança estava bem na sua barriga,

Eu fiz meu pré - natal direitinho, mas sempre recorri a puxação, sempre que sentia alguma dor ou desconforto, ou quando não sentia meu filho mexer já ficava com medo, procurava logo ajuda da dona Consola, ela me dizia como estava meu filho, a posição, ela ajeitava tudo, quando eu saia da casa dela me sentia aliviada, já sentia meu filho mexer bem, ai ficava mais tranquila (Maria Rosete 40 anos, parturiente, 28/01/2019).

A puxação é um processo de grande importância diante da necessidade de fornecer alívio para mãe, melhoria para o bebê diante da posição que se encontra na barriga da mesma, evitando a ocorrência de problemas que poderiam levar a um parto cesáreo e dificuldades na hora da criança nascer. Dessa forma, na cidade de Abaetetuba esse procedimento era e continua sendo um grande socorro para as parturientes que tendem a ter um conforto maior devido a essa pratica secular. No entanto para puxar é necessário todo um conhecimento do corpo não somente da mulher e sim de todos que se utilizam dessa pratica, nesse caso das puxações de barrigas, as parteiras detêm todo o conhecimento da fisiologia feminina como afirma dona Coló,

Vejo falarem aí, que tem que passa óleo, passa talco, eu não, só de tocar ali, eu sei como a criança tá, ainda digo se é homem ou se é mulher. Tem vezes que a criança tá de nagna, tá de pé, de pé é os pezinho, de nagna é sentado, tá de lado não tem boa posição, aí a mãe sente dor na pernas, sente cansa, não dorme direito, não senta direito. Só com aquela coisa de tá colocando na posição, pronto, ela se sente bem, a criança fica mais esperta. Eu acho assim pra quem não sabe, não deve se falar puxação, porque é por isso que os médicos proíbe, o médico acha que puxação é passar um óleo, mexer pra cá, mexer pra li, aquilo faz mal pra criança porque ali é que amarra o cordão umbilical, não é impurra pra cá, impurra pra li,

é só de tocar, assim, está encostado bem aqui, toca aqui, toca aqui, a criança vai direto pra pente (Dona Clotilde (coló), parteira e puxadeira 24/02/2019).

Da mesma forma ocorrem com o ultrassom, os médicos enxergam apenas no aparelho a criança, mas não conseguem sentir a mesma, muito criticada pelos médicos formais como sendo uma pratica ilegal, causadora de deformações e até aborto devido o deslocamento da placenta, as puxações se inserem como um ato incorreto diante dos olhos dos mesmos, onde as parteiras não poderiam fazer tal prática,

Então nós não aconselhamos, não achamos isso favorável, não adianta está puxando a barriga, como fazem, pois é prejuízo para mim. Observamos muito isso aqui no município de Abaetetuba, essas massagens que as mulheres mandam fazer na barriga, geralmente ocorrem com isso o deslocamento de placenta e esse deslocamento é uma das causas do parto Cesariano. (Doutor Vital, 68 anos obstetra e cirurgião geral 02/12/2018).

Diante do relato medico acima, fica perceptível o preconceito existente desde muitos anos atrás pelo trabalho das parteiras, sobretudo em relação as puxações. Contudo, mesmo diante desses preconceitos, essas práticas continuam atuantes onde o trabalho realizado pelas mãos abençoadas das parteiras, puxadeiras conseguem resolver várias situações na cidade, aliviando as dores da população da qual muitas vezes a medicina formal não consegue, saberes que se fortalecem diante de uma clientela que buscam por ajuda sempre que necessitam (PIMENTA et, al, 2013).

2.3- OS CUIDADOS DA PARTEIRA COM O BEBÊ E COM A PARTURIENTE

Os cuidados destinados pelas parteiras se estendem não somente a mãe, mas, também ao bebê o qual necessita de todo carinho e atenção. Esse cuidado tem todo um percurso que se insere na vida das parturientes desde antes mesmo das mesmas engravidarem, uma vez que, muitas mulheres buscam pelo conhecimento empírico, pelos saberes das parteiras com o objetivo de ajuda para engravidar, como já foi mencionado no tópico anterior dessa forma os cuidados que as parteiras transferem tem toda uma trajetória que se estende até o parto e o pós-parto.

Uma vez grávidas as parturientes recorrem as puxações, a qual exige todo um cuidado da parteira para com as mesmas e para com o bebê principalmente, pois com toda sua pratica as parteiras já sabem onde tocar e como tocar, para que não haja nem uma eventual complicação posterior. Contudo, através das massagens o bebê fica mais esperto, se agitando mais na barriga da mãe, além disso, os mesmos ao se encontrarem em posição

contrária, atravessado e/ou encaixado podem sofrer algum problema, e para que isso não ocorra, as parteiras passam a agir revertendo a situação.

Na hora do parto as parteiras esperam a hora certa de agir, pelas longas experiências já sabem o momento certo, as mesmas procuram tranquilizar as parturientes com paciência, a todo o momento conversando e acalmando, passando muita segurança e confiança as mesmas. Ao chegar à hora certa as parteiras retiram o bebê com muito cuidado para não machuca-lo, e logo em seguida esperam sair a placenta para que seja cortado o cordão umbilical, a parteira Coló informou que só corta o cordão umbilical quando sai a placenta, dessa forma ela não endurece dentro do útero da parturiente, sendo retirada logo, não sendo necessário meter a mão para fazer a limpeza, como muitos médicos realizam.

O bebê logo que retirado é limpo com um algodão ou pano higienizado e colocado no colo da mãe para que recebesse o calor da mesma, e assim mantinha-se aquecido, logo era retirada a placenta da mãe e feito o asseio na mesma, fora de perigo bebê e mãe, é feita toda uma avaliação para verificar se ele está bem, se não engoliu nenhuma secreção (resto de parto), caso isso viesse a ocorrer as parteiras realizavam a aspiração no nariz da criança para que toda a matéria fosse retirada, as parteiras examinavam tudo, a cabeça, os olhinhos, os pezinhos e mãozinhas e anotavam tudo, em seguida pesavam o bebê, anotavam a hora do nascimento, o peso, o nome do bebê se já tivesse e da mãe, enfim tudo sobre ele. Segundo dona Coló os dados eram enviados a SESPÁ para que fossem cadastrados.

Durante os primeiros oito dias a parteira fazia o acompanhamento da parturiente e do bebê na casa da parturiente, isso quando era próximo da casa das mesmas, quando a casa da parturiente era distante ou em outra localidade as parteiras permaneciam os oito dias com a parturiente, isso deve-se ao cuidado durante o resguardo que as parteiras tinham com a parturiente e com o bebê, em que consistia na alimentação adequada quando tinha, a lavagem da roupa tanto da mãe como do bebê, e sobretudo o umbigo, o qual tinha toda uma atenção especial por conta do vento que podia acometer o umbigo do bebê, proporcionando cólicas. Diante disso as parteiras cuidavam para que tudo ocorresse bem, preparavam as garrafadas que eram essenciais para as parturientes durante o resguardo na condição da limpeza do útero e maior recuperação da parturiente.

O bebê também recebia cuidados especiais, as parteiras cuidavam para que a amamentação fosse prioridade, e caso as mães não tivessem leite no peito, as parteiras com seus saberes providenciavam técnicas caseiras pra resolver o problema, como cita a autora ZUÑIGA,

Elas colocam um pano pequeno uma colherada de sal, como se fosse um saquinho, e amarram no pescoço da mulher. Outra pratica é puxar o peito com bastante manteiga, duas vezes ao dia. Também se acreditam que colocar água, para ferver numa panela com tampa para depois pegar o suor da tampa e com isto massagear os peitos funciona, se faz por vários dias (ZUÑIGA, Natalia, 2017.p.92)

Na cidade de Abaetetuba, as parteiras detinham os mesmos cuidados com as parturientes e bebês, sempre preocupadas prestavam seus conhecimentos em virtude de fazer o bem, durante o parto se mantinham em constante vigilância para com o bebê e a parturiente, faziam tudo o que estava ao seu alcance para que não ocorresse nada de mal, para que nenhum problema com a mãe e a criança viesse acontecer.

As parteiras relataram que sempre fizeram o impossível para que não ocorresse a morte de nenhum bebê e de nenhuma parturiente, afirmaram ainda, nunca ter morrido nenhum bebê pelas suas mãos. Contudo vale ressaltar que, durante o relato as parteiras confessaram que muitas parturientes que não tinham marido, principalmente as meninas que trabalhavam como garotas de programa em uma boate na cidade no período em que propõem a pesquisa, conhecida como boate do senhor Gigi, que na época era muito reconhecida, não tinham cuidado durante a gravidez, e se apertavam de todo jeito, para que não se percebesse que estavam grávidas, como algumas vinham de outros lugares para trabalhar na cidade, e como os pais em sua maioria não tinham conhecimento do trabalho das filhas, e/ou não tinham condições eram pessoas humildes, as mesmas optavam por tomar remédios para abortar e/ou na maioria das vezes deixavam seus bebês com a parteira. Nesse caso dona Coló foi a parteira que já mencionei anteriormente que criou 37 crianças deixadas por essas mulheres, vale ressaltar que esse número foi bem maior, pois outras crianças deixadas no total de 48, segundo relatos de dona Coló foram doadas a outras famílias com condições para cria-las.

Veja bem no tempo que tinha a boate do Gigi, as mulhere vinha de tudo que era lugares, de Tomé Açú, tudo que era lugar, elas vinham pra í, como diz o ditado, para fazer o programa delas, sexta, sábado, domingo, só ia pá terra delas segunda ou terça feira procura a família, na outra semana de novo. E elas entravo no mês pra discansar, já não sabia a hora, nem o dia, elas se metio na bebida de noite, quando dava dó elas corriam pra cá, de manhã, dez hora, onze hora, se arrumava iam embora, e a criança? A criança a senhora procura uma pessoa e dei. E a tua mãe quando chegar lá? A mamãe! Vou dizer que teve deixei, ela não vai falar nada, já não dá conta de nada, vai criar neto. Ai me levávo no papo eu ficava, três, quatro criança, até nove criança ficava aí. Eu andava na casa das minhas amiga falando, que quem quisesse uma criança que viesse, quando uma pessoa vinha que tinha alguma coisa, eu conversava, e falava, elas contribuía pra mim (Parteira, puxadeira dona Coló 24/02/2019).

Dona Coló, relatou que se compadecia das crianças e elas não tinham culpa dos erros da mãe, por isso ficava com elas, no entanto, como não tinha condições de ficar com todas, e posteriormente, doava algumas para outras famílias, pois criar todas as crianças não era tarefa fácil exigia muita dedicação e cuidado. Em outras ocasiões, as mulheres se prendiam para que a criança não nascesse viva, e dessa forma quando chegavam na casa da parteira e/ou quando a parteira ia até a casa em que se encontrava as mulheres em serviço de parto, elas tocavam na barriga da mãe e as examinavam, só no toque já detectavam que o bebê já estava morto, nesse caso a parteira não podia fazer mais nada, e o que restava era salvar a mãe.

Durante o diálogo com as parteiras, as mesmas informaram da cumplicidade que há entre elas e parturientes, na qual afirmaram que mantinham toda paciência e respeito, onde o ofício de partejar envolve carinho e atenção também, pois segundo as mesmas não se pode realizar um trabalho a base de ignorância, além disso, como relata a parteira Rosenil “é um momento que as parturientes estão frágeis, precisando da gente, da nossa ajuda, então temo que ter respeito e dá nosso carinho pra elas, pra que tudo dê certo” (ROSENIL, parteira 53 anos).

Contudo, é louvável dizer que as parteiras sempre fizeram seu ofício no intuito de salvar em qualquer circunstância, ou estado em que se encontrava a parturiente e bebê, não mediam esforços para que novas vidas chegassem bem ao mundo, entretanto, apesar dos grandes esforços realizados pelas parteiras haviam casos complicados, no qual a vida do bebê não dependia mais da parteira, pois o mesmo já se encontrava morto na barriga da parturiente, como relata dona Coló,

Eu queria sabê de salvar, nem pense, agora eu salvei uma mulher que já estava com a canseira, ela já tava morrendo, tinha vindo da ilha, fazia quatro dia que ela tava penando e nada de ter [...] ela tava toda inchada, quando abri a perna dela, minha filha! Quase caio dura pra trás, já tava quase podre, a secreção tava um cheiro insuportável, mexi meus pausinhos, consegui salvar ela, mas a criança já tava morta, uma enorme de menina, linda! Linda! Não podia fazê mais nada (Parteira, puxadeira, Dona Coló 24/02/2019).

Havia vários casos, que se diferenciavam um do outro, diante do relato acima fica nítida a preocupação na tentativa de salvar tanto a mãe quanto a criança, as parteiras possuíam um trabalho árduo e delicado, havendo todo um conhecimento de saberes possíveis, capazes de lidar com tais situações que a vida oferecia. As parteiras sempre desempenharam seus trabalhos de forma atenciosa, em que exerceram seus papéis “de forma humana e paciente” (PIMENTA, et, al. Abril 2013 p. 496).

Mantendo-se sempre ativas durante o resguardo das parturientes, as parteiras exerciam várias atividades na casa da parturiente, principalmente cuidar das mesmas e do bebê, para que os mesmos se mantivessem protegidos de um eventual dano, a atuação das parteiras acontecia de forma adequada para todas as mulheres, independentemente de cor, recurso econômico.

As parteiras mantinham toda uma preocupação com a alimentação da parturiente, pois a mãe deveria manter uma alimentação adequada que lhe proporciona-se força, uma vez que também deveria para dar de mamar ao bebê, o qual deveria mamar bastante para se desenvolver cada vez mais, sendo o leite materno alimentação ideal e essencial para o mesmo, nesse caso as canjas, caldos, líquidos eram alimentos mais consumidos pelas parturientes, e a parteira ajudava na preparação dos mesmos durante os primeiros dias de resguardo da parturiente (PIMENTA, et, al...2013)

O bebê deveria ter todo cuidado, principalmente com umbigo, o qual deveria ser cortado com tesoura limpa e desinfetada com álcool para que assim nenhuma bactéria pudesse contaminar o bebê. Segundo a irmã Antonietta Negretto 81 anos, havia casos que o tétano poderia agir no umbigo do recém-nascido, por isso a importância de ter esterilizado os equipamentos, evitando a proliferação de bactérias e possíveis infecções no umbigo. Havia algumas parteiras que davam logo banho no bebê, outras não, esperavam os oito dias para poder molhar o bebê, por conta do umbigo, esperavam deixa-lo cair primeiro. Além disso, as parturientes se encontravam mais vulneráveis após o parto, e a companhia das parteiras se fazia necessário para que as mesmas pudessem obter uma melhor recuperação como cita dona Coló

A criança é limpada tudinho, cura o umbigo da criança com óleo doce, mertiolate, que agora não tem penso não tem nada, é uma coisa que, isso é muito fino em criança, que aquela preguinha que fica perto do umbigo pra lí que surge, que dá erni na criança, que aquela parte é fina, a criança chora tufa aquilo. Aí então eu sempre fiz o meu trabalho, que minhas avós, minha mãe faziam. Olha só dava banho quando caia o umbigo, dez doze, sete, seis conforme, aí eu dava o banho, mesmo caindo com sete com cinco, só dava banho com oito dias Amornava a água, botava numa bacia, numa banheira como tivesse, pegava o algodão e assiava primeiro o rosto da criança, depois a cabecinha, por trás da orelha, pescoço, debaixo do braço podia ir embora até embaixo, depois enxugava passava um creme algum óleo ou talco o que dava (parteira Coló 75 anos 24/02/2019).

As parteiras sempre enfrentaram muitas dificuldades durante suas atuações, muitas vezes sem recurso para atuar, enfrentavam longas distancias na maioria das vezes para chegar a casa das parturientes, condições de trabalho muitas vezes críticas, na qual a parturiente não tinha nada, e a parteira padecia junto, dividindo o mesmo cômodo da casa

com a família, a pouca canja ou cozido, os mesmos utensílios. Todavia eram muito procuradas por desenvolver um trabalho humano e solidário, com todos os cuidados possíveis como, conforme analisa Pinto (2010),

Do nascimento à morte elas são figuras infalíveis, pois receberam com o dom, o domínio de forças mágicas, que lhes conferem algum tipo de imunidade para atuar em favor do seu povo [...] Mesclada à alegria e a felicidade do cumprimento de suas missões, pairam suas queixas de cansaço e problemas de saúde, ocasionados pelas difíceis situações que enfrentam para exercerem a prática da parturiação ou da cura (PINTO, 2010 p.294).

Fica evidente a força e coragem, sem contar no carinho, que as parteiras desenvolvem junto da parturiente e do bebê, mulheres humildes, mas de grande coração, realizando com amor seu ofício, carregam nas costas a garantia de um parto seguro, ao trazer uma nova vida pelas suas mãos. Dona Coló durante a entrevista formal disse que durante o parto ela fazia tudo para salvar a mãe e a criança,

Prefiria ficar sem a boca sem o meu corpo, mas fosse sob ter nojo, morreu porque sufocou algum liquido no nariz, na boca, não! Eu que desse meu jeito [...] perdia o amor de tudo no meu corpo, mas eu fazia a criança tornar, virava de cabecinha pra baixo, segura nos pés, batia na palma do pé, virava de novo pra cima, batia assim no bum bum da criança bem de lento, eu sei que me virava assim (Parteira Coló, 75 anos 24/02/2019).

Diante desses relatos, a importância social que é desempenhada no cuidar minucioso que as parteiras desempenham para com sua parturiente e bebê, é extraordinária, a maneira humanizada de se fazer, em que se tem o respeito de todo processo natural do parto e do corpo da mulher, levando-se em consideração a opinião da mesma no processo de partejar, dessa forma a reciprocidade é constante entre parturiente e parteira, que vivenciam juntas as dificuldades e as alegrias decorridas de uma nova vida que chega.

As parteiras sempre ajudaram a população não somente as parturientes como já foi evidenciado, mas a população em geral, realizando a cura também através das ervas medicinais que se constituem de suma relevância nos tratamentos usados pelas parteiras, nesse sentido é que se o universo tradicional é envolto dos mais diversos tipos de medicamentos caseiros, utilizados na cura das mais diversas enfermidades (Soares 2017) Todos os remédios realizados pelas parteiras eram acessíveis a população, principalmente as mais carentes, uma vez que eram fáceis de serem encontrados, pois eram muito comuns serem plantados nos quintais das casas, o que proporcionava uma maior utilização dos mesmos

Essa prática tão singela, ainda persiste na região de Abaetetuba, na qual a população ainda utiliza tais técnicas, são conhecimentos repassados de geração a geração, apesar dos

avanços da medicina e consequentemente dos medicamentos farmacológicos, a população não deixou de acreditar e confiar nos “remédios tidos da terra” (remédios a base das ervas medicinais plantados nos quintais das casas), não há se quer uma pessoa que não faça um chá com plantas da terra para curar as dores de barriga ou vômito, nesse sentido as folhas de boldo são excelentes, além do hortelã muito utilizado até hoje para curar a dentição de crianças e a diarreia, chás de erva cidreira, erva doce pra tirar as dores provocadas pelos gases em crianças e adultos, chá de canela para quem tem pressão baixa, de marupazinho para problemas de morruda etc...

Além disso, as parteiras utilizavam e utilizam as garrafadas excelentes para limpar a barriga após o parto, curar as mulheres de infecções, corrimentos, feitas com as cascas de arvores e paus, dessa forma plantas como a verônica, casca da copaíba cabacinha, quebra pedra, alho, barbatimão, jucá entre outros, são excelentes remédios para curar as mais diversas enfermidades, desde dores de cabeça até pedras nos rins, infecções, estômago entre outros (PINTO 2010).

Em Abaetetuba esses saberes prevalecem repassados de mãe para filha, de avó para neta, enfim são saberes que se constituem de grande valor cultural que só tende a contribuir com a melhora de vida da população, que buscam socorro em caso de urgência nessas plantas e ervas, saberes que fazem parte de uma milenar cultura e que se mantém vivo.

2.4 - A SERVIÇO DO AMOR: PARTEJAR PELAS MÃOS DAS IRMÃS XAVERIANAS

O saber tradicional é marcado por muita gentileza, gerado pela cumplicidade existente entre as parteiras, benzedeiras, puxadeiras, e as comunidades ao seu redor. Diante dessa análise é possível entender que as práticas realizadas por essas mulheres provedoras de um conhecimento milenar, vão se constituindo na perspectiva do amor e solidariedade ao próximo, o que constitui uma experiência histórica grandiosa no ato de protagonizarem suas próprias histórias e seus papéis desempenhados na sociedade a que pertencem. Sempre encontrando tempo para cuidar de quem precisa, as parteiras desempenharam várias atividades no seu dia a dia, porém nunca deixaram de socorrer quem necessitasse, pois inseridas em sociedades que possuem características diferentes as parteiras desenvolvem de acordo com suas particularidades e especificidades rituais simbólicos, religiosos, com valores inestimáveis para quem se utiliza de seus saberes (PINTO, 2012).

Ao pesquisar sobre os saberes das parteiras no município de Abaetetuba, não poderia deixar de falar das Irmãs Xaverianas, que se propuseram a ajudar uma comunidade inteira e

também aos arredores dela servindo com amor e dedicação seus ofícios. Dessa forma pude através do relato da Irmã Antonieta Negretto, 81 anos, entender um pouco sobre o partejo realizado no Centro Médico Nossa senhora da Conceição, no período de 70 a 84, realizado pelas mãos dessas Irmãs.

Infelizmente apenas duas dentre as irmãs que realizaram a prática do partejo permanecem vivas fisicamente, as outras que tanto ajudaram já se foram para a morada eterna. Na cidade de Abaetetuba apenas a Irmã Antonietta permanece ainda, a Irmã Antônia que atuava no centro médico teve que voltar para sua terra (Itália) por motivo de saúde, no entanto, através das lembranças se mantém viva as histórias dessas queridas Irmãs.

A história das Irmãs Xaverianas em Abaetetuba perpassa todo um percurso histórico que se inicia após a criação da prelazia de Abaeté do Tocantins em 25 de Novembro de 1961, onde Dom Gazza, junto com os demais padres que faziam parte da prelazia, sentiu a necessidade de criar uma entidade Civil aberta que atendesse todas as classes, cujo caráter seria assistencial, beneficente, educativo, cultural e religioso (Irmã Antonietta 11/03/2019).

A partir dessa necessidade, surgiu em Janeiro de 1969, a Associação Obras Sociais da Prelazia de Abaeté do Tocantins. Nesse período o Bispo atuante era Dom Ângelo Frosi, onde preocupado também com a saúde da população local, que contava apenas com a ajuda das experientes e conhecedoras parteiras na obtenção da cura e dos demais problemas que surgia, implantou a Associação que pudesse desenvolver atividades de cunho social e educativo. De acordo com a Irmã Antonieta, no município de Abaetetuba era muito complicada a situação da população, pois as mesmas tinham praticamente como único recurso o trabalho tradicional das parteiras, e o SESP, contudo vale ressaltar que o mesmo não prestava assistência ao partejo, somente dava suporte na questão de alguns kits com utensílios para a prática do parto, isso para as parteiras que tinham parceria com o mesmo, dessa forma a irmã relata que, o bispo atuante no período resolveu construir algo que pudesse ajudar a população;

Tanto que o bispo olhava era criança, criança ele queria fazer uma coisa pra criança, uma pediatria, né! Quando fui o doutor que era o capitão do exército naquele tempo era ditadura né, tomava conta aqui do SESP, ele disse não, se vocês vão fazer alguma coisa façam pra mulher, pra maternidade, porque a mulher aqui não tem pré-natal, não tem nada. E daí fizemos maternidade e ambulatório, mas ficou só maternidade até 1984 (Irmã Antonieta Negretto 81 anos, parteira e técnica de enfermagem 11/03/2019).

Em agosto de 1981, a prelazia de Abaeté foi elevada à Diocese de Abaetetuba pelo Papa João Paulo II, e no ano de 1983 a associação passou a ser denominada de Associação Obras Social da diocese de Abaetetuba. Todavia apesar da mudança de nome, a missão e os

objetivos continuaram os mesmos e o trabalho junto aos necessitados crescia a cada dia. Esse trabalho tinha a missão de desenvolver assistência a todos os setores, sem distinção religiosa, cor e nacionalidade, buscando sempre o bem-estar e a melhoria do povo humilde e desamparado.

No ano de 1966, as irmãs Xaverianas foram chamadas pelo bispo Dom João Gazza para trabalhar na cidade de Abaetetuba no campo da saúde e pastoral, deste desejo foi que iniciou-se um trabalho ambulatorial com a vinda da Irmã Minam que era médica clínica geral, e da Irmã Lúcia Pulici que era parteira surgindo a partir daí em 1970 a maternidade no Centro médico com essas irmãs. Desde o início do trabalho das mesmas que vieram somar com as parteiras locais, o Centro médico assim chamado realizou centenas de partos.

Segundo a Irmã Antonieta (2019), com a irmã Lucia Pulici no desenvolvimento do partejo, foi realizada uma seleção de algumas pessoas do município e através de uma capacitação a irmã pode montar uma equipe para atuar no serviço de partejar, essas pessoas tornaram-se preparadas e assim promoveram os primeiros atos de ajuda das irmãs para com população.

Imagem 7: Irmãs Xaverianas, Bernadetta Boggian, Olga Raschietti e ao lado direito a Irmã Lúcia Pulici., parteira e enfermeira.



Fonte Irmã Antonieta Negretto, 11/03/2019.

A irmã Mina chegou logo em seguida no município, dando suporte ao trabalho já iniciado, depois chegaram as irmãs Eliza e Antônia em 1974 e o trabalho ganhou mais força,

eram muitos partos realizados todos os dias. Em 1977 o centro médico contou com a ajuda de mais uma Irmã para ajudar, pois a Irmã Lucia teve que ir para a África desenvolver outros trabalhos humanitários deixando o centro médico em 1979, e logo depois a Irmã Mina também seguiu outro destino, devido a esses acontecimentos, o centro médico ficou sob os cuidados das Irmãs: Antônia, Antonieta e Eliza que permaneceram prestando ajuda a população local e adjacente, a procura pelas irmãs era muito grande assim como pelas parteiras locais também.

Imagem 8: Na foto Irmã Elisa, parteira e enfermeira.



Fonte: Irmã Antonietta, 11/03/2019.

As irmãs confirmaram terem nascido durante os 14 anos de partejo 10.880 crianças, todas de parto natural no centro médico, dentre esses partos incluem-se prematuros e também partos com fetos mortos, pela memória da Irmã Antonieta Negretto, foi possível entender um pouco do trabalho oferecido por elas, onde todos os dias eram grandes batalhas enfrentadas em prol de ajudar a população. No entanto, diante de tantas mulheres que necessitavam de atendimento, o centro médico fazia o que podia dentro das suas condições, pois haviam muitas pessoas carentes que não tinham condições de pagar nenhuma quantia pelo serviço prestado pelas irmãs, haja visto que o centro médico cobrava um pequeno valor,

no entanto, as irmãs não deixavam ninguém sem atendimento, atendiam todas que chegavam no centro médico. Segundo a irmã Antonieta são anos que ela recorda com muita saudade, pois segundo seus relatos, eram somente elas e as parteiras que socorriam as pessoas, principalmente a noite, em que o SESP era fechado, existia de fato a clínica do doutor Everaldo, contudo não eram todas as famílias que tinham dinheiro para pagar uma clínica particular, dessa forma a população buscava por socorro as parteiras e as irmãs que estavam dispostas a ajudar a qualquer hora do dia ou da noite, quem precisasse.

Imagem 9: Irmã Antonieta 81 anos, parteira e técnica de enfermagem, Abaetetuba/ Pá.



Fonte: Maria Rosiana 11/03/2019

A irmã relatou que realizavam os procedimentos de partejo no centro médico, porém também realizavam visitas nas ilhas da cidade analisando as pessoas que necessitavam de

ajuda, já as parteiras além de promoverem os partos em suas próprias casas, percorriam distancias em busca de ajudar as parturientes que estavam necessitadas, sendo assim atuavam em qualquer lugar, em suas casas, nas casas das parturientes, nas estradas, ramais, ilhas também, enfim não mediam esforços para atuar.

As irmãs assim como as parteiras tradicionais, são mulheres que merecem todo respeito e carinho, tendo em vista que sempre se dedicaram em prol do outro, doando-se por inteira e abrindo mão da vida que tinham em detrimento do próximo, exercendo com solidariedade e partilha no dever de ajudar, e sempre em frente a tantas complicações não pensavam em desistir, nunca negar-se a um chamado, são as guerreiras a serviço do amor, como afirma Barbosa et,al (2013),

As práticas e os saberes das parteiras tradicionais constituem de modo especial, maneiras particulares de expressão da memória social das mulheres que assumem o legado de cuidar e, em sentido mais amplo, ajuda na promoção da saúde de mulheres e crianças. Esta pratica, expressão material de uma memória, do cuidar próprio das mulheres, assume forma material em contextos sociais concretos que envolvem relações entre pessoas, lugares, acontecimentos que fundam as diferentes esferas da vida material e simbólica dos grupos sociais. O partejar constitui um ato de partilha, uma ação onde, múltiplos elementos são trocados. Neste ritual, a parteira coloca à disposição da mulher e da criança o seu saber, sua técnica e sua força, como também seu afeto, sua fé e suas rezas (BARBOSA, et,al, 2013 apud GEDEÃO, p.32 2017).

As irmãs consideravam o ofício de partejar uma missão de Deus, onde pela fé e solidariedade procuravam agir com humildade, carregando nas costas a responsabilidade de garantir um parto seguro às parturientes, em meio a alegria que emergia toda vez que carregavam uma nova vida em suas mãos. Como já havia mencionado era um trabalho árduo, mas que, havia sua recompensa, segundo a Irmã Antonieta haviam casos complicados, onde elas se “apegavam” com Deus para salvar a mãe e a criança, casos em que elas tinham que manter a calma e tranquilizar a parturiente passando força e coragem a elas.

Pela memória da Irmã Antonieta, houveram tantos casos que nem ela mesmo acredita ter realizado, pois foram tantas coisas feitas na tentativa de ajudar, sentiam-se na obrigação de fazer o melhor pelas parturientes, de salvar suas vidas e de seus filhos, como ela relata “as parteiras também faziam, porque coitadas também tinham que fazer” (Irmã Antonieta 2019). Um caso do qual ela nunca esqueceu e relatou com muita tristeza, foi sobre um parto difícil do qual ela realizou, onde uma moça novinha tinha muito medo de ter seu filho, a mesma fechava as pernas para a criança não nascer, segundo a irmã já havia passado da hora de nascer, e a moça se prendia toda com medo, depois de muito dialogo foi possível realizar o parto, apesar de a criança ter nascido pálida, pois o sangue já estava circulando pouco, a

irmã conseguiu salva-la. Todavia, já passado o momento do partejo em que a mãe e a criança pareciam bem, ocorreu um fato que entristeceu a todos, a moça aparentava estar bem, conversava, em poucas horas ela faleceu. A irmã Antonieta relatou que foi um momento de grande desespero que ela passou,

Era uma tarefa difícil, muitos partos foram complexos [...] Como dessa moça, nós fazíamos de tudo para salvar tanto a mãe como o bebê, ela tava bem, não deu hemorragia nada nela. Acho que foi o medo que ela tava que causou a morte dela, o nervosismo, olha é uma cena que eu nunca esqueço (Irmã Antonieta 81 anos, técnica de enfermagem e parteira 11/03/2019).

De fato, podemos perceber que não era tarefa fácil ser parteira, ter que lidar com todas as formas complexas que surgiam, pois não podemos desconsiderar aqui que muitas crianças nasceram mortas durante o partejo, porém não pelo trabalho desenvolvido pelas parteiras e sim por que já se encontravam mortas na barriga da mãe, que se prendiam para que a criança não nascesse e/ou devido a quedas perdiam seus filhos, enfim haviam diferentes tipos de caso no qual as parteiras e irmãs tinham que lidar (PIMENTA, et, al, 2013)

Na cidade em que se desenvolve a pesquisa, o trabalho promovido pelas irmãs a população foi de grande relevância, pois não era atoa a opção das parturientes pelo parto domiciliar, o mostrava continuidade a uma experiência cultural perpassada de mãe para filha, correspondendo assim a uma troca de informação de uma para outra, “privacidade, segurança, liberdade de movimento, conforto, condições extraordinárias no amparo ao bebê e autonomia durante o método” (Pimenta, et, al, 2013, p. 500)

Irmã Antonieta, relatou durante a entrevista que havia toda uma preocupação para com as parturientes que chegavam no centro médico, pois as mulheres pós o parto ficavam mais vulneráveis, precisando de cuidados para que pudessem se recuperar logo, havia toda uma equipe preparada para atender a essas mulheres. “O parto é paciência, não é ter pressa, controle dos batimentos fetal para saber se está tudo bem” (Irmã Antonieta 2019). Segundo a irmã não era necessário a realização da puxação de barriga, pois ela de fato ocasionaria o rompimento de placenta, e isso diferenciava o trabalho delas das parteiras pelo fato de não desenvolverem essa prática, no entanto como já foi mencionado anteriormente esse fato não ocorria, segundo as próprias parturientes, as puxações eram essenciais não só para elas como também para o bebê.

Diante do relato ficou evidente que havia uma certa criticado por parte das irmãs em relação ao trabalho desenvolvido pelas parteiras, sobretudo em relação ao processo de higienização que segundo ela as parteiras não desenvolviam adequadamente, devido a falta

de equipamentos, o que de certa forma não seria culpa das parteiras, pois elas faziam o que podiam, com o que tinham em mãos. No entanto a Irmã não descartou em nenhum momento o trabalho das parteiras como importante e da mesma forma como o desenvolvido por elas haviam as dificuldades que todas enfrentavam, principalmente a falta de reconhecimento das autoridades para com as mesmas.

O centro médico desenvolveu seu trabalho sempre baseado no amor de servir ao próximo, no entanto, com a inauguração do hospital Santa Rosa na cidade de Abaetetuba, lócus da pesquisa, em 1983, o centro médico não passou mais a realizar suas práticas de partejo, encerrando seu trabalho para tal prática em 1984 como cita a Irmã Antonieta

Em 1983, o hospital do Santa Rosa já construído, começou a atender a população, aí achamos melhor encerrar o trabalho de maternidade, não achamos necessário fazer concorrência com eles, aí em 1984 encerramos o trabalho nessa área (Irmã Antonieta 11/03/2019)

Todavia, o centro médico continuou atuante e continua até hoje prestando serviço a comunidade Abaetetubense, não obstante no partejo, mas sim no pré-natal, acompanhamento das gestantes, acompanhamento das crianças, atendimento de consultas medicas, prevenção e ambulatorial para a população carente, exames laboratoriais, entre outros, dessa forma o trabalho das irmãs continua vivo, de maneira humanizada e com ética de forma integrada com a comunidade.

A irmã enfatizou que as práticas tradicionais foram perdendo seu espaço, pois muita parteiras tradicionais morreram, e muitos postos de saúde começaram a desenvolver trabalhos em cada comunidade, no entanto ela não deixou de enfatizar que muitos lugares longes essas práticas permanecem assim como em. Abaetetuba, também, de forma reestruturada, pois o Brasil é tão grande que as políticas públicas não chegam a todos os espaços. Portanto esses saberes tradicionais se constituem de suma importância para essas comunidades. Portanto na cidade de Abaetetuba a irmã relata que de fato é importante a realização do pré-natal para que a parturientes tenham uma gravidez saudável, porém as parturientes ainda recorrem as puxadeiras para obtenção de melhor conforto.

Vale ressaltar que durante a entrevista com a irmã, tomei novamente o conhecimento do mesmo assunto que já havia sido relatado pela parteira Clotilde (coló) onde a irmã enfatizou que muitas crianças eram deixadas no centro médico por suas mães que não tinham condições de cria-las, pois muitas se prostituíam na boate do senhor Gigi, como já foi mencionado anteriormente e acabavam abandonando suas crianças. As irmãs procuravam famílias com boas condições que pudessem adotar as crianças, tudo era registrado

corretamente para que não pudesse ocorrer problemas posteriores, como por exemplo da mãe depois de certo tempo querer pegar seu filho de volta, casos que ocorreram algumas vezes segundo relatos da própria irmã, mas que no entanto já não se podia fazer mais nada.

Após o fechamento do centro médico para o partejo, a procura pelo procedimento ainda foi muito grande, contudo as irmãs explicavam que não seria mais viável realizar os mesmos procedimentos. Todavia as parteiras continuaram sua atuação, de forma gradual, pois as parturientes mesmo com o hospital a dispor, solicitavam as parteiras para realização dos partos, esse fato permaneceu até aproximadamente o início da década de 90, quando as práticas foram diminuindo gradativamente a medida que crescia o desenvolvimento hospitalar na cidade. Nesse sentido, as parteiras que muito fizeram pela população, pouco receberam diante de tanta ajuda prestada, principalmente pelas políticas públicas que não deram nenhum suporte as mesmas.

CAPITULO III

PELA MEMÓRIA DE QUEM VIVE A HISTÓRIA PERMANECE: OS SABERES TRADICIONAIS FRENTE ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS

3.1- O SABER FORMAL E SEUS ESTEREOTIPOS FRENTE AS PRÁTICAS TRADICIONAIS

Durante muito tempo o procedimento realizado na arte de partejar foi proveniente das técnicas tradicionais, e reconhecidos por toda a comunidade inteira onde era realizado tal ofício. Essa prática era realizada pelas mãos de mulheres chamadas parteiras, no entanto vale ressaltar que homens também realizavam essa prática, haja vista que muitos deles principalmente nas ilhas contribuíram muito com seus saberes.

Essa prática se manteve muito presente até o século XX, pois a partir do século XIX, começou a haver a implantação de faculdade de medicina no Brasil e assim um controle sobre as práticas passou a ser mantido. Os médicos formais passaram atuar cada vez mais, e dessa forma mudanças nas formas de saber fazer das parteiras passou a sofrer interferências, se modificando no decorrer do tempo (PINTO 2010). Todavia na Europa os saberes tradicionais já vinham sofrendo preconceitos por parte da formalidade, o que passa a ser refletido no Brasil posteriormente, são discursos tecnicista que subjuga a forma do cuidar provindo do saber popular que por muito tempo foi atribuído a algo do maligno, feitiço, magia, como afirma PASQUALIN, sd)

Nos séculos XIV, XV, XVI, ocorre a criação de um “campo científico” que tende a produzir discursos cada vez mais especializados que de certa forma prenunciam o pensamento científico moderno com posturas como a verificação empírica e o fracionamento dos problemas. Esse pensamento produz uma cisão e intolerância para com as formas de pensamento que lhe sejam alheias (PASQUALIN, Camila, p.1)

Na fala da autora os pensamentos científicos começam a ser autorizadas em prol de uma determinada busca pela homogeneização da qual os saberes culturais, passariam a ser reprimidos, dessa forma desvalorizados, gerando pelo cientificismo um preconceito muito forte em relação a esses saberes, onde tudo que fosse contrário as práticas da ciência moderna seriam criticados e ilegítimos, concedendo assim o critério de verdade a ela (BORGES; PINHO; SANTOS, 2009).

No decorrer dos anos a imagem repassada pela medicina formal às parteiras eram as mais negativas possíveis, as práticas tecnicistas passaram a ser mais incorporadas e o saber fazer das parteiras tidas como irregulares tendiam a ser mais criticados, no intuito de se acabar com os mesmos. No entanto, a pesar de políticas públicas implantadas em prol de um

processo de higienização que tentasse deslegitimar cada vez mais as práticas das parteiras, o trabalho das mesmas, isto é os saberes destas não foram apagados.

As parteiras sempre se mantiveram confiantes no seu modo de fazer e os como conhecimentos carregados por décadas, permite com que as mesmas tenham orgulho pelo ofício exercido, “a parteira tem consciência dos mecanismos que produzem a ausência/silêncio de sua prática” (BORGES; PINHO; SANTOS, 2009, p. 381). Os processos tecnológicos não fizeram com que as parteiras deixassem de continuar exercendo seus ofícios, pois muitas comunidades tinham como único socorro os saberes tradicionais, e dessa forma continuavam recorrendo as essas práticas, de certo não se pode negar que os saberes tradicionais sofreram certa redução, isto é foram perdendo espaço ao tempo em que a medicina formal avançava e que os serviços hospitalares eram implantados (BARROSO, 2001).

Assim, como afirma Pinto (2010), as práticas tradicionais passam a sofrer interferência dos saberes formal mediante ao processo hospitalar onde cada vez mais os partos passaram a ser realizados nesse espaço técnicos com aparatos científicos;

Após a segunda guerra Mundial, nos centros urbanos onde houve médicos, o parto foi progressivamente institucionalizado. A partir daí, os médicos passam a incorporar novos conhecimentos e habilidades nos campos da cirurgia, assepsia, anestesia, hemoterapia, antibioticoterapia, conseguindo diminuir significativamente o risco desse procedimento hospitalar. [...] Com a justificativa de reduzir a mortalidade materno-infantil, o parto passa a ser institucionalizado no século XX e, sob alegação de que a medicina pode dominar e ou neutralizar seu risco, se torna medicalizado (PINTO, 2010, p. 136).

Infelizmente a medicina formal lançou seu olhar estereotipado sobre os saberes tradicionais, tentando denegrir a imagem e o trabalho das parteiras e elevando seu grau de superioridade. Partindo dessa perspectiva os partos domiciliares em sua maioria não eram ou/são notificados, existindo profissionais técnicos que acreditam que as parteiras são inexperientes e que suas práticas não deveriam ter existido ou simplesmente existir, e aí se perpassa todo um processo histórico de tentar inferiorizar os saberes populares, pautados na lógica de que o melhor deveria ser o formal, o saber tecnicista, que tendia a tecer suas teias para tentar suprimir o lugar e o trabalho de corajosas milenares parteiras (SACCARO, 2009).

Vários são os discursos médicos em relação ao trabalho das parteiras, de certo que até cursos destinados a parteiras como já foi relatado nesse presente trabalho tinha o objetivo de limpar o trabalho das parteiras por meio da higienização, como se as parteiras não possuíssem assepsia, higiene em suas práticas. Essa era uma visão que a tecnologia formal

tentava repassar, o que não é válido haja vista que milhares de vidas chegaram ao mundo pelas mãos das parteiras e que apesar das dificuldades enfrentadas pelas mesmas, inclusive na falta de material, realizavam seus saberes de forma correta, tranquila e eficiente (PINTO 2010).

Os discursos gerados pela medicina formal contra as parteiras tradicionais derivam da falta de conhecimento e preparação que pelo discurso médico as parteiras não detinham para o serviço de partejar. Com isso as políticas higienistas passaram a interferir cada vez mais na forma de fazer das parteiras, subjugando-as como atrasadas, sem qualificação para exercer tal prática, o que beneficiaria os médicos modernos geradores de um discurso fútil, egoísta, discriminador (PINTO 2010).

A parteira tradicional, de ‘aparadora de vidas’ e conselheira do bom nascer, passou a ser estigmatizada apenas de ‘curiosa’ e ‘ignorante’, cujos relicários de simpatias, massagens, chás, unguentos e banhos passaram para um patamar inferior aos olhos dos dominadores das novas técnicas obstétricas das modernas maternidades. Por outro lado, a partir de então, essas mulheres, mesmo atuando na clandestinidade, tornaram-se as únicas responsáveis pelos nascimentos e pelos cuidados à saúde nos lugares onde elas vivem (PINTO, 2010, p. 137).

Pela fala acima podemos perceber o tão quanto as parteiras foram subjugadas na sua forma de atuar, no entanto, essas mulheres não pararam de exercer suas atividades devido a esses discursos, pois muitas comunidades dependiam e ainda dependem atualmente das práticas provindas do saber tradicional.

Durante a pesquisa no município de Abaetetuba, foi possível observar que a partir da década de 90 as práticas tradicionais, no sentido do parto domiciliar realizado pelas parteiras, passou por um processo de perda de espaço, uma vez que o hospital assim como postos de saúde da família foram construídos. Todavia, se criou um preconceito de inferioridade ao partejo tradicional onde o espaço e créditos foram dados a medicina moderna, criando-se um abuso da tecnologia sobre as práticas milenares.

Os discursos tecnicistas passam a ser objetivados a partir da década de 90 principalmente, ganhando assim apoio da população a qual começa a adotar tal prática deixando mais de lado o partejo tradicional, vale ressaltar que isso ocorreu consequentemente na cidade lócus da pesquisa, uma vez que em alguns lugares a parteira é indispensável, já em outros o saber formal tende a substituí-la na questão do parto.

No decorrer do tempo muitos mais postos de saúde foram construídos na cidade de Abaetetuba, tudo com o intuito de substituir os saberes populares cada vez mais pela

medicalização, sendo assim cada bairro do município possui um posto que atende as famílias e as gestantes para a realização do pré-natal e as consultas médicas. Os médicos obstetras e ginecologistas atuantes no município não admitem que existem outras práticas além das suas, tecendo assim os discursos preconceituosos sobre as práticas tradicionais, fazendo questão de salientar para as parturientes que tais práticas são prejudiciais para elas e para os bebês não devendo em hipótese alguma deixar que massagens sejam realizadas suas barrigas, pois causaria aborto.

Segundo ainda esses médicos as parteiras tradicionais não eram capazes de realizar os partos que surgiam, não tinham condições de fazê-los, daí a causa segundo eles de muitas mortes ocorridas antes da criação do hospital e da medicina formal. Esse discurso de morte materno-infantil é muito divulgado pelos funcionários da saúde: secretários, enfermeiros, médicos, obstetras entre outros, que pensam em si próprios, não pondo em cheque os valores e saberes de mulheres guerreiras que tanto fizeram e fazem pela comunidade, passando a ocorrer assim uma tentativa de sobreposição do saber formal sobre o tradicional, onde os especialistas modernos tendem a ofuscar cada vez mais o trabalho das parteiras, colocando-se no topo do conhecimento, e alvos da excelência na forma de fazer como enfatiza SANTOS (2011),

[...] Com a disciplinarização do espaço hospitalar que permite curar, como também registrar e acumular saber, a medicina se dá como objeto de observação um imenso domínio, limitado, de um lado, pelo indivíduo e de outro, pela população. Pela disciplinarização do espaço médico, pelo fato de se poder isolar cada indivíduo, colocá-lo em um leito, prescrever-lhe um regime, etc, pretende-se chegar a uma medicina individualizante. Efetivamente, é o indivíduo que emerge como objeto do saber e da prática médica. Mas, ao mesmo tempo, pelo mesmo sistema do espaço hospital disciplinado se pode observar grande quantidade de indivíduos. Os registros obtidos cotidianamente, quando confrontados entre os hospitais e nas diversas regiões, permitem constatar os fenômenos patológicos comuns a toda a população. O indivíduo e a população são dados simultaneamente como objetos de saber e alvos de intervenção da medicina, graças à tecnologia hospitalar. A redistribuição dessas duas medicinas será um fenômeno próprio do século XIX. A medicina que se forma no século XVIII é tanto uma medicina do indivíduo quanto da população. (FOUCAULT, 2008 b, p.111, apud SANTOS, Marina 2011, p.6)

No Brasil o trabalho das parteiras não é regulamentado, a medicina formal ao se apropriar de um saber legítimo pertencente as parteiras, desfavoreceu as mesmas em prol de legitimar o seu. Todavia as parteiras detinham/detém um saber que não se comparava ao formal, pois eram elas que possuíam os mais amplos conhecimentos sobre o parto, sobre o corpo das parturientes, das ervas das quais provinham as mais diversas curas, elas também realizavam manobras bem complicadas na hora da parturição, sem precisarem ter que passar pela faculdade, isso permite mostrar que os preconceitos derivados pela medicina formal não

cabem as essas fortes mulheres, mas sim em torno das práticas higienistas da qual para eles as parteiras não possuíam (Borges; Pinho; Santos, 2009).

A arte de partejar passa a ter um maior envolvimento dos médicos legais tanto na forma de fazer como de cuidar, o hospital passa dessa forma a atender em prol de um conhecimento tecnicista do qual a higienização seria obrigatório na cidade, surgindo assim a Arte da obstetrícia, como campo da pratica de partejar, como bem cita a autora SANTOS, “A medicina se tornou nesse período, um saber autorizado e, no processo de sua homogeneização deslegítima, desvaloriza a desautoriza outras formas de saber existentes” (SANTOS, Marina, 2011, p.6).

Infelizmente, todos os preconceitos e falas médicas fizeram com que o trabalho das parteiras fosse visto como ilegítimo, onde as mesmas não teriam qualificação nem capacidade de atuar, para os médicos na cidade de Abaetetuba local de estudo da presente pesquisa as parteiras até poderiam realizar os partos nos quais os bebês estivessem em posição encefálica, desde que também não houvesse uma distorxia no trabalho de parto, que nesse caso seria uma condição na qual a dilatação vai aumentando, mas que porém não há descida do feto e aí o trabalho de parto torna-se delicado com risco, tanto para mãe, quanto para o bebê, nesse sentido o doutor Vital (obstetra) afirma que,

[...] Agora existem outras posições que elas são adversas a parteira principalmente o parto comirco, que o feto está na posição comirca ou transversa, então seria uma manobra muito difícil até para nós tirarmos, tem casos que o feto é muito grande, vamos dizer que ele tenha 4quilos e 500 gramas desproporcional para um peso normal que é de 2quilos a 3quilos e 500gramas, e que o feto tenha uma circularidade de cordão, ou seja, ele está lacado vulgarmente como se chama um laço, dois laços, as parteiras não vão conseguir realizar o parto, é impossível o feto nascer por via vaginal. Outra condição totalmente desfavorável as parteiras é a mãe apresentar deslocção pélvica, em que o bebê está com o glúteo ou com a perna, ou as duas pernas fletidas, então temos que fazer a manobra transversa ou de Bitians, para transformar em posição pélvica e fazer uma Cesariana, porque no parto normal isso é inviável. Então nesse caso as parteiras sempre vão encontrar dificuldades nessas situações, e não conseguirão realizar o parto (Doutor VITAL 68 anos, Obstetra e cirurgia geral, 02/12/2018).

Pela citação acima podemos perceber o quanto a medicina formal age com preconceito para com o saber tradicional das parteiras, e não admitem que suas práticas foram e/ou são de extrema importância na vida de toda população. Vale ressaltar que os médicos formais não reconhecem o trabalho das parteiras, e teimam em pôr um venda nos olhos para não aceitar que ao contrário do que teimam dizer, as parteiras realizavam as mais difíceis manobras em um período que não existia tais práticas tecnicistas e que sem elas não haveria nascido tantas vidas, pois foram anos e anos de dedicação e desafios enfrentados por

essas valiosas mulheres, e que ao contrário do que os médicos formais citam, elas sempre fizeram o impossível para salvar a vida das mães e dos bebês em qualquer circunstância que fosse

No muito, muito conseguíamos porque tem manobras né!, Sabemos que precisava ter essas técnicas, de como liberar as perninhas, como o cordão também né, você precisava né para não estrangular, o que chamamos de parto podálico (quando a criança está fora do lugar), aí vem a bundinha, vem o pezinho [...] Hoje o médico não querem ariscar, mas nós tinha que arriscar, como fazer diferente, hemorragia era coisa pior, quando havia deslocamento de placenta antes do tempo e o prolapso do cordão, aí tem que saber, porque quando o cordão vem na frente é difícil que a criança nasça viva, aí tinha que fazer toda essa manobra. Nós colocava a mulher assim, levantava a bunda muito alto que era pra gente conseguir fazer escorregar de novo o cordão, jogar ele pra dentro, passar pelo lado da cabeça para que a criança sobrevivesse, então tinha toda essa manobra, que fazíamos e as outras parteiras também [...] (Irmã Antonietta técnica de enfermagem e parteira 11/03/2019).

Através da fala da irmã Antonietta, fica evidente a contradição da fala medica ao afirmar que as parteiras não tinham técnica e nem capacidade para realização dos partos, a fala da irmã possibilita-nos compreendermos o grande desafio que as parteiras enfrentavam e tão grande experiência elas tinham no modo de saber fazer e de saber cuidar, modo este que está muito longe de ser realizado pela medicina tecnicista, haja vista que, a maioria dos partos hoje em dia realizado pelos médicos legais são cesáreos, as mulheres sofrem muito com as contrações do parto não recebendo a atenção devida, tendo que ficar esperando horas e recebendo toque que é uma das piores violências obstétricas recebidas.

Muitos casos de morte neonatal vêm acontecendo no país, devido a descasos e atenção para com a parturiente, uma vez que ficam nessa esperar e muitas vezes a criança acaba passando da hora de nascer ocorrendo complicações e em muitos casos a morte do feto. A negligência medica é umas dos graves problemas que vem afetando muitas mulheres no país, na cidade de Abaetetuba vários casos infelizmente são relatados, dessa forma vem o grande dilema. Como ainda se pode criticar o trabalho das parteiras em meio a tantos problemas ocorridos? Uma vez que, tanta tecnologia não salva vidas e muitas mortes vêm ocorrendo no ato do parto e que a violência obstétrica aumenta a cada dia.

Pois bem, são indagações justamente pensadas no intuito de se criticar quem tanto desrespeita e desvaloriza o trabalho das parteiras, pois elas dedicaram seu tempo, sua vida em prol do outro, sabiam respeitar, acalmar, dar afeto e atenção às parturientes, sempre fazendo o que muitas vezes não estava ao seu alcance, mas sabiam que apesar das dificuldades a recompensa maior seria salvar vidas e para elas não haveria recompensa maior.

3.2- O TRABALHO DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS FRENTE AS POLITICAS PÚBLICAS

Em Abaetetuba Pará, muitos foram os trabalhos exercidos pelas parteiras, fundamentais no processo de partejar, prática essa perdurada por décadas, num período em que não existia hospital que atendesse a população na cidade, o saber fazer das parteiras fazia-se de extrema necessidade e importância para todos. Muito requisitadas as parteiras detinham o controle do seu ofício, fato que passa a ser mudado a partir da metade da década de 80.

Com a construção do hospital Santa Rosa no município, muitas mulheres passaram a procurar o médico formal, deixando mais de lado a prática exercida pelas parteiras. Assim passa-se a haver uma menor procura pelo parto domiciliar, as parteiras já não passam a realizar tantos partos como antes realizavam e as políticas públicas passam a intervir cada vez mais na forma de fazer das parteiras.

Imagem 10: Antigo hospital do Santa Rosa, construído em 1983, Abaetetuba/Pará



Fonte: Google. com

Uma vez funcionando o hospital, o atendimento passa a ser mais intensivo, e a tecnologia atuante, com isso os partos antes realizados de forma normal, passam a ser cada vez mais cirúrgico, pelo método cesariano, que na maioria das vezes é opção da própria

parturiente que não quer sentir dor e por falta de conhecimento, das complicações que este tipo de parto pode causar acabam aderindo pela conforme afirma Silva,

Tal questão é uma realidade muito visível na sociedade brasileira nos dias de hoje. E em muitos casos podem ocorrer cirurgias cesarianas desnecessárias, porque muitas mulheres criam a concepção de que o parto normal deixa a mulher larga ou frouxa, ou de que não vão dar conta de ter seu filho pelo motivo da dor (SILVA, Andreia, 2017, p.43)

Esse tipo de caso é muito ocorrente no município de Abaetetuba, no entanto, é importante frisar que não são todas as parturientes que aderem a tal prática e sim uma parcela da população, sobretudo quem dispõem de condições financeiras para custear a cirurgia, em alguns casos os médicos da rede pública também optam por esse procedimento, quando a parturiente não obtém dilatação suficiente para ter o bebê, quando da falta de passagem necessária, quando a criança encontra-se em posição transversa ou contrária ao parto, são esses alguns casos no qual a parturiente tem que ser submetida ao processo cirúrgico.

Todavia vale ressaltar aqui que, as parteiras realizavam métodos que somente elas detinham conhecimento na realização de partos complexos, e que não era necessário realizar corte algum nas parturientes, pois segundo relatos das próprias parteiras o corte também já se caracteriza uma violência, já que as mulheres encontram-se em um momento frágil, precisando de apoio, em meio a fortes contrações, e ainda recebem um corte por baixo, que na maiorias das vezes o médico ou a enfermeira que substitui na maioria dos casos o mesmo na hora do parto, acabam cortando errado as parturientes e essas ficam sem poder sentar direito devido aos pontos recebidos no local, sem contar com as sequelas carregadas por elas pro resto da vida

A mulher já está sofrendo com dor e ainda recebe aquele corte é muito complicado, no hospital o parto não é como na casa, realizado pelas parteiras. Lá eles fazem toque na mulher, e deixam elas horas esperando, até irem fazer o procedimento a mulher já levou vários toques para ver a dilatação, isso é uma violência, porque gera constrangimento pra mulher, ainda tem a limpeza que eles fazem, eles metem a mão pra puxar a placenta a mulher fica toda dolorida, isso é que causa infecção também (Dona Maria da Consolação, parteira, puxadeira, 68 anos 06/01/2019).

As parteiras não realizavam esses cortes nas parturientes deixavam o feto vir naturalmente, já sabiam o momento certo do nascimento, confortavam sua clientela, repassando confiança no momento difícil, por isso segundo a irmã Antonietta, ressalta que quando o partejo deixou de acontecer pelas mãos das irmãs parteiras, muito ainda foi a

procura por mulheres que não queriam passar pelas mãos dos médicos, uma vez que não queriam receber o corte.

No entanto, outras mulheres recorriam os hospitais, pois acreditavam sentir-se mais seguras já que estariam amparadas por uma equipe com tecnologia preparada para qualquer e eventual problema que viesse ocorrer, assim quando da ocorrência das primeiras dores essas mulheres logo procuram o hospital. Em Abaetetuba após a construção do hospital Santa Rosa na década de 80, mais dois hospitais foram construídos tempo depois, o Hospital Júlia Seffer e o Hospital Geral de Abaetetuba, esses dois últimos, atendiam particular e em convenio com o SUS, isso permitiu que o desenvolvimento da medicina formal crescesse cada vez mais, enquanto que o partejo tradicional foi perdendo espaço no modo de partejar domiciliar.

Vale destacar ainda que a cidade cresceu bastante e o número de partos também, com isso as políticas públicas estabeleceram critérios no modo de partejar, dentre os quais o partejo passaria a ser realizado nos hospitais pelo médico especializado, isso fez com que as parteiras fossem deixando de atuar em partos, pois as políticas públicas não incluíram as parteiras nos hospitais, ou seja, tudo leva a crer que seria justamente uma tática de ir acabando com os saberes dessas louváveis mulheres. Diante do crescimento populacional na cidade, foram também construídos vários postos de saúde como já havia mencionado no capítulo anterior, visando também estabelecer pré-natal mais seguro as parturientes, isso também seria segundo as parteiras entrevistadas uma forma de redução de suas práticas, mas não da eliminação das mesmas

Depois que o hospital chegou na cidade, eu ainda continuei um tempo fazendo parto, mas depois as mulher já iam pro hospital, porque tinha mais equipamento, entende? Outras queria ter cesáreo pra não ter dor, aí fui deixando de fazer o parto, mas tinha mulher que vinha me procurar pra ter, eu dizia que não fazia mais, tinha deixado pro hospital(risadas), só fiquei puxando e benzendo, mas se aparecer algum caso eu faço (Dona Maria da Consolação, parteira, puxadeira e benzedeira, 06/01/2019).

Pela fala acima, percebemos que as parteiras passaram ter sua pratica de partejo reduzida, no entanto, continuaram realizando outros trabalhos e ajudando a população, não significa que perderam o dom de partejar ao contrário, suas mãos e memórias guardam os mesmos conhecimentos de quando pegavam centenas de vidas, apesar do passar do tempo “o saber nasce com agente, é dado por Deus, então não se esquece” (Dona Clotilde, parteira e puxadeira, 25/10/2018).

Sem apoio do poder público, as parteiras tiveram seus saberes desvalorizados, em prol de um saber científico que se exaltava a cada dia. É certo informar que as parteiras não foram aceitas nas equipes médicas, para atuar no partejo nos hospitais, das quatro que entrevistei nesta pesquisa, apenas dona Clotilde disse ter feito uma rápida passada no hospital, pois segundo a mesma os médicos formais queriam ver como se dava a prática da parteira, de que forma realizavam os partos, porém dona Clotilde não foi aceita na equipe médica, pois os médicos relataram à mesma, que haviam achado interessante o modo de saber fazer dela, mas que as políticas públicas não concordavam em atuações de parteiras no hospital, dessa forma dona Clotilde se viu diante de um quadro de preconceitos vindo da formal medicina e que a deixou bastante triste.

Durante a entrevista com dona Clotilde (coló), foi perguntada a mesma sobre o que achava do conhecimento tecnicista, a resposta de dona Coló não foi ofensiva e na sua humildade respondeu:

“Olha não tenho nada contra, porque é também importante [...] Sabe, eu queria que o trabalho das parteiras fosse mais valorizado, nós ajudamo não foi pouca gente, agora não somo nem reconhecida, o médico ainda sabe falar da gente” (Parteira Clotilde, 25/10/2018).

Durante a pesquisa pude observar a pouca quantidade de puxadeiras, benzedadeiras e principalmente parteiras atuantes na cidade de Abaetetuba, é notável a existência de pouquíssimas parteiras vivas em relação a época em que se propõem a pesquisa. Sendo que um fator que chamou muita atenção no decorrer deste trabalho, foi a falta de reconhecimento para com as parteiras vivas, tanto pela população como pelas políticas públicas, pelo fato dos mesmos se dizerem não conhecedores da existência das mesmas. Isso me deixou bastante perplexa, pois até então, a maioria da população somente detinha o conhecimento sobre as puxadeiras, o que para os mesmos não seria a mesma coisa, e que no entendimento da maioria, as parteiras tradicionais na cidade não mais existiam, na cabeça dos mais jovens nem se quer sabiam o que seria parteira tradicional.

Podemos dizer que a medicina formal apoderou-se dos conhecimentos tradicionais no intuito de promover tais melhorias no campo tradicional, com isso essas práticas tendem a sofrer uma perda cultural e consequentemente desvalorização de seus saberes, como podemos ver na fala de Pinto (2010),

A desvalorização desse conhecimento popular tem sua origem na legitimação da ciência moderna, responsável pelas fissuras por onde acaba ocorrendo um esvaziamento cultural de uma população, que há várias gerações, sempre buscou no ofício dessas mulheres, talvez, mais a transmissão de saberes e técnicas herdadas e apuradas ao longo das gerações, do que suprir as lacunas deixadas pela

medicina e pelos órgãos destinados à saúde. O não reconhecimento legal por parte dos profissionais ligados à saúde, como os médicos e do próprio sistema governamental, exterioriza o preconceito existente em relação às práticas de parteiras tradicionais (PINTO, Celeste 2010, p 152).

Durante a pesquisa, ao perguntar sobre o conhecimento da existência de parteiras tradicionais na cidade, eram constantes as indagações do tipo: O que é isso? Ainda existem parteiras vivas? Você encontrou alguma? Olha pensei que nem existiam mais! Se você encontrar aqui na cidade é muita sorte!

Esse fato denotou-me um sentimento de tristeza, ao perceber a invisibilidade do ofício das parteiras na cidade, os médicos principalmente, achavam não mais existir parteiras tradicionais vivas na cidade, porém quando eu informava que elas permaneciam vivas ainda que pouquíssimas todos ficavam admirados, essa admiração pra mim foi algo surpreendente, pois mostrou que na cidade de Abaetetuba a desvalorização das parteiras tradicionais é muito grande, o que é muito triste de ver essa realidade. Embora muito procuradas para realização das puxações e benzeções, seus valores e saberes sobre o partejo permanecem apenas nas memórias dos mais velhos, o que demonstra que não está sendo repassado para as gerações futuras o reconhecimento das mesmas, isso faz com que a identidade dessas mulheres vá se reconfigurando em meio ao saber tecnológico como podemos evidenciar na fala de Mott (1999),

Esta construção da parteira no imaginário social como mulher ignorante e desqualificada para o atendimento ao parto faz eco há tempo na área da saúde, como também em grande parte da sociedade. Surgida há séculos, está imagem continua presente “não só na literatura médica brasileira do século XIX, como também na de vários países, tendo sido inclusive incorporada por historiadores e sociólogos do século XX”. (MOTT, 1999, p.25). Assim, é recorrente encontrarmos pessoas que se surpreendem quando falamos sobre essa profissão (MOTT, 1999, p.25, apud FARIAS, Degiane, 2013 .p.34).

Segundo a parteira Maria da Consolação, o conhecimento dela e das outras parteiras não é o mesmo que o formal, pois os médicos formais atuam mais pelo dinheiro não por amor a sua profissão, segundo ainda a mesma isso denota uma serie de problemas que as mulheres vem sofrendo atualmente, como a violência obstétrica da qual uma a cada quatro mulheres sofrem hoje em dia vitimas dessa crueldade segundo dados do Ministério da Saúde. Para dona Maria da Consolação os médicos tinham medo de perderem espaço para as parteiras, já que elas permaneceram por muito tempo carregando nas costas as responsabilidades de trazer vidas ao mundo, e a confiança que a população depositara nelas era grande, portanto, a medicina formal tratou de tecer suas calúnias contra o trabalho das parteiras

O preconceito não deixou nos trabalhar junto dos médicos, olha só quem trabalhava com parteiras era o hospital das irmãs, lá que realizavam o parto, o Everaldo que tinha a Zita Margalho, a mariquinha, eu, entende? Eles não queriam achavam que só eles que eram estudado, que sábio fazer, eles com esse preconceito prejudicaram muita mulher, tem mulher que até hoje tem problema de escorrimento. Era só colocar elas, realizar uma reunião para ver o que cada uma ia fazer, o marido já levava a mulher pro hospital, por isso hoje em dia não se vê mais fazerem parto normais quase, olha como a Coló não fez mais, a Mariquinha e a Zita Margalho já se foram desse mundo a dona zumira também, entende, e outras também, agora é só hospital, é mais cesáreo (Dona Maria da Consolação, parteira, puxadeira e bezendeira, 06/01/2019).

No município de Abaetetuba não existe nem uma organização que reúna as parteiras na reivindicação de seus direitos, sendo assim elas nunca receberam atenção devida por parte das políticas públicas, nem promoção ou remuneração alguma, pelo contrário, nenhuma parteira está recebendo aposentadoria pelo tempo de dedicação prestado a sociedade, pelas noites de sono, pelo cansaço que passaram. As que recebem algum benefício é devido a idade que possuem, dentre as quais participaram da entrevista, dona Rosenil ainda não recebe por não ter idade ainda de se aposentar, já dona Euladia, Clotilde e Maria da Consolação recebem cada uma um salário, a irmã Antonietta também já se aposentou, porém não revelou quando ganhava.

No entanto, com exceção de dona Rosenil as outras parteiras continuam atuantes no ofício de puxar, benzer e na preparação de remédios caseiros. Portanto os saberes formais continuam presentes ainda, e muito procurados pela população que acreditam nos saberes dessas parteiras, embora vistas como puxadeiras somente.

A maior parte das pessoas no Brasil tem uma visão discriminante das parteiras, achando que os médicos formais são superiores a elas, somente porque atuam em hospitais, isso faz com que essas pessoas acreditem que as práticas tradicionais ocorra somente nas ilhas ou lugares longínquos. Todavia vale ressaltar que essa é uma visão que está vinculada ao saber científico, pois muitas regiões desse Brasil existem parteiras atuando em periferias das cidades também, ajudando a comunidade.

Infelizmente as parteiras tem sua prática desvalorizada frente as políticas públicas, que não promovem nenhum tipo de regularização dessa profissão, pois para o ministério do trabalho essa profissão é inexistente e portanto não se pode atribuir um pagamento ou remuneração a essa prática de trabalho, apesar de algumas regiões já haverem políticas voltadas para as parteiras ainda é uma luta que as mesmas enfrentam pelo reconhecimento dos seus direitos. Um exemplo de região que se destaca pelas organizações, projetos de parteiras e ONGS voltadas para o atendimento as gestantes é Pernambuco, o qual segundo a

autora Saccaro, “através da ONG Curumim Gestação e Parto, com sede em Pernambuco é uma das pioneiras no trabalho com as parteiras no Brasil e possui convenio com o Ministério da Saúde, para realização de ações de capacitação de parteiras” (SACCARO, 2009 p.67).

É importante frisar que apesar da existência de ONGS, nem todas as parteiras da região encontram-se cadastradas nessas organizações, e não recebem alguma remuneração provinda do Ministério do Trabalho, dessa forma apenas algumas conquistas foram conseguidas pelas parteiras nessa região, pois o que pode-se analisar é que as organizações e o Ministério da Saúde está mais preocupado em promover as práticas higienistas, através da capacitação do que ajudar essas mulheres financeiramente, regulamentando sua profissão, como cita a autora SILVA

Mas se ainda não conseguiram garantir o pagamento por parto, as parteiras tem outras vitórias a comemorar. Todas as profissionais cadastradas possuem, hoje crachás que dão acesso aos hospitais públicos e permitem que elas acompanhem os partos de suas parturientes. Garantir materiais limpos e próprios para o parto é um dos grandes objetivos do PEPT, pois foi exatamente a falta de higiene verificada em alguns partos que domiciliares e os altos índices de mortalidade materna e perinatal que levaram a Secretaria do Estado de Pernambuco a despertar para a necessidade de desenvolver o programa (SILVA, Liliana, 2004, p.4).

Fica claramente visível que o discurso tecnicista é sempre o mesmo, a propagação da falta de higiene promovida pelas parteiras, o que não passa de uma desculpa para tentar deslegitimar as práticas das parteiras, é repugnante notar que tais autoridades supunham que as parteiras não realizavam um excelente trabalho, se não fosse a força e a determinação dessas mulheres centenas de pessoas não haveriam nascido, inclusive os próprios médicos que tentam desqualificar de qualquer jeito o saber das mesmas.

Também no Amapá (área urbana), o discurso médico da década de 60, começa ser objetivado de forma que a população tende a adota-lo, deixando de lado o saber das parteiras, como se fossem inferiores ao saber formal, haja vista que, o mesmo não era para ocorrer, uma vez que as parteiras foram as primeiras médicas a atuarem nas comunidades e portanto nada substitui esse dom. Vale ressaltar aqui que, somente a partir de 1995 é que os registros destinados as parteiras começam a aparecer, a partir de projetos do governo para com as parteiras locais (BARROSO, 2009). Não diferentemente em Melgaço no Marajó, as práticas de partejo a domicilio também é algo muito recorrente na cidade, e da mesma forma como nas regiões citadas acima o curso também foi promovido através do Ministério da Saúde em parceria com os grupos de parteiras locais.

Todavia, é importante especificar que, apesar dos cursos promovidos com o intuito de limpar o trabalho das parteiras, isso também fez com que elas se unissem e formassem assim um grupo sólido para reivindicar o reconhecimento do seu ofício, pautadas nas suas dificuldades enfrentadas no dia a dia. Em Abaetetuba (cidade), não houve formação de organizações que juntamente com as parteiras pudessem reivindicar e lutar pelos direitos delas e o reconhecimento do ofício de partejar, houve de fato curso promovido pela Secretaria de Saúde com intuito de capacitar essas parteiras, reduzindo segundo eles as mortes de bebês, discurso propagado pela medicina formal até nos dias de hoje, fato que não condiz, já que ficou provado diante dos relatos das parteiras, que não havia tantas mortes como mostra a medicina formal e que elas conseguiam a pesar das dificuldades enfrentadas e poucos recursos, mas com toda a experiência que carregavam e carregam realizar grandes quantidades de partos.

Contudo, na cidade de Abaetetuba durante a pesquisa realizada, muitos foram os questionamentos retratados pelas parteiras, dentre eles a invisibilidade destinadas a elas por parte das políticas públicas, que não as reconhecem como vivas e atuantes, além disso, é importante citar aqui, um fato que me causou indignação, não somente a mim, mas as parteiras vivas também, o olhar estendido pelos meios de comunicação a apenas uma parteira em especial, devido ao seu sobrenome estar ligado ao de uma família de posses na cidade. Vale ressaltar que essa parteira já é falecida a muito tempo, conhecida como dona Ita Margalho, quando se retrata sobre o tema parteira o nome de dona Ita é imediatamente lembrado, mas das parteiras que se encontram vivas e das outras que se foram não é nem citado.

A parteira dona Clotilde de 75 anos fez um desabafo durante a entrevista, pois apesar de ser procuradas pela população para a prática da puxação, pouquíssimas pessoas sabem que ela também ajudou a trazer vidas ao mundo, e durante anos de dedicação nem uma homenagem foi dada a ela e nem a outras parteiras que atuaram no município e que passaram pelas mesmas dificuldades, diante disso dona Coló como carinhosamente é chamada desabafou

Eu não tô querendo me exhibir, nem me exaltá, eu achei muito doido, não dueu nela, porque já está morta, eibirem só dona Ita, como só dona Ita, não foi só dona Ita que deu luz pra tanta criança. Não era só ela, o filho, a neta exibindo na televisão, sabe! Aquilo dueu sabe! Eu disse infelizmente eu não quero me meter, se não eu ia pegar uma pessoa superior a eu, que não existe, mas no conhecimento existe, ia procurar meu direito, que aparam aquelas que ainda tão vendo, não foi só Ita que fez não. Não quero me exhibir, pra fala não, só que dueu, dói por aquelas que não tão dando conta de nada, que ajudaram dia e noite tanta gente (Dona Clotilde, parteira e puxadeira 25/10/2018).

Diante do desabafo de dona Coló fica evidente o desrespeito que se tem na cidade de Abaetetuba pelos representantes públicos, pela medicina formal, para com as parteiras que tanto dedicaram sua vida diante de fazer o bem à população, e hoje não contam nenhum apoio dos órgãos competentes que infelizmente só tecem críticas a respeito das mesmas. É incabível que em pleno ao século XXI, tais preconceitos continuem, pois os médicos formais deveriam aprender com as parteiras a arte de partejar, pois elas sabem como dar atenção, amor, aconchego e respeito as parturientes e a qualquer pessoa que procure por seus saberes, saberes estes que se reconfiguram no ato de servir e ajudar ao próximo.

Todavia, a medicina formal deixa muito claro a sua posição em relação ao parto tradicional e não pretende ceder espaço a esses saberes, de forma que para eles não representariam avanços nenhum e sim retrocessos e sendo assim, deve-se segundo eles buscar sempre o moderno e tecnológico (Doutor Alberto Araújo, Ginecologista e obstetra, 16/02/2019)

Não se pode negar que, a medicina formal seja de grande ajuda a população, no entanto, para o saber tradicional foi ao mesmo tempo desafiador, uma vez que proporcionou uma diminuição das práticas de partejar, e a resignificação dos mesmos. Diante disso a problemática levantada nesse trabalho sobre como as parteiras se encontravam frente as políticas públicas, fica explícita, uma vez que as parteiras na cidade de Abaetetuba não realizam mais partos domiciliares em virtude da construção de hospitais, maternidades particulares e Unidades de Saúde da Família, no entanto elas continuam pondo em pratica seus saberes através de puxações, benzeções e remédios caseiros a base de ervas naturais, dessa forma é evidente que mesmo diante da medicina formal, as práticas tradicionais não morreram, pelo contrário, continuam vivas, ajudando quem precisa e mesmo diante dos preconceitos e da falta de valorização do ofício de partejar, as parteiras não abaixaram a cabeça, pelo contrário continuam resistindo bravamente, mostrando que suas práticas não são do passado, mas sim do presente.

No Brasil já vem sendo realizado atualmente o parto humanizado, no qual a mulher escolhe a melhor posição para ter seu bebê, essa pratica ocorre de forma natural e tem sido procurada por muitas mulheres que querem ter um melhor aconchego da família, do lar, e recebendo maior atenção da equipe que fara seu parto, como bem evidencia Soares,

Contudo, para o Ministério da Saúde (MS, 2013), a humanização privilegia o bem-estar da mulher e do bebê ao considerar os processos fisiológicos, psicológicos e o contexto sociocultural, caracterizado pelo acompanhamento contínuo de gestação e parturição[...] Nessa posição é fundamental a inserção da enfermeira obstetra ou a obstetriz (profissional graduada em obstetrícia), para o

acompanhamento durante a gestação, trabalho de parto, parto e após o nascimento e, ainda, pela detecção precoce de complicações com encaminhamentos para unidade de saúde de acordo com o nível de referência (SOARES, Gedeão, 2017, p.60)

Apesar dos avanços que já se tem na tentativa de melhorar os partos no sistema de saúde, seria essencial a presença das parteiras, pois com elas na atuação muitos problemas decorridos na forma de fazer partos seriam solucionados, além da agilidade que e experiência que elas teriam, já que sabem como agir diante das dificuldades, no entanto o que se percebe também nos partos humanizados é o saber formal prevalecendo. Muitas mulheres sofrem em decorrência dos maus tratos sofridos nos hospitais e não se sentem confortáveis diante dos médicos, diferentemente de quando eram atendidas pelas parteiras, pois tinham um cuidado todo especial

Eu tive só dois filho no hospital, mas sabe eu não gostei não, me arrependi, os medico não tratam a gente como a parteira tratava, eles forçam a gente a ter, amassam a barriga da gente, cortam por baixo e ainda cotam tudo errado, ainda bem que eu não posso mais ter filho, porque é muita dor agente sofre muito no hospital, não temo nem a família da gente por perto, os medico não deixam, a gente fica sozinha (Parturiente dona Maria Gomes, 73 anos 21/03/2019).

Portanto, seria muito importante que as políticas públicas olhassem para as parteiras e dessem mais atenção, reconhecendo suas práticas, seu ofício e incorporando-as na assistência medica nos hospitais, com salários adequados e respeito para com as mesmas, pois salvar vidas é o que elas mais fizeram e continuam a fazer nesses imensos lugares que a tão formal medicina não chega, bem como nas periferias de grandes cidades. As parteiras são mulheres que representam uma força grandiosa de promover o bem não importando a quem seja estão sempre prontas a ajudar, tomando para si a responsabilidade de cuidar, com a benção de Deus que as capacitou com o dom de salvar vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho, pude sentir de fato o poder que as práticas tradicionais possuem, o que me possibilitou cada vez mais a vontade e entusiasmo de seguir adiante com o tema da pesquisa. Em cada conversa realizada com as parteiras me surpreendia ainda mais, pois estava diante de um saber excepcional que me fascinava e ao mesmo tempo me permitia adentrar nessa viagem de conhecimento, que precisava ser evidenciado.

Em Abaetetuba, especificamente na cidade onde se desenvolveu o presente trabalho, foi possível notar que as parteiras sempre se mantiveram presentes no dia a dia da população na década que propôs o estudo, constituindo-se de suma importância para vida da população, através do partejo tradicional, dos banhos, dos remédios caseiros a base de ervas, das puxações, das benzeções, enfim, diante de todas essas práticas milenares, não tem como duvidar que o saber tradicional foi e continua sendo procurado pela maioria da população que acredita no poder dos mesmos. Indagações e questionamentos foram tomados por mim durante as entrevistas, no intuito de preencher as lacunas deixadas pela historiografia, que pudesse assim trazer esclarecimento e compreensão a respeito das práticas tradicionais, nesse sentido tornando-se algo evidenciado na cidade de Abaetetuba para que a população atual, as novas e futuras gerações saibam da existência dessas práticas e das mulheres por elas desenvolvidas.

Durante a pesquisa pude contar com a entrevista de cinco mulheres extraordinárias, que me receberam com muito carinho em suas casas, mulheres humildes, porém com uma sabedoria incrível cito aqui: Dona Maria da Consolação, Clotilde Lobato, Rosenil Silva, Euladia Pereira e Irmã Antonietta Negreto, todas exerceram o ofício de partejar, no entanto, nenhuma delas encontra-se atualmente realizando essa prática na cidade. Todavia com as mudanças ocorridas no decorrer do tempo e a chegada do saber formal as parteiras relataram que a prática do partejo domiciliar sentiu os reflexos da medicina formal, que se manteve atuante tentando se sobrepôr e incorporando para si algumas técnicas do saber tradicional, o que fez com que essas mulheres tivessem que ressignificar suas práticas.

Todavia, isso se deve ao fato de que, com a medicalização ocorrendo nos hospitais as mulheres acabaram aderindo a essa nova forma de saber formal, no qual acreditavam que estariam em boas mãos caso viesse ocorrer algum eventual problema na hora do parto, junto a isso se soma as novas técnicas mecanicistas de partejo realizadas pelos médicos formais, nesse sentido o parto cesáreo, passou a ser recorrido cada vez mais por mulheres que queriam evitar as dores do parto, instruídas na maioria das vezes pelo próprio médico. Contudo, a medicalização não tem o mesmo modo de saber fazer das parteiras, e algumas mulheres após terem passado pelas mãos dos médicos formais alegaram que, não eram bem cuidadas, uma vez que o parto ocorria sem o aconchego da família, onde passavam por constrangimentos diante dos médicos que na maioria das vezes não davam uma palavra de conforto nesse momento que se constituía tão especial na vida da parturiente, assim elas diziam que as parteiras eram muito melhores, pois tinham todo cuidado com elas.

A pesar desses acontecimentos que acabaram ocasionando mudanças na prática de partejar, os saberes tradicionais na cidade de Abaetetuba continuaram ocorrendo, as parteiras tiveram suas práticas reestruturadas, de forma que passaram a atuar somente nas puxações e algumas nas benzeções, além dos remédios caseiros a base de ervas medicinal. Vale salientar que as práticas de cura realizada pelas parteiras e benzedeiras em Abaetetuba, se faz presente atualmente na cidade, ajudando muitas pessoas, todavia, anos atrás essas práticas eram as únicas formas de cura e ajuda da qual a população podia contar, eram pelas mãos e pelo saber dessas mulheres que a comunidade se desenvolvia, sendo reconhecidas e muito requisitadas sempre, nunca negavam socorro quando eram procuradas, realizavam com amor e dedicação seus trabalhos, dessa forma detinha o respeito da população local e adjacente, pois as parteiras relataram durante as entrevistas que eram chamadas fora da cidade também para prestar ajuda, em regiões próximas ou longínquas lá elas estavam essas mulheres, enfrentado sol ou chuva não fraquejavam nunca.

Contudo, a pesquisa mostrou que praticas higienistas foram cobradas pelo poder público, que na época estava nas mãos de um médico responsável pelo SESP, o qual promoveu um curso de capacitação para as parteiras, na tentativa de impor tais questões higienistas e melhorar as práticas de partejo, apenas uma parteira relatou participação do mesmo, dona Clotilde de 75anos, que diz que o curso lhe ajudou em algumas questões como no material cedido para realização do partejo, porém disse que não mudou sua forma de realizar o parto, haja vista que o saber tradicional provém de

um dom e que nasce com a pessoa, da qual um curso nunca poderia mudar. Das parteiras que não participaram desse curso de capacitação, três delas realizaram o curso de técnica de enfermagem, do qual apenas uma mantém-se atuante nessa profissão, porém não nos hospitais e nem em clínicas, e sim nas casas das pessoas, realizando a profissão a domicílio, as demais encontram-se aposentadas por idade ou recebendo um pequeno auxílio doença, além de continuarem pondo em prática seus saberes em ajuda do próximo.

Durante a pesquisa deste presente trabalho pude evidenciar que as parteiras não obtiveram nenhum reconhecimento por parte do poder público, sendo que com o advento dos hospitais e postos de saúde da família na cidade de Abaetetuba/Pará, nenhuma política pública foi realizada para atendê-las, ou programas que as integrassem junto aos médicos formais nos hospitais. Nesse sentido as parteiras tiveram seus saberes desvalorizados pelo saber formal, sendo tratadas com ignorância e preconceito pelos mesmos, que subjagam o trabalho dessas mulheres, considerando-as sem experiência e sem higiene para realizar tais práticas, o que segundo eles seria o motivo da não incorporação das mesmas no sistema de saúde.

Esse argumento apresentado pelo saber formal não passa segundo as próprias parteiras de preconceito, medo de que elas pudessem ocupar o lugar dos mesmos, e de falta de amor próprio o que leva ao egoísmo tendencioso por parte do saber formal, que se fecha ironizando o saber das parteiras, além de que segundo elas, uma vez no hospital elas teriam que receber um salário justo e para não paga-lo evitando gastos, o poder público fecha os olhos para elas. Dona Clotilde diz que se ela tivesse oportunidade de atuar no hospital, iria ajudar muitas pessoas, realizando muitos partos e iria evitar os cortes realizados pelos médicos, que segundo eles seriam para evitar que a mulher ficasse frouxa, o que não é verdade, pois as parteiras realizaram centenas de partos não sendo preciso a realização desses cortes, elas deixavam o parto ocorrer de forma natural, havia amor, solidariedade, respeito, atenção entre parteira e parturiente, o que hoje em dia não acontece, o parto passou a ser frio, sem aconchego, sem afeto, onde as parturientes e feto deixam de ser protagonistas e passam a ser apenas parte quase sem importância do trabalho de parto.

O presente trabalho mostra que os médicos apesar dos grandes estudos realizados, não conhecem o corpo da mulher como as parteiras que em sua maioria analfabetas, tinham e tem uma grande experiência e sabedoria, entendendo só de olhar, e apenas no tocar reconheciam e/ ou reconhecem as enfermidades, ou a posição do

feto, conseguiam e/ou conseguem promover a cura e aliviar as dores da população, detentoras de um saber mágico, divino, ligado a uma força sobrenatural entrelaçada no poder da natureza, na missão de salvar vidas, baseadas na confiança e na solidariedade se servir (PINTO, 2010).

Diante disso, vale ressaltar que foi feita análise de todas as entrevistas cedidas pelas parteiras, parturientes e médicos formais, da qual foi possível a discussão deste trabalho sobre as histórias das parteiras na cidade de Abaetetuba, além dessas entrevistas muitos artigos, teses de mestrado, trabalhos de conclusão de cursos, me ajudaram a entender o universo do saber tradicional, do partejo, as entrevistas me surpreenderam pelo fato das parteiras não serem reconhecidas pelo ofício de partejar, existindo pessoas que nem se quer sabem explicar o significado de parteira tradicional, outras dizem desconhecer a existência viva dessas mulheres, principalmente os médicos formais e o poder público, esse fato deixou-me triste, no entanto, com mais força e vontade de escrever sobre elas para que todos possam conhecer e reconhecer as histórias de vida, de luta e de força que essas mulheres possuem. As parteiras em Abaetetuba são verdadeiras mães que dedicaram suas vidas em prol de outras, além de ajudar a trazer ao mundo e cuidar antes, durante e pós-parto das parturientes e crianças.

Além dessas evidências, no decorrer da pesquisa, fiquei muito surpresa quando a parteira dona Clotilde confessou ter criado 43 crianças como se fosse filhos nascidos dela mesma, fora as que foram doadas para outras famílias na cidade, crianças deixadas por mães que não tinham condições ou que não as queriam, além dela a Irmã Antonietta, também relatou esse mesmo fato, no entanto, as crianças eram todas doadas a famílias com boas condições que pudessem dar um bom futuro a elas, isso mostra a coragem e a mulher guerreira que as parteiras representam não somente na cidade como em outras regiões afora.

Contudo, e diante desse trabalho fica evidente que as parteiras figuras importantíssimas na vida da população Abaetetubense, sempre se mantiveram a disposição de servir e de ajudar, com dádiva de Deus exerciam seus saberes, cumplicidade, amizade, amor dedicação, palavras que se resumem no que elas representam. Apesar de encontrarem-se atualmente sem ajuda e apoio dos governantes, não recebendo nenhum tipo de remuneração pelos anos de dedicação prestados à população com seus ofícios, ou seja, na cidade de Abaetetuba, assim como em várias regiões desse Brasil, o ofício de partejar não é conhecido, porém, seus saberes resistem todos os dias, diante do cientificismo que tenta ofuscar o brilho e a

magia que elas possuem, nas puxações, nas rezas, nas benzeções, nos remédios caseiros, enfim, na serenidade que não pode ser pagada.

Nesse sentido, posso dizer sem dúvida que aprendi grandiosamente com o relato dessas sabias mulheres, na qual mergulhei junto com elas nessa viagem, em cada momento que elas contavam suas histórias, suas lutas, suas percepções. Dessa forma o presente trabalho na cidade de Abaetetuba/Pará me ajudou muito a compreender esse universo magico e fascinante, da qual eu faço parte, permitindo meu crescimento profissional e pessoal, espero que o mesmo possa contribuir para que as práticas tradicionais não sejam esquecidas e sim valorizadas, pude aprender com essas mulheres, protagonistas de suas histórias que a força e a coragem devem ser postas todos os dias diante das dificuldades para que os obstáculos sejam vencidos. No entanto a pesar de muitos trabalhos realizados em várias regiões do Brasil sobre essa temática, muito ainda deve ser feito para que esses saberes possam ser evidenciados e reconhecidos, com respeito e atenção merecida, para que todos possam saber de fato o que essas mulheres são realmente e o poder que elas possuem.

FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA

1. FONTES ORAIS:

Parteiras, benzedeiras e parturientes e médicos entrevistados no decorrer da pesquisa.
Irmã Antonietta Negretto 81 anos, parteira e Missionária Xaveriana, aposentada, residente no bairro centro Abaetetuba/Pá, entrevista realizada em 11/03/2019.

Rosenil Santos Silva 53 anos, parteira e técnica de enfermagem, residente no bairro da entrevista realizada em 25/10/2018.

Maria da Consolação Carvalho de Araújo, 68 anos, parteira, puxadeira e Benzedeira, mãe de 02 filhos, residente no bairro da aviação, Abaetetuba/Pá, entrevista realizada em 06/01/2019.

Clotilde Lobato da Silva 75 anos, parteira e puxadeira, residente no bairro de São Lourenço, Abaetetuba/Pá, mãe de 37 filhos, entrevista realizada em 24/02/2019 e em 25/10/2018.

Euladia Pereira 74 anos, parteira, puxadeira e Benzedeira, residente no bairro da francilândia, entrevista realizada em 30/10/2018.

Maria de Fatima 61 anos, Parturiente, doméstica, residente no bairro da Francilândia Abaetetuba/Pá, entrevista realizada em

Maria Rosete Ribeiro 40 anos, parturiente, vendedora, residente no bairro São Lourenço Abaetetuba/Pá entrevista realizada em 28/01/2019.

Maria Gomes, 73 anos, parturiente, domestica, residente no bairro da aviação Abaetetuba/Pá entrevista realizada em 21/03/2019.

Dulcineia Cardoso 56 anos, parturiente, domestica, residente no bairro da aviação, entrevista realizada em 06/02/2019.

Airosvaldo Vital, 68 anos, obstetra e cirurgião geral, entrevista realizada em 02/12/2019.

Alberto Filho, ginecologista e clinico geral, entrevista realizada em 16/02/2019.

2. FONTES IMAGÉTICAS:

Imagens fotográficas feitas no decorrer da pesquisa e as encontradas nos acervos das pessoas que foram entrevistadas;

Mapas de localização do município de Abaetetuba e dos bairros nela pertencente;

3. FONTES DOCUMENTAIS ESCRITAS:

Documentos escritos encontrados nos acervos familiares das parteiras, como:

Certidão de Nascimento;

Documentos Pessoais das Parteiras;

Anotações dos números de partos;

Certificado do curso de parteiras.

Documentos encontrados com mãe das crianças (declaração de nascidos).

4. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Moema da Silva; pinho, Diana Lúcia Moura & SANTOS, Silveria Maria dos. As Representações Sociais das Parteiras Tradicionais e o Seu Modo de Cuidar. Cad. Cedes, Campinas, vol.29, n.79, p.373-385, set./dez.2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FARIAS, Degiane da Silva, Entre o parto e a benção: Memória e Saberes de Mulheres que partejam, Bragança 2013.

FLEISCHER, Soraya Resende. Bolsas, livros, camisetas e certificados. Ou o que as parteiras de Melgaço tem a dizer sobre os cursos de treinamento. Parto e Maternidade: Profissionalização assistência, política públicas-ST 26, 2011.

MELO, Julia M. de, MULLER, Elaine & GAYOSO, Daniella B. Parteiras Tradicionais de Pernambuco: Saberes, Praticas e Politicas. In: Seminário de Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN2179-510X.

PEREIRA, Marina Santos, O trabalho da Parteira: um saber indiciado e compartilhado entre as mulheres 2011.

PIMENTA, Debórah Giovana; BARBOSA, Marcela de Andrade; SILVA, Thiago Luis; GOMES, Mourão Xavier; LUDMILA. O Parto realizado por parteiras: uma revisão integrativa. Revista Eletrônica Trimestral de Enfermaria, ISSN1695-6141. Nº30, Abril 2013.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas; práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Açaí- Pará/2010.

SACCARO, Ellien Antonietta, A Vida pede passagem: O parto e as parteiras tradicionais, Bauru: Livro-Reportagem/2009.

SOUSA, Ronaldi Felipe Barreto, Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedeadas e Rezadores-memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica 2015.

BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Verena. “Fontes orais: História dentro da história”. In.: PINSKY, Carla B. (ORG.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006. pp.155-202

BARBOSA, Camila Meira; DIAS, Maria Djair; SILVA, Maria do Socorro Sousa; CARICIO Márcia Rique, MEDEIROS, Ana Paula Dantas Silva. Mulheres e parteiras tradicionais: Práticas de cuidado durante o processo de parto e nascimento em domicílio. IN:R. pesq.: cuid. Fundam. Online 2013.jan./mar.5 (1): 32006

BARROSO, Iraci de Carvalho. Os Saberes de Parteiras Tradicionais e o Ofício de Partear em Domicílio nas Áreas Rurais. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, N°2. Dez.2009.

BARROSO, Iraci de Carvalho. Os Saberes e Prática das Parteiras Tradicionais do Amapá: Histórias e Memórias. UNICAMP, CAMPINAS/SP,2001.

BORGES, Moema da Silva; PINHO, Diana Lucia Moura & SANTOS, Silvéria Maria dos. As Representações Sociais das Parteiras Tradicionais e o Seu Modo de Cuidar. Cad.Cedes, Campinas, vol.29, n.79,p.373-385et/dez.2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Livro da parteira tradicional / Ministério da saúde, Secretaria de Atenção à saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas-2. Ed. Ver. Ampl – Brasília: Ministério da Saúde, 2012, 172 p.: il.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: Variedades de história Cultural, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p.67-89.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, História oral e narrativas: tempo, memória e identidades, 2003 Disponível em <http://moodle.ufsc.br>

FARIAS, Degiane da Silva, Entre o parto e a benção: Memória e Saberes de Mulheres que partejam, Bragança 2013.

FLEISCHER, Soraya Resende. Bolsas, livros, camisetas e certificados. Ou o que as parteiras de Melgaço tem a dizer sobre os cursos de treinamento. Parto e Maternidade: Profissionalização assistência, política públicas-ST 26, 2011.

FLEISCHER, Soraya Resende. Parteiras, buchudas e aperreios: uma etnografia do cuidado obstétrico não oficial na cidade de Melgaço. Belém /Pará: Paka-Tatu; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

FLEISCHER, Soraya Resende. Puxando barrigas para puxar assuntos: a massagem abdominal como uma fonte de saber e significados entre parteiras marajoaras. V. 07. N. 19, dez./jan. de 2006.

GAYOSO, Dan; VIANA, Paula; MULLER, Elaine; MORIM, Julia. Um Mundo pelas Mãos. Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais e Indígenas de Pernambuco. Catálogo de exposição Parteiras, 2013.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006

<http://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/698/455> Acessado em 08/11/2016

<http://www.scielo.br/pdf/nec/n72/a07n72.pdf>

<http://www.scielo.br/pdf/nec/n72/a07n72.pdf> Acessado em 08/11/2016

<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/1893/pdf/678>

MELO, Julia Morim; MULLER, Elaine; GAYOSO, Daniella Bitencourt. Parteiras Tradicionais de Pernambuco: Saberes, práticas e Políticas, 2013. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10(Anais Eletrônicos), Florianópolis, ISSN2179-510X.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e Memória: Algumas Observações, SD.

MOTT, Maria Lúcia Barros. A Parteira Ignorante: Um erro de diagnóstico médico?, Estudos Feministas 7(1), 1999.

PASQUALIM, Camila. Repressão das Práticas Curativas Tradicionais na Primeira Modernidade, SD.

PEREIRA, Marina Santos, O trabalho da Parteira: um saber indiciado e compartilhado entre mulheres 2011.

PIMENTA, Debórah Giovana; BARBOSA, Marcela de Andrade; SILVA, Thiago Luis; GOMES, Mourão Xavier; LUDMILA. O Parto realizado por parteiras: uma revisão integrativa. Revista Eletrônica Trimestral de Enfermaria, ISSN1695-6141. Nº30, Abril 2013.

PINTO, B. C. de. M, A caracterização do dom de parteiras, benzedeiras e curandeiras no baixo Tocantins no Pará, 2008.

PINTO, B.C de. M. Vivencias cotidianas de parteiras e Experientes do Tocantins. In: Revista Estudo Feminista v.10, n.2. Florianópolis: jul/dez, 2002.

PINTO, B.C.de. M. Gênero e Etnicidade: histórias e memórias de parteiras e curandeiras norte da Amazônia. Belém. n.2. jul/dez..2012

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **“Filhas da Mata”: prática e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina** / Benedita de Celeste de Moraes Pinto. Belém: Açáí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Nas veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos** / Benedita de Celeste de Moraes Pinto. Belém: editora Paka Tatu, 2004.

PRIORE, Mary Del. A antropologia histórica e a historiografia atual: um cordial diálogo. In. <http://periodicos.fundj.gov.br/CIC/article/view/698/455>

SACCARO, Ellien Antonietta. A Vida Pedre Passagem: O Parto e as Parteiras Tradicionais, Bauru, 2009.

SANTOS, Irineia M. Franco. História e Antropologia: Relações Teórico-Metodológicas, Debates sobre os Objetos e os Usos das Fontes de Pesquisa 2010

SANTOS, Liliana Silvéria. Parteiras Tradicionais Brasileiras. Campanha de Incentivo ao Parto Normal. Ministério da Saúde, 2004.

SANTOS, Luciana Guimarães. “A Arte de Partejar”: Das parteiras tradicionais à medicalização do parto no Amazonas 2016.

SANTOS, Silveria Maria dos. Parteiras Tradicionais da Região do entorno de Brasília, Distrito Federal, 2010.

SANTOS, Silvéria Maria dos; BANDEIRA, Maria de Lourdes. Ambivalência e Experiências das Práticas de Cuidado das Parteiras Tradicionais: Resistência ou Assujeitamento?, 2007.

SCHWARCZ, Lilia K. Mortiz. Questões de fronteira-Sobre uma antropologia da história. In. SHALINS, Marshall, História e Cultura: apologia a Tucídides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SCOTT, Joan. História das mulheres 2011

SHALINS, Marshal, História e Cultura: Apologia a Túcides. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

SHARPE, Jim. “A História vista de Baixo”. In BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, P. 39-62.

SILVA, Andreia do Socorro Abreu, As “mães Marias” e a arte de partejar em Santa Luzia do Pará, 2017.

SILVEIRA, Éder da Silva. História e Memória: a construção de um perfil de historiador-Etnográfico. Ciência e Conhecimento- Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo-Vol. 01,2007, História, A.2.

SOARES, Gideão Pantoja. Práticas e Saberes de Mulheres Parteiras e Benzedeiras da Comunidade Boa Esperança do Rio Meruú no Município de Igarapé Miri/Pará, no período de 1995-2015, Cametá, 2017.

SOUSA, Ronaldi Felipe Barreto, Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedeiras e Rezadores-memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica 2015.

THOMPSON, Paul, A voz do passado- história oral. Rio de Janeiro: Paz na terra, 1992 z.

ZUÑIGA, Natália Monge. Saberes, Práticas e Histórias de vida de Parteiras Tradicionais da Resex Mapuá, Ilha do Marajó 2017.